

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E***  
***CULTURA***

**Fabiano Gregolin de Campos Bueno**

**HOMEM QUE NÃO LADRA, CÃO QUE NÃO MORDE: A**  
**Comunicação Interspecies marcando a Cultura pós-moderna**

**Sorocaba/SP**

**2009**

**Fabiano Gregolin de Campos Bueno**

**HOMEM QUE NÃO LADRA, CÃO QUE NÃO MORDE: A  
Comunicação Interespécies marcando a Cultura pós-moderna**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

**Sorocaba/SP**

**2009**

B941h Bueno, Fabiano Gregolin de Campos  
Homem que não ladra, cão que não morde: a comunicação  
interespecies marcando a cultura pós-moderna / Fabiano Gregolin de  
Campos Bueno. -- Sorocaba, SP, 2009.  
108f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva  
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de  
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

Contém anexos e bibliografias

1. Comunicação. 2. Comportamento animal. 3. Com portamento  
humano. 4. Relacionamento homem-animal. 5. Comunicação e Cultura. I.  
Silva, Paulo Celso da, orient. II. Título. III. A comunicação interespecies  
marcando a cultura pós-moderna. IV. Universidade de Sorocaba.

**Fabiano Gregolin de Campos Bueno**

**HOMEM QUE NÃO LADRA, CÃO QUE NÃO MORDE: A  
Comunicação Interespécies marcando a Cultura pós-moderna**

Dissertação aprovada como requisito parcial  
para a obtenção de grau de Mestre no  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
e Cultura da Universidade de Sorocaba

Aprovado em 26 de agosto 2009.

BANCA EXAMINADORA:

---

Pres.: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva – Uniso

---

Exam.: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliete Jussara Nogueira –  
Uniso

---

Exam.: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marli Gerenutti – Uniso

Dedico este trabalho a todos que direta ou indiretamente contribuíram para seu desenvolvimento em especial aos que compreenderam minha ausência nos momentos dedicados a sua elaboração.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao iniciar esse trabalho, tinha objetivos pouco ambiciosos a respeito de onde poderia chegar. Com o passar do tempo e com a acumulação de conhecimentos, fui conduzido ao caminho da reflexão e do entendimento do mundo de uma forma muito mais filosófica e assertiva. O objetivo que antes era apenas de mostrar um pouco de minha convivência com os animais, ou com o meio veterinário, se tornou em uma forte e incessante vontade de buscar informações e aprimorar idéias a respeito da vida humana e animal.

Na busca das respostas para as muitas dúvidas, fui forçado a abrir mão de muitas coisas, em especial de momentos de socialização com amigos e familiares. Mesmo com muitas cobranças a compreensão sempre se fez presente, assim, só me resta aqui deixar gravada a minha gratidão com relação a compreensão de todos.

Agradeço ao meu orientador Paulo Celso, pela paciência e senso aventureiro em encarar um trabalho diferente e sem rumo certo, em especial por abrir mão de horas de descanso e lazer para me orientar.

Agradeço a todo corpo docente que me conduziu ao novo, despertando em mim a capacidade de ver, entender e sentir o mundo com outros olhos, olhos esses muito mais abrangentes e cautelosos.

Deixo aqui gravado meu especial agradecimento a minha noiva Caroline e a minha linda Mabuya, minha cachorrinha vira lata que é insubstituível.

Ando devagar, porque já tive pressa  
E levo esse sorriso, porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe?  
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, nada sei...

(Almir Sater e Renato Teixeira)

## RESUMO

O estreitamento no relacionamento entre homens e seus animais de estimação é crescente desde que a domesticação passou a fazer parte da cultura humana. É fato, principalmente nos últimos vinte anos, que esse relacionamento tomou dimensões dificilmente concebíveis a algumas décadas atrás. Sob esta ótica, vários fatores são de extrema relevância. Neste trabalho foi abordado o papel da comunicação na cultura das pessoas que se relacionam ou desenvolvem algum tipo de atividade com animais de companhia, traçando um paralelo entre a comunicação homem-homem e homem-animal. Na atualidade o cão tornou-se mais que um simples animal de estimação e passou a ser considerado, em muitos casos, como um amigo, confidente e até mesmo um membro da família. Esse relacionamento entre o cão e o homem nos permite tomar conhecimento da complexidade comunicacional existente, abrangendo o homem, o cão e o ambiente em que ambos estão inseridos. As questões da comunicação bem como da cultura foram estudadas através de pesquisas quantitativas e qualitativas, de forma a demonstrar a possibilidade de comunicação entre homens e cães.

Palavras-chave: Comunicação. Relacionamento homem-animal. Comportamento. Pets.



## **ABSTRACT**

The narrowness of the relationship between men and their pets is crescent since the domestication became part of human culture. It is a fact that, especially in the last twenty years, this relationship took dimensions rarely some decades ago. Beneath this circumstance, many factors are of the extreme relevance. In this job were aborted the paper of the communication on the people's culture that associate or develop some kind of activity with companionship animals, making it parallel the communication between man-man and man-animal. Nowadays the dog became more than a simple, but considerate, in many cases as a friend, reliable even a member of the family. This relationship between dog and man allows us to have knowledge of the complexity communication existent covering the man, the dog and the environment that both will be. The matters of the communication as the culture were studied through a selective amount of researches, in manner of showing the possibility of communication between men and dogs.

Key words: Communication. Human-animal relationships. Behavior. Pets.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 COMUNICAÇÃO: ASPECTOS CONCEITUAIS .....	14
2.1 O homem moderno, pós-moderno e a Comunicação .....	17
3 ANIMALIDADE .....	31
4 COMPORTAMENTO SOCIAL .....	36
5 INTELIGÊNCIA ANIMAL .....	42
5.1 Inteligência Canina .....	47
6 ENTREVISTAS PESSOAIS .....	77
6.1 Pesquisa feita em blogs na internet .....	86
6.2 Em tempo... flashes atuais .....	91
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS .....	95
ANEXOS.....	100

## 1 INTRODUÇÃO

O relacionamento entre o homem e o animal de companhia não é uma situação nova, mas foi somente nas últimas décadas do século XX que ele passou a ser debatido de forma mais intensa por estudiosos e pessoas que se dedicam ao convívio com animais. Não é uma discussão fácil e comum, pois o tema envolve várias outras áreas da ciência como psicologia, sociologia, fisiologia, biologia, história, geografia, antropologia.

Como conseqüência do estreitamento no relacionamento homem-animal, e das novas dimensões que ela tomou, onde o cão passa a ocupar um papel de destaque na sociedade e em casos extremos é considerado um membro da família, os estudos buscam respostas para os fenômenos causadores dessa aproximação geradora de novas formas comunicacionais, bem como suas causas e efeitos.

Entender as reflexões históricas sobre Comunicação bem como sua importância, os aspectos conceituais de Cultura, a relação da Comunicação com o relacionamento intra e inter-espécie, o comportamento dos animais e pesquisas de campo, fazem parte do contexto deste trabalho, que tem como objetivo identificar a possibilidade da comunicação homem-animal.

Esse tema foi escolhido devido a crescente participação do cão nas sociedades, ocupando posições de destaques em diversas áreas como: econômicas, representando milhões em faturamentos anuais em países como França, Estados Unidos, Brasil; na área veterinária onde o desenvolvimento tecnológico e o investimento em pesquisa são muito expressivos na busca do aprimoramento e descoberta de novas técnicas que possibilitem ao animal um nível de qualidade de vida muito próximo ao alcançado na medicina humana; na utilização de animais como adjuvantes em tratamentos médicos, em que o cão visita pacientes, em especial crianças, participando de atividades de desenvolvimento do sistema motor ou como forma de tornar os dias de permanência em hospitais menos deprimentes.

No primeiro capítulo serão abordados os aspectos conceituais da comunicação apontando seus vários sentidos e diversas definições comparando as

abordagens que perpassam a história da filosofia até os autores atuais, passando por estudos no sentido de ciência e o papel do homem na comunicação, sempre levando em consideração sua riqueza e amplitude, nos direcionando ao entendimento de que ela não se fundamenta em conhecimentos específicos, é polissêmica, plurilateral, abrangente.

No segundo capítulo faremos referência ao homem moderno, pós-moderno e a comunicação. Abordaremos o conjunto de mudanças que remetem a modernidade, passando pelos debates da escola de Frankfurt e o conceito de indústria cultural elaborado por Adorno e Horkheimer, passando pela Teoria Crítica.

A pós-modernidade será tratada levando-se em consideração sua proximidade com o período pós-industrial abordada por Coelho, genericamente tendo início após a Segunda Guerra Mundial, que retrata bem o panorama social atual, caracterizado por ecletismo, fuga dos padrões habituais, movimentos contra culturais e anti-modernistas, com políticas distintivas, refletindo um mundo de incertezas e falsas promessas. Apoiados nos conceitos de Harvey, abordaremos a transformação da experiência do tempo e do espaço, que caracteriza o homem pós-moderno pela efemeridade, onde a estética toma o lugar da ética.

A continuidade do capítulo se dá buscando um parâmetro de entendimento sobre a participação dos animais de estimação como partícipes do grupo humano com resultados sociais importantes na sociedade pós-moderna. Para não incorrerem no erro de antropomorfizar diálogos e relacionamentos entre humanos e cães, nos apoiaremos nas considerações de Fleck sobre estilo de pensamento, que ao caminhar para um realismo construtivista, indica que a forma de agenciamento das coisas sobre os humanos dependerá do estilo.

A animalidade será tratada no terceiro capítulo com base nos estudos de Ingold, que afirma existir várias maneiras humanas de ser, advogando que do ponto de vista existencial, somos cópias genéticas dos pais, mas sob o ponto de vista de expressão de humanidade, somos seres com aptidão para a cultura, colocando a identidade do ser humano como sujeito moral, porém, enfatizando que não se pode afirmar que animais de outras espécies não são dotados da faculdade de linguagem e pensamento, pois, existe a possibilidade de uma evolução da qual não temos conhecimento.

No quarto capítulo, intitulado Comportamento Social, discutiremos sobre o comportamento dos animais no seu convívio social inter-espécie, projetando a idéia

para a comunicação homem-animal. Compartilharemos com Deag, a afirmação de que a comunicação pode envolver qualquer dos sentidos, tomar várias formas, ocorrer em diversas circunstâncias e transferir informações de muitos tipos. Para explicar a complexidade da comunicação dos animais Deag dividiu o processo em: o estado do emissor, a execução do sinal, a recepção do sinal e a influência do sinal no comportamento do receptor, afirmando que o sentido da mensagem codificada no sinal depende do contexto em que o sinal é emitido e recebido e não do sinal em si.

O capítulo cinco, *Inteligência Animal*, foi desenvolvido primeiramente com base nos estudos de Warden e Warner, que aborda a superioridade da inteligência humana, porém, sem subestimar a inteligência dos cães. Suas pesquisas indicam que o cão tem capacidade em se comunicar com o humano podendo assumir tanto o papel de receptor como de emissor de mensagens.

Na sequência do capítulo, com base nos estudos de Coren, discutiremos sobre a inteligência animal. Discorreremos a respeito da possibilidade dos cães pensarem, sobre suas capacidades de treinabilidade e de respostas possíveis apenas após certo nível raciocínio. Iniciaremos com as várias vertentes sobre a origem do cão, desde o processo evolutivo como sugere Darwin, até chegarmos aos cães domésticos dos dias de hoje, passando pela possibilidade de sua origem ser proveniente dos lobos, chacais, raposas ou dos cães selvagens. Abordaremos a presença dos cães na religião que varia significativamente, para cada povo ou crença, onde ele tem significado de maior ou de menor importância.

Compartilharemos com a ideia de Coren, ao defender que a inteligência do cão, assim como a do homem, pode ser múltipla, podendo ser influenciada pela raça, pelo ambiente, espaço geográfico, capacidade do treinador, dentre outros. Citaremos ainda fatores de personalidades dos cães, que são provenientes de herança genética. Finalizaremos o capítulo afirmando com Coren, que todos os cães possuem inteligências específicas, o que significa dizer que todos tem potencial suficiente para serem boas companhias e capazes de responder a estímulos.

O capítulo seis é composto pelas entrevistas pessoais e pesquisas em blogs realizadas na internet. Foram feitas duas perguntas aos entrevistados pessoalmente. A primeira pergunta feita foi: Você acreditava que um cão é capaz de se comunicar com você? E a segunda pergunta feita foi: Você pode relatar algum acontecimento em que seu cão tentou se comunicar com você?

Os resultados foram positivos. 95% dos entrevistados, 38 de um total de 40 responderam que sim, que acreditavam que o cão era capaz de se comunicar com o homem ao passo que apenas 5%, responderam negativamente.

Em resposta a segunda pergunta, obtivemos relatos surpreendentes, e alguns depoimentos merecem destaque pela demonstração da capacidade comunicativa dos cães em diversas situações.

Por fim, no capítulo sete discorreremos sobre as considerações finais, onde apresentamos um apanhado geral dos resultados obtidos na pesquisa, sintetizando os pontos principais, refletindo sobre as conclusões da possibilidade da comunicação homem-cão.

## 2 COMUNICAÇÃO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Ora, um certo mito piro conta que, antigamente, os cachorros podiam falar, mas que perderam essa habilidade por terem desrespeitado um tabu (que o mito não diz qual é). Hoje em dia, as relações entre humanos e cachorros se reduzem à "linguagem" elementar das ordens dadas pelos primeiros e dos variados uivos, latidos e rosnados dos segundos. Isto sugere que o tabu quebrado pelos cães da antiguidade é aquele que incide sobre as relações incestuosas, e que o preço da quebra do tabu é a perda da linguagem. O incesto e a linguagem são estados mutuamente exclusivos: os Piro não falam sobre o incesto porque ele é, literalmente, "indizível". Peter Gow.

Abordar o tema da comunicação implica reconhecer que estamos diante de um fenômeno que pode ter diversas interpretações e sentidos. O desenvolvimento dos estudos sobre a comunicação percorre todo o século XX, desde os primeiros trabalhos ligados à propaganda política nos EUA, passando, por exemplo, pelos estudos sobre a indústria cultural, os estudos dos meios, os estudos semióticos ou aqueles que consideram que a comunicação é uma via de mão dupla, portanto, os meios de comunicação de massa, como a TV ou os grandes conglomerados jornalísticos não comunicariam, apenas informariam<sup>1</sup>.

Em um esforço de definição, vemos que o conceito de comunicação perpassa a história da filosofia com grandes implicações no pensamento contemporâneo. No verbete Comunicação do Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO 1998, p. 168) verificamos que:

Filósofos e sociólogos utilizam hoje esse termo para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão [...] a Comunicação nada tem em comum com a coordenação e com a unidade. As peças de uma máquina, observou Dewey, estão estreitamente coordenadas e formam uma unidade, mas não formam uma comunidade.

Os homens formam uma comunidade porque se comunicam, isto é, porque podem participar reciprocamente dos seus modos de ser, que assim adquirem novos e imprevisíveis significados.

Aqui podemos perceber que a comunicação aparece como um fenômeno

---

<sup>1</sup> Chaparro Escudero, Manuel. Comunicação e Desenvolvimento. Mesa Redonda Brasil Espanha 2. V colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação. Universidade de Brasília, 28 a 30 de agosto de 2008. Apontamento de Paulo Celso da Silva.

humano considerado enquanto participante de uma sociedade. Nesta definição não esta contemplada a comunicação mediada.

Percebemos então que a possibilidade de pensar e refletir a comunicação, passa pelo próprio entendimento do papel do homem na sociedade enquanto ser de identidade única mas que ao mesmo tempo coexiste com outras identidades que lhe dão o reconhecimento dessa unidade e constituem a sua realidade única, mas social. Ainda no verbete do dicionário de filosofia (p.168) encontramos que:

Dewey compartilha com Heidegger e Jaspers o ponto de vista de que a Comunicação constitui essencialmente a realidade humana, considera-a como uma forma especial de ação recíproca da natureza e acredita, portanto, que pode e deve ser estudada pela pesquisa empírica (*Experience and Nature*, cap. V).

O verbete comunicação segue indicando como os filósofos modernos entenderam e trabalharam, com a noção de comunicação.

Podemos verificar a dificuldade que o conceito de comunicação traz ao pensamento contemporâneo – na afirmação dos três filósofos como “essência da realidade humana” - e as dificuldades atuais de classificação visto que, ao se complexificar as relações sociais, por exemplo, através de aparatos tecnológicos de comunicação, de que essência estaríamos falando ou ainda, de que realidade?

Comparando o que foi citado com teóricos atuais vemos que para Sodré (2001,p. 11) a comunicação ocorre quando se quer fazer referência a a o de pôr em comum tudo aquilo que, social, político ou existencialmente, não deve permanecer isolado. Portanto, comunica o depende da figura do outro, mesmo que esse outro não esteja presente fisicamente e nem temporalmente como   o caso das várias modalidades de comunica o a distância (cartas, telefone, rádio, TV, email, blogs, twiter, etc).

Para Martino (2001,p. 14-15) em sua acep o mais fundamental, o termo comunica o refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a rela o entre consciências. Alerta para a necessidade de distinguir comunica o de participa o, no sentido plat nico, de ter algo em comum, apenas por serem membros de uma mesma sociedade. Desse modo o autor afirma que o termo comunica o não se aplica nem às propriedades ou ao modo de ser das coisas, nem exprime uma a o que reúne os membros de uma comunidade. Outra diferencia o necessária   entre comunica o e informa o.



A informação constitui um dos caminhos, não apenas para a comunicação mas também para o conhecimento, contudo, para isto, é necessário que a informação passe por 'filtros' que dependem da formação socio-cultural de quem recebe a informação para ser utilizada. A informação pode ser ativada a qualquer momento, desde que o receptor domine o código. Dessa forma, a informação só é comunicação em relação aqueles que conseguem entender, decifrar, o código.

Não se tem comunicação sem informação, e, por outro lado, não temos informação senão em vista da possibilidade dela se tornar comunicação. Enfim, se a identificarmos como um plano material do processo, pode-se dizer que uma informação é comunicação em *potencial*, se levarmos em conta sua capacidade de ser estocada, armazenada (codificada) e reconvertida num segundo momento (decodificada). (MARTINO, 2001, p. 18)

Tomando como exemplo uma linguagem técnica específica, como a linguagem comum entre veterinários, pessoas que não são da área, certamente não entenderão, ou entenderão algo diferente do que se quer transmitir, quando um médico veterinário diagnosticar: este animal está com displasia coxo-femural. Para que a mensagem fosse entendida o profissional poderia dizer que o animal tem um problema de encaixe na conexão da bacia com o fêmur. Da mesma forma, não ajudaria em nada se o veterinário recomendasse diretamente ao cachorro não ficar pulando o tempo todo que isso poderia agravar sua enfermidade, o animal não domina o código da linguagem para entendê-la, quando transmitida dessa forma, já que a capacidade receptiva do cão é limitada, sem capacidade de criação de repertórios polissêmicos, como será tratado mais adiante.

Passando para o estudo no sentido de ciência, temos que a comunicação não é autônoma, ela tem relação com outras disciplinas das ciências humanas. Se formos estudar comunicação interpessoal, abordaremos o comportamento das pessoas, entraremos na área da sociologia, se formos estudar a comunicação, do ponto de vistas da emissão dos sons, do processo de emissão da fala, estaremos abordando processos fisiológicos, tão logo, medicina, se formos estudar a comunicação com esquizofrênicos, por exemplo, entraremos no campo da psicologia, enfim, a comunicação não é uma ciência autônoma.

Ora, o processo comunicativo é, e sempre será, um processo essencialmente psicológico, sociológico, político... Assim colocado, o

problema parece insolúvel. Mas do mesmo modo que a dimensão física está presente na dimensão biológica, que por sua vez se encontra presente na dimensão psicológica e esta na dimensão social, sem que isso venha a significar um empecilho ao estabelecimento de qualquer uma das ciências citadas, o estabelecimento da disciplina Comunicação não está inviabilizado, *a priori*, pela complexidade das relações disciplinares e de seu objeto de estudo. (MARTINO, 2001, p. 35)

A riqueza e amplitude da comunicação nos leva a entender que ela não se fundamenta em conhecimentos específicos ela é polissêmica, plurilateral, abrangente.

Até aqui, podemos dizer que o papel do homem na comunicação é, sem dúvida, essencial e obrigatório, seja ele mediado por máquinas ou não. Também que a informação construída, acumulada e oferecida socialmente pode gerar comunicação e conhecimento de grande utilidade e qualidade para a transformação da realidade dos agentes envolvidos.

## **2.1 O homem moderno, pós-moderno e a Comunicação**

Alguns fatores políticos e sociais que parecem nos colocar muito distantes de uma situação que possa ser definida como pós-moderna, moderna, contemporânea, por possuir características que dificultam qualquer tipo de classificação temporal. A fome que acomete grande parte da população, o desemprego, a falta de saneamento básico, a baixa qualidade da educação pública, altos índices de criminalidade, corrupção política, máquina política inchada, cadeias públicas que mais parecem depósitos de gente, dentre inúmeros outros exemplos.

Mesmo não sendo o foco da pesquisa, cabe aqui abordarmos a modernidade como forma de fornecer subsídios para o entendimento mais aprofundado da pós-modernidade.

A modernidade remete a um conjunto de mudanças, sociais, intelectuais, políticas e materiais, ganhando notoriedade a partir do final do século XVII, com o surgimento e difusão do Iluminismo.

A escola de Frankfurt debateu a modernidade partindo dos meios de comunicação que se desenvolviam nos Estados Unidos na década de 40 criando conceitos como indústria cultural, cultura de massa.

Os meios de comunicação de massa são o oposto da obra de pensamento que é a obra cultural – ela leva a pensar, a ver, a refletir. As imagens publicitárias, televisivas e outras, em seu acúmulo acrítico, nos impedem de imaginar. Elas tudo convertem em entretenimento: guerras, genocídios, greves, cerimônias religiosas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento. A cultura, ao contrário, é para os frankfurtianos a quintessência dos direitos humanos. Em um mundo antiintelectual, antiteórico e inimigo do pensamento autônomo, a razão ocupa lugar central. Cultura é pensamento e reflexão. Pensar é contrário de obedecer. (MATOS, 1995, p. 64)

O conceito de indústria cultural, elaborado por Adorno e Horkheimer, diz respeito a uma teoria social do conhecimento. Segundo eles, a essência da massa é o reconhecimento do que nos é familiar. Sempre que algo toma o gosto comum e faz sucesso, a indústria o reproduz e o promove nos mesmos padrões, fatos que para eles, intensificam a passividade social.

Os mesmos autores dirão que a cultura de massa não é nem cultura nem é produzida pelas massas. O imperativo é ser novidade. Mas deve ser algo que não distancie muito dos hábitos e expectativas comuns, de fácil leitura, sem complexidade de modo a tornar-se facilmente compreensível pela massa. Adorno critica a “indústria cultural” por não ser democrática, transmitir informações de formas obscuras, agramatical e disortográfica, tornando o conhecimento, cada vez mais, benefício da elite (ADORNO, 2002, p. 7-74)

Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir, sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirar-lhes até o divertimento. Aqui não se coloca limite algum ao progresso cultural. Mas essa tendência é imanente ao próprio princípio – burguês e iluminista – da diversão. (ADORNO, 2002, p.41)

A incessante busca pelo não pensamento autômato é severamente abordado na Teoria Crítica, principalmente nos efeitos da televisão, como por exemplo, nos noticiários onde a notícia é formatada e transmitida de forma a inibir qualquer tipo de reflexão, ou em entrevistas onde o tempo de resposta é suficiente apenas para o entrevistado dizer o que é induzido a dizer.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos [...] ser moderno é fazer parte de um universo no

qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1987, p. 15)

A modernidade é o período de grandes descobertas científicas, industrialização da produção, conflitos de classe, movimentos de massa, urbanização acentuada e forte expressão capitalista, no sentido de acumulação, como defende Marx<sup>2</sup>. Esse período refletia um mundo de incertezas e falsas promessas que poderiam levar o indivíduo ao sucesso ou ao fundo do poço, sendo essa segunda, o que acontecia com a grande maioria, muito trabalho e pouca remuneração, pouco acesso a educação, alienação, padronização, elitização.

A evolução nos processos de comunicação, o desenvolvimento tecnológico, as novas formas de interação, as trocas culturais, são fatores responsáveis por uma nova etapa do relacionamento do homem na sociedade pós-moderna.

Com o advento dos aparelhos mediadores como computadores, celulares, palm tops, a troca de informações ocorre de forma extraordinariamente rápida, possibilitando que determinado fato ocorrido, seja compartilhado com o resto do mundo, muitas vezes, em tempo real. Empresas podem trabalhar simultaneamente, com a mesma informação, em países diferentes; mercados financeiros trabalham em sintonia com o que está ocorrendo no restante do mundo; pessoas comuns podem fazer compras sem sair de casa por meio do comércio eletrônico; povos distantes tem acesso a informações que antes demoravam, ou sequer tomavam ciência.

As trocas culturais tomam novas dimensões. O que antes era do domínio de grupos distintos, passa a ser disseminado, cruzando fronteiras, possibilitando trocas, derivações, misturas e surgimentos de novos movimentos culturais. Em contrapartida, permite distorção de propósitos e interpretações confusas da cultura que se tomou como referência.

Os indivíduos passam a interagir mais e de forma mais expressiva, influenciando a tomada de decisões políticas, sociais, organizacionais, religiosas, hora positivamente na defesa do bem comum, hora negativamente na busca do sucesso individual, ascensão política, profissional, na defesa de princípios questionáveis.

O termo pós-modernidade tem sido tratado de formas controversas. Vários autores afirmam estarmos na pós-modernidade há algum tempo, ao passo que

---

<sup>2</sup> DANTAS, Leda. Pós-modernidade e filosofia da história. 2008. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/25.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2009.

outros consideram a atualidade como um estágio avançado da modernidade, justificando este posicionamento pela não ruptura ou descontinuidade dos elementos característicos da modernidade, principalmente no que se refere aos meios de produção capitalista. Concordamos com a primeira hipótese considerando estarmos vivendo num período pós-moderno ao presenciarmos aspectos inerentes a essa sociedade como apego aos bens materiais, dedicação ao prazer como estilo de vida, consumismo, indiferença quanto à verdade e a bondade, valorização contundente da estética, irrelevância da ética.

Para Coelho (1986, p. 58), pós-modernidade se aproxima muito, em sua forma e conteúdo, a pós-industrialização, caracterizada pela revolução industrial, produção em massa, jornadas incessantes de trabalho, pelas relações sociais por ela geradas, bairros operários, cortiços. Na pós-modernidade os poderes de flexibilidade e mobilidade permitem que o empregador exerça pressões mais fortes de controle sobre os trabalhadores, conseqüentemente, gerando rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos de salários reais e retrocesso do poder sindical.

Se tomarmos como referência, a relação da pós-modernidade com a pós-industrial, genericamente, a pós-modernidade teria início após a Segunda Guerra Mundial, que marca o começo da era da TV, dos resultados positivos alcançados com o uso da penicilina em humanos, na busca da cura da gripe que se estendia desde os anos de 1918, mal que acometia grande parte da população com altos índices de mortalidade.

Os anos 1960 são a época da aparição dos movimentos contra culturais e anti-modernistas que exploram os domínios da auto-realização individualizada por meio de uma política distintiva.

No campo da arte, a pós-modernidade, similarmente inicia-se nos anos 1960 marcada pelo otimismo, pela criação de uma nova vitalidade na experiência humana criativa, para dar ao público a chance de deixar de ser público espectador e passar a participar, dando início a uma expressão coletiva.

Na arquitetura a pós-modernidade se caracteriza pela representação de um referente, voltado para o jogo de significados, a busca de um ambiente urbano mais satisfatório, diferente do período que a antecede. Caracteriza-se pelo ecletismo, fuga dos padrões habituais de bom gosto, mistura de elementos expressivos. Volta ao passado, mas sem submissões a estilos-fonte, estilos modeladores. (COELHO,

1986, p. 74)

Coelho afirma ainda (1986, p. 83) que a pós-modernidade assume, em cada linguagem, um aspecto diferente. Aquilo com que a pós-modernidade arquitetural se envolve não é a mesma que interessa a teatral, cinematográfica, ou o pensamento científico.

Essa relação do início da pós-modernidade no período pós-industrial, retrata bem o panorama social atual, onde construções tomam formas muito próprias e sofisticadas, a área da saúde se desenvolve de forma espantosamente positiva, com apóio da alta tecnologia, cada vez mais evoluída, desenvolvimento da informática, da telefonia celular.

O homem pós-moderno caracteriza-se pela efemeridade, mudanças rápidas de idéias, estilos, amigos, posicionamento social, informação sem formação. Tem características materialistas, se destacando perante a sociedade os que dispõem de maior poder aquisitivo, e a busca pelo bem material, acontece a qualquer preço. O sexo vira material de consumo, passível de pechincha, é o prazer em primeiro lugar, alimentando a indústria do sexo, não somente com prostituição, mas também, com vídeos, aparelhos eróticos, sexo via telefone, dentre inúmeros outros.

Harvey (1992, p. 293), considera:

A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada, e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas.

Tudo é permitido, independente da qualidade. Se for vendável e rentável, tem lugar garantido. Países se destacam na produção em massa de materiais de consumo, seja pelo desenvolvimento tecnológico como é o caso do Japão, ou pela capacidade produtiva como é o caso da Índia na produção de tecidos, tênis. É a era do consumismo, a substituição dos bens de consumo em curtíssimo espaço de tempo, como é o caso dos aparelhos de celular, tocadores de músicas portáteis, computadores, em que você mal tomou ciência do lançamento de determinado produto, já tem outro com algo diferente, independente de ser notório ou útil, para substituir o anterior.

Algumas dessas situações e comportamentos não são exclusividades da pós-modernidade, podendo ser também observadas em outras situações, como na modernidade.

Vale ressaltar que esses comportamentos caracterizam uma parcela da população pós-moderno e é aplicável aos que se permitem enquadrar nesses moldes. Exclui-se dessa forma, os indivíduos que acreditam e confiam na moral e na ciência, desenvolvendo suas atividades intelectuais, políticos, sociais, sem se deixar levar pelo pós-modernismo. Isso não quer dizer que são pessoas contemporâneas, ou modernas por agirem assim, significa que podem ser pós-modernos, mas, não são influenciáveis de forma tão contundente quanto aos que se deixam envolver pelos efeitos negativos do pós-modernismo.

Para o homem pós-moderno, de forma mais latente que para o homem moderno, não basta possuir um cachorro sem raça definida, o popularmente conhecido vira-latas, tem que ser um cão de raça, e a raça que está na moda atual, em evidência. Esse é um fato comum, animais que estão em destaque momentâneo, ganham a atenção dos indivíduos. O preço do animal sobe devido à grande procura, a oferta de filhotes diminui e os criadores iniciam uma busca enlouquecedora por matrizes para produzir animais e atender a essa demanda. Concomitantemente as empresas desenvolvem produtos dirigidos a esta raça emergente, como rações especiais, coleiras específicas com formatos, cores e desenhos próprios, produtos de higiene e beleza, bolsas e caixas de transporte, brinquedos, enfim, uma enorme gama de produtos que vão atender as necessidades reais ou causais desse público emergente.

Em contrapartida existem inúmeros indivíduos que adotam um animal, independente da raça, cor, origem, e o tomam como companheiro, amigo, fiel escudeiro. O destaque social pouco importa o que ele busca é satisfazer um desejo pessoal de ter um animal de companhia, de praticar um ato de bondade abrigando um animal abandonado, de dividir com ele os melhores momentos de sua vida.

Se determinada raça de cachorro estiver em evidência, pouco importa se ela atende a outras expectativas do futuro dono, como agilidade, tamanho, força, inteligência, em muitos casos, será a raça escolhida por ele essa raça em evidência. Pode ser que ele esteja querendo um cão de guarda, por exemplo, mas o indivíduo mora em uma área urbana residencial, com casas próximas umas das outras com constante movimentação de pessoas e carros pela rua. Seria recomendado um cão

de grande porte, porém, que não faça muito barulho e que tenha agressividade moderada. Por ser um animal de grande porte, necessitará de grande espaço territorial ou de passeios matinais e vespertinos no caso de ambientes restritos. Mas, o futuro dono se apega mais a raça em evidência que a sua real necessidade, resultado, terá problemas em pouco tempo como espaço insuficiente para o animal, falta de tempo de levá-lo para passeios necessários para manter a boa saúde do animal, problemas com barulho excessivo do cão, agressividade, indolência. Esse fato ocorreu há pouco tempo com os cães da raça Pitbull. Por não se darem conta da potencial agressivo do animal, muitos proprietários adquiriram o animal desta raça, e após constatarem inúmeros casos de ataques a pessoas, simplesmente os abandonaram nas ruas, sem considerar a escolha que fizeram no ato da compra e muito menos a vida que estão descartando como se fosse mercadoria.

Mas, o número de pessoas que adquirem um cão e o transformam em um membro da família, tratando-o com carinho, amor e dedicação é incontável. Os animais escolhidos por esses indivíduos, certamente terão uma vida saudável e feliz. Existem ainda inúmeras pessoas que se dedicam a causa de proteção e amparo a animais abandonados. Esse tipo de comportamento não é recente, nem particular da atualidade, podendo ser observado casos, talvez menos explícitos, desde muito tempo atrás, como será tratado mais adiante.

Somente como forma de ilustrar o numero grandioso de adeptos a causa dos cães, buscamos no Google a palavra sociedade protetora dos animais, obtivemos: Resultados 1 - 10 de aproximadamente **75.000** para **sociedade protetora dos animais (0,14 segundos)**; Resultados 1 - 10 de aproximadamente **88.200** páginas em **português** sobre **sociedade protetora dos animais. (0,15 segundos)**; Resultados 1 - 10 de aproximadamente **2.930** páginas em **português** sobre **sociedade protetora dos animais em Sorocaba. (0,12 segundos)**<sup>3</sup>.

Pessoas das mais diversas classes sociais, etnias, opiniões, se dedicam aos animais de companhia de forma tão contundente, que as demonstrações de amor, carinho e compaixão chegam a ser alvo de críticas da sociedade.

Pessoas se comportam de maneiras distintas. Alguns amam os animais de companhia e outros o tratam com absoluta indiferença.

A relação afetiva com os animais de companhia não é recente nem novidade.

---

<sup>3</sup> SOCIEDADE Protetora dos animais. In: **Google**. Disponível em:<www.google.com>. Acesso em 04 jan.2009.



Desde o Egito antigo (3.000 a.C. a 30 a.C.), os animais eram venerados, mimados e ganhavam jóias<sup>4</sup>. Com o passar do tempo essa relação foi sofrendo transformações, e o cão foi, gradativamente, se tornando membro da família, fato cada vez mais comum na sociedade pós-moderna.

Ao adquirir um animal de companhia, o indivíduo estará assumindo um compromisso de cuidado e dedicação por muitos anos, mas, na maioria dos casos, isso não é assumido como um sacrifício, e sim, como algo prazeroso e enriquecedor, que com o passar do tempo, transforma a vida desta pessoa que passa a ter uma leitura de mundo diferente da assumida até então, não acreditando mais ser possível viver, sem levar em consideração a história criada com seu companheiro de estimação. Em determinadas situações, a família toda sofre transformações com a entrada deste animal no convívio familiar.

Os parâmetros de entendimento do papel da comunicação e do homem na sociedade podem ser ampliados para uma “coexistência” com certa “possibilidade de participação e compreensão” (ABBAGNANO, 1998, p. 168) que considere esses animais de estimação, não como humanos ou gente, mas partícipes do grupo humano com resultados sociais importantes.

Adiantando um pouco, um desses resultados sociais poderia ser a mudança e a incorporação na linguagem cotidiana da própria palavra 'Pet Shop' que seria, no original inglês, '*a shop where pet animals can be purchased*'<sup>5</sup>, mas que no Brasil ultrapassa esse limite de filhotes, vendendo todo tipo de produtos e acessórios ligados aos animais (roupas, perfumes, alimentação, jóias, etc.). Como curiosidade, buscamos pela palavra Pet Shop no Google encontrando: *Resultados 1 - 10 de aproximadamente 41.000.000 para pet shop (0,08 segundos); Resultados 1 - 10 de aproximadamente 1.650.000 páginas em português sobre pet shop. (0,12 segundos) e Resultados 1 - 10 de aproximadamente 86.100 para pet shop em Sorocaba (0,15 segundos)*<sup>6</sup>.

Evidentemente que apenas isso não justificaria nossa afirmação pois é apenas quantificação de sites, mas serve como um alerta de que podemos continuar buscando nosso intento. Adiante mostraremos nossa pesquisa de campo sobre os Pet Shops de Sorocaba.

---

<sup>4</sup> ALGO de novo no reino dos humanos. GALILEU, São Paulo, n. 197, dez. 2007.

<sup>5</sup> Uma loja onde os animais de estimação podem ser comprados. Verbete disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/pet+shop>>. Acesso em 31 dez. 2008. tradução nossa.

<sup>6</sup> <[www.google.com](http://www.google.com)>. Acesso em 31 dez. 2008.

Retomando o que dizíamos, e amparados em Castells (2000, p. 141-168) quando analisa “O Verdejar do Ser: o movimento ambientalista” no livro dois da trilogia sobre a sociedade da informação, podemos considerar também que na cena urbana existem muitos movimentos conscientes da defesa de animais domésticos mas, também muita moda e status em jogo e, os animais, servem as duas vertentes e ambas amparadas pela mídia e pelo capital.

Contudo, esse movimento não é apenas de um ou outro agente. Como já dito anteriormente, essa interação entre humanos e animais domésticos na pós-modernidade indica também, ou até confirma o que alguns teóricos tratam, sobre o deslocamento da ética para a estética, isto é, ter o animal doméstico como um ícone da consciência e solidariedade na cidade – o Pet Shop é urbano em essência – para ser notícia nos meios de comunicação, por exemplo. Culturalmente, o ocidente identificou-se com cães e gatos, o primeiro um animal selvagem que se adaptou bem com no convívio com as pessoas, tornando-se doméstico temos apenas alguns casos raros, como o do Dingo Australiano, que retornou a vida selvagem e o segundo um animal egípcio que se deu bem em vários ambientes, também por sua índole pacata.

Além dos fatores econômicos, os psicológicos também agem nessa relação humano – animais domésticos, que é bastante estudado pela psicologia animal. Algumas vezes o animal doméstico serve de companhia para as pessoas nas grandes cidades onde o convívio social tornou-se mais complicado, outras vezes pela opção do não convívio, preferem os animais. As razões podem ser múltiplas, incluindo segurança das casas, companhia e diversão para crianças, sem contar o uso entre pessoas com necessidades especiais (cegos, alguns níveis de autismo, etc) .

Porém, nosso foco é a comunicação. Ainda que seja uma área com possibilidade de utilizar estudos multidisciplinares, devemos refletir teoricamente para dar conta de nossa proposta de estudo.

Estamos considerando tanto homem como o cão como emissor/receptor das mensagens visto que, é sabido, o animal 'obedecer' ao comando quando existe alguma ligação rotineira entre eles e também seu proprietário 'entender' os chamados e decodificar os tipos de latido emitidos em cada situação. Aqui surge um problema: Quando o proprietário 'decodifica' a mensagem do cão, ele é receptor ou emissor? Aparentemente seria o receptor, porém, se outra pessoa ouvir o mesmo

tipo de latido, mas não tiver acostumado ao animal, a relação emissor/receptor não existirá. Isso implicaria em considerar cada proprietário e seu animal como possuidores de uma 'linguagem única'?

Por outro lado, os adestradores de cães possuem algumas técnicas e métodos, como o Clicker<sup>7</sup>

Esse método introduz o clique como elemento-chave da motivação: um som curto e seco que se destaca entre os demais no ambiente, como o disparo de uma máquina fotográfica. Trata-se de um reforço condicionado associado às recompensas mais desejadas, aquelas que mais proporcionem satisfação ao animal.

Os métodos utilizados pelos adestradores de cães em algum momento do treinamento o dono do animal é chamado a participar para que saiba como interagir com seu animal e como deve continuar o treinamento visando a efetiva fixação do ensinado. Ainda assim, a idéia continua sendo melhorar o relacionamento com o animal.

Para resolver esse impasse, uma possibilidade para nosso estudo pode ser aberta, se considerarmos com Fleck, o *estilo de pensamento* (1979 apud MAIA, 2008).

O conceito “estilo de pensamento” se constitui no elemento circunstancial coercitivo dos atos sócio-mentais individuais... O estilo de pensamento exerce sobre as percepções individuais uma coerção, converte-se na percepção imediata das formas correspondentes, tal que qualquer observação – mesmo a científica – será uma função do estilo de pensamento que a sustenta. O estilo provê uma propensão para a percepção de algumas formas (*Gestalten*) e proporciona a disposição para um perceber orientado, um “ver formativo” (*Gestaltsehen*) que condiciona sua elaboração objetiva<sup>8</sup>. O estilo forja o modo pelo qual indivíduos vêem e interagem com o mundo. Forja os indivíduos como pessoas.

Com isso, Fleck indica que sujeito e objeto estão atuando um sobre o outro e não incorremos no erro de antropomorfizar diálogos e relacionamentos entre os

---

<sup>7</sup> Cães, gatos, aves, peixes e roedores - animais de estimação em geral podem ser treinados com o método Clicker. Disponível em <<http://www.petbrasil.com.br/bicho/caes/gen13.htm>>. Acesso em 31 dez. 2008.

<sup>8</sup> “Em semiologia, na linhagem de Barthes, Foucault, Pêcheux, é essencial a noção de “sentido” articulada com a noção de sujeito (ou de “actante” em Greimas-Latour). Ela substitui a noção lingüística de “significado” que estaria vinculada diretamente ao significante e não dependeria do sujeito, logo, o significado seria algo “objetivo”. Já com o “sentido” há a necessidade de considerarmos a presença do sujeito tanto no enunciado como na enunciação, assim o sentido incorpora em si a subjetividade (dos autores e dos leitores) na produção discursiva.” nota de rodapé n. 19,p.18.

humanos e os cães. Também pode entrar em questão a humanidade e a não-humanidade, a maneira como a cultura ocidental entende essa relação. Tim Ingold em seu livro '*Humanity and Animality*' (1994, p. 14-32 apud HALLOWELL, 1960) nos relata um episódio que pode ilustrar bem nosso tema:

[...] enquanto as ações humanas são geralmente interpretadas como produtos de desígnio intencional, as ações dos outros animais - mesmo que ostensivamente semelhantes por sua natureza e conseqüências - costumam ser explicadas como resultado automático de um programa comportamental instalado (Ingold, 1988, p. 6). Certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos. Em muitas culturas não-ocidentais, onde o envolvimento prático com outras espécies é muito maior do que o nosso, as exceções que costumamos fazer podem ser exatamente a regra. Entre os ojibwa, caçadores naturais do Canadá subártico, por exemplo, a condição de pessoa é tida como uma essência interna que engloba poderes de percepção e sensibilidade, volição, memória e fala, indiferente à forma particular que a espécie assume exteriormente. A forma humana não passa de um dos muitos disfarces por meio dos quais as pessoas se manifestam materialmente e qualquer um pode trocar sua forma pela de um animal, mais ou menos como quiser. Quando alguém encontra um animal, especialmente se ele exibir um comportamento fora do comum fica imaginando quem ele é, porque pode ser uma pessoa conhecida. Assim, para os ojibwa, não existe nada de excepcionalmente "humano" em ser uma pessoa.

Ao abordarmos a essência da realidade humana, nos referimos a uma realidade comum do cotidiano de boa parte da humanidade. Uma essência expandida, não limitada à relação humano-humano. É algo comum, nos dias de hoje, pessoas, tomando a essência da palavra "indivíduos" como referência, se isolando e se individualizando gradativamente, se distanciando cada vez mais do convívio social, dando preferências a atividades que possam ser desenvolvidas de forma privada. Muitos suprem essa carência pela socialização adotando um cão. Mesmo as pessoas socialmente ativas apresentam comportamentos comuns da realidade humana atual, em que a essência pode se manifestar num ato de exteriorização de um sentimento, ou ao contrario, interiorizar sentimentos, sem exposição utilizando a comunicação com o próximo apenas como forma de ocupar-lhe o tempo ou como meio de fornecer informações atualizadas do mundo que o circunda.

Fleck (apud MAIA, 2008, p. 16), ao caminhar para um realismo construtivista, indica a forma de agenciamento das coisas sobre os humanos dependerá do estilo.

O estilo de pensamento exerce sobre as percepções individuais uma coerção, converte-se na percepção imediata das formas correspondentes, tal que qualquer observação – mesmo a científica – será uma função do estilo de pensamento que a sustenta. O estilo provê uma propensão para a percepção de algumas formas e proporciona a disposição para um perceber orientado, um “ver formativo” que condiciona sua elaboração objetiva. O estilo forja o modo pelo qual indivíduos vêem e interagem com o mundo. Forja os indivíduos como pessoas [...] A realidade é um constructo, um artefato, continuamente redesenhado – em decorrência da percepção dos fatos do mundo. A realidade é um artefato produto/produzidor de fatos. Fatos que somente são visíveis e estáveis em um estilo determinado e que dão “materialidade” aos conceitos e noções. Os fatos cimentam a base para ancorar os conceitos.

Para muitos a idéia de nos comunicarmos com os cães pode parecer algo franksteniano, difícil de se considerar como tal, conseqüência de estímulo/reacção infundada.

Se ampliarmos a idéia de Fleck ao relacionamento comunicacional entre homens e cães, certamente notaremos propensão a um perceber orientado, condicionando-nos a aceitar e entender essa comunicação.

Se estivermos propensos a nos comunicar, como dito popularmente “abertos” para a comunicação certamente o faremos. Ao nos entregarmos a possibilidade de comunicação tendemos a aceitar certos fatos que em outras circunstâncias talvez não o fizéssemos. Pessoas que nunca aprenderam a comunicação por meio de gestos empregados pelos surdos e mudos, que em determinada ocasião se vêem frente a necessidade de fazê-la, num primeiro momento teriam dificuldade em “ler” esses sinais, mais certamente, após um certo esforço entenderiam o que o surdo/mudo desejava transmitir.

Da mesma forma podemos fazer uma analogia aos animais, em específico os cães. Um cão mesmo sem dominar os nossos códigos de linguagem, e nós sem dominarmos os deles, somos capazes de trocar informações, de nos comunicar. Passe algum tempo com um cão dentro de casa, brincando, acariciando-o, oferecendo-lhe regalias e depois o coloque para fora, para ficar sozinho no quintal. Com toda certeza, no mesmo instante em que ele se depara com aquele estado de solidão, esboçara alguma reacção, como um latido, um choro, um uivo, um arranhão ou uma batida com a patinha na porta na esperança de retornar para dentro de casa. Neste momento, obviamente entenderíamos o que o cão estava tentando nos transmitir.

Esse exemplo do cão que quer retornar para dentro casa, talvez possa ser considerado como resposta a um estímulo e não um ato comunicacional, para quem não esteja propenso a aceitar o estilo de pensamento de quem aceita o cão como agente comunicador, mesmo o cão tendo emitido uma mensagem e ele tivesse entendido, ou seja, codificado essa mensagem, ainda assim poderia negar o fato, ao passo que ao levarmos em consideração o que Fleck afirma que a realidade é um constructo, um artefato continuamente desenhado em decorrência da percepção dos fatos do mundo, entenderemos porque determinados indivíduos conseguem entender qualquer tipo de comportamento de seu cão de estimação. O simples fato de um cão latir de uma maneira peculiar pode significar uma ou outra coisa, como sede, fome, vontade de entrar em casa, fazer necessidades fisiológicas fora de casa, dentre muitos outros exemplos.

O mundo não é uma invenção de mentes incorpóreas, o desenho do mundo depende da sensibilização que o mundo produza sobre os ditos observadores. Porém, esses observadores não são, pelo seu lado, meros transmissores de uma verdade que já esteja lá, no mundo. Há uma coerção mútua entre o sujeito que conhece e o objeto.[...] A observação é realizada por um sujeito historicamente situado e não espalha o objeto: depende da percepção que esse sujeito possua do objeto. Depende de como o objeto afeta esse sujeito. (MAIA, 2008, p. 16)

Um biólogo poderá identificar alguma espécie no meio da mata que dificilmente nós leigos poderíamos identificar. Um agrônomo “lê” uma planta e identifica uma infinidade de fatores que nós leigos jamais poderíamos imaginar ser possível. Os veterinários, os amantes, e por que não adeptos dos cães “lêem” códigos nos animais que muitos, por assim dizer leigos, não tem a capacidade de identificar. Eles são capazes de entender a informação que os animais estão querendo transmitir.

Por fazerem parte desse estilo de pensamento, o objeto (nesse caso o cão) atua sobre o sujeito (homem) e o afeta, ocorrendo assim agenciamento recíproco.

A comunicação, no contexto da realidade humana, se apresenta não somente na relação entre os humanos, inter-espécie, se dá também entre homem e outros seres da natureza. Faz-se presente na relação homem-cão, quantos relatos, cada um de nós é capaz de apresentar, seja conosco ou com o próximo, sobre pessoas que conversam com seus cães, consideram entende-los e afirmam que eles os entendem reciprocamente, afirmam que eles são capazes de desenvolver respostas

espontâneas e se esforçam para que as decodifiquemos e assim as entendamos.

Ao considerarmos as respostas caninas comunicação, como fator presente na realidade humana, estaremos assim considerando essa interação homem-cão como uma forma especial de ação recíproca da natureza, provavelmente inconcebível a muito tempo atrás, mas nitidamente presente na realidade humana atual. Um cão que antes era considerado um animal selvagem, agora dorme conosco dentro de casa, um cão que teria de caçar para sobreviver, hoje recebe ração industrializada, um cão que outrora teria de procurar cavernas, tocas e buracos para se proteger do frio, hoje tem roupinhas, caminhas, casinhas, especialmente desenvolvidas para seu total conforto.

A alguns milhões de anos atrás, a espécie humana manifestava sua intenção de se comunicar de forma muito rudimentar através de grunhidos, gestos e sons inarticulados. Com o passar do tempo, a própria evolução da espécie humana possibilitou o desenvolvimento e aprimoramento da comunicação. A comunicação de hoje existe devido à somatória de séries culturais desenvolvidas pelo homem.

Se ampliarmos esse conceito para os animais, considerando que as demais espécies também evoluem e conseqüentemente suas formas de comunicação são passíveis de evolução, seria plausível aceitar que no futuro outras espécies poderiam evoluir e desenvolver novas formas de linguagem.

Se sugeríssemos a cem anos atrás que seria possível eu me comunicar com alguém a centenas de quilômetros de distância utilizando apenas um aparelho com pouco mais de cinqüenta gramas de peso, sem necessidade de conexão de fios, o popular aparelho de celular, provavelmente seríamos tachados como loucos, isso porque estamos falando de apenas cem anos atrás.

Obviamente ficaria difícil imaginar que um cão evoluísse ao ponto de ser capaz de desenvolver aparatos tecnológicos, porém, imaginar que eles teriam capacidade de desenvolver seus processos comunicacionais, criando novas formas de linguagens, talvez soe como algo incabível agora, mas daqui a algumas centenas de séculos, isso seja concebível.

### 3 ANIMALIDADE

Tim Ingold, em “Humanity and Animality”, aborda a dificuldade em se construir uma ciência da humanidade. Com opiniões opostas, demonstra duas propostas na construção desta ciência, que podem ser entendidas, por um lado como uma proposta extremamente estreita considerando que o *Homo Sapiens* é uma espécie recente e, apenas uma, entre milhares de outras espécies. Por outro lado, expõe uma proposta exageradamente ampla considerando que estudar a humanidade, não é apenas analisar detalhadamente as características peculiares de uma espécie perante a amplitude do mundo e da natureza.

A verdade é que essas duas opiniões opostas se fundamentam em concepções radicalmente distintas do que a humanidade é, ou deveria ser. A melhor maneira de demonstrar essa diferença é examinar a maneira pela qual as noções de humanidade e de ser humano determinaram, e foram por sua vez, determinadas, pelas idéias acerca dos animais. Para nós, que fomos criados no contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de “humano” e “animal” parecem cheios de associações, repletos de ambigüidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. Dos clássicos até os dias de hoje, os animais tem ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de “homem” – e, diríamos também, da imagem que o homem ocidental faz da mulher. Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. E a cada geração somos lembrados, como se fosse uma grande descoberta, que os seres humanos são animais e que a comparação com os outros animais nos proporciona uma compreensão melhor de nós mesmos. (HUMANIDADE e animalidade, 2009)

Não é incomum nos depararmos com situações em que somos colocados como seres superiores a outras espécies. Desconsideramos, muitas vezes, que também somos animais. Podemos exemplificar essa idéia com animais de circo, fato que atualmente tem despertado a atenção da sociedade em busca da extinção da prática do uso de animais em apresentações dessa natureza.

Os animais são, na grande maioria, obrigados a viver em situações de confinamento, e sua vida é transformada em atração, em espetáculos que são forçados a apresentar para proporcionar alegria a uma platéia em polvorosa. Pouco se preocupam se o animal está bem alimentado, sadio, se sofreu maus tratos no



aprendizado do seu número, se dispõe de espaço e de outros animais da mesma espécie para se socializar, apenas são submetidos a esta prática como se fossem seres inferiores. Dificilmente poderemos afirmar que esses animais estão felizes com a vida a que são submetidos, principalmente se compararmos a animais soltos na natureza, mas, que na busca de alimento ou abrigo, acabam entrando em contato com o homem, como é o caso de um filhote de veado que adentra em uma aldeia indígena, toma leite diretamente do peito de uma índia, ele de um lado e o indiozinho de outro, sem que nenhuma das partes tenha sua vida alterada, apenas compartilham, e depois ele retorna a mata, para seu habitat natural.

Não estamos aqui defendendo que os animais estarão sendo respeitados como espécie, apenas se estiverem soltos na natureza, principalmente se levarmos em conta animais de companhia como os cães, que já nasceram num ambiente doméstico, apenas estamos nos referindo a soberba empregada por determinados indivíduos que se julgam seres superiores às demais espécies.

Certamente indivíduos que mantêm contato com animais, respeitando seus limites, tem uma percepção e compreensão de si muito maior que as pessoas que consideram as outras espécies animais como seres inferiores, como afirma Sherick (1981, p. 36) a relação homem – animal de companhia não possui a alta carga de conflitos existente nas relações humanas, fazendo com que muitos indivíduos vejam a si mesmos e aos outros com mais clareza, menos negações e repressões<sup>9</sup>.

Na perspectiva da evolução da vida como um todo, a linhagem humana representa apenas um pequeno e insignificante ramo de um esplêndido e frondoso arbusto. Cada ramo expande-se numa direção que jamais foi seguida antes e jamais será retomada. Os chimpanzés do futuro poderão ser muito mais inteligentes do que hoje, mas não serão humanos. Os seres humanos são animais que, pelo que me é dado saber, poderiam vir a ser os co-ancestrais de meus futuros descendentes. Como meus descendentes se parecerão daqui a alguns milhões de anos, ninguém tem a menor idéia. (HUMANIDADE e animalidade, 2009)

Para Ingold, os filósofos buscam um entendimento da essência humana na cabeça dos homens e não nas diferenças físicas existentes.

Na busca dessa essência eles não se perguntaram sobre “o que faz dos

---

<sup>9</sup> Dados do autor. Animais de Estimação: da competição a simbiose. Disponível em: <<http://homopetsapiens.com/project/PetsHPSP.pdf>>. Acessado em: 03 jan. 2009.

seres humanos animais de determinada espécie?”. Ao contrário, eles inverteram a pergunta indagando: “O que torna os seres humanos diferentes dos animais como espécie?”. Essa inversão altera completamente os termos da questão. Isto porque, formulando a pergunta da segunda maneira, o gênero humano já não aparece com uma espécie da animalidade, ou como uma pequena província do reino animal [...] A palavra humanidade, em suma, deixa de significar o somatório dos seres humanos, membros da espécie animal *Homo Sapiens* e torna-se o estado ou a condição humana do ser, radicalmente oposta a condição da animalidade. A relação entre o humano e o animal deixa de ser inclusiva (uma província dentro de um reino) e passa a ser exclusiva (um estado alternativo de ser).[...] Como condição oposta à da humanidade, a animalidade transmite uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres “em estado cru”, cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes. (HUMANIDADE e animalidade, 2009)

Existem varias maneiras humanas de ser. Sob o ponto de vista existencial, todos nós, biologicamente, nascemos da mesma forma que os animais, ou seja, somos heranças genéticas de nossos pais. Mas, sob o ponto de vista da expressão de humanidade, os códigos e condutas que recebemos, serão os responsáveis por tornarmos alguém e não alguma coisa. Somos, segundo Ingold, seres com “aptidão para a cultura”, assim, ela coloca a identidade do ser humano como sujeito moral e não somente como ser biológico. Ingold afirma ainda que a condição de pessoa é, portanto, inseparável do pertencimento a uma cultura e ambos são ingredientes cruciais da existência humana.

Não se pode afirmar que animais de outras espécies não são dotados da faculdade da linguagem e pensamento, talvez estes sentidos ainda não estejam desenvolvidos. Com a evolução da espécie pode ser que esses animais venham a desenvolver estas aptidões, desta forma estaríamos considerando a possibilidade de entendê-los como pessoas, mas não como espécies humanas, devido a suas procedências.

A adesão estrita a tese de que apenas os seres humanos podem ser pessoas nos deixaria, portanto, na absurda situação de ter que negar a possibilidade de uma evolução na qual nada sabemos hoje. [...] Essa conclusão aponta imediatamente para um campo de investigação potencialmente inesgotável sobre a condição de pessoa dos animais não-humanos ou, se preferirmos, sobre a humanidade animal, em vez de animalidade humana. Ela sugere que a fronteira entre a espécie humana e as demais espécies do mundo animal não é paralela, mas que, na verdade, ela cruza as fronteiras entre humanidade e animalidade como estado do ser. Por isso mesmo, não se pode pretender que as abordagens do campo das humanidades sejam as únicas apropriadas à compreensão das questões referentes aos seres humanos, e que a vida e os universos dos animais não-humanos sejam totalmente esgotados pelo paradigma da ciência natural. Uma consequência dessa pressuposição é que, enquanto as ações

humanas são geralmente interpretadas como produtos de designo intencional, as ações dos outros animais – mesmo que ostensivamente semelhantes por sua natureza e consequências – costumam ser explicadas como resultado automático de um programa comportamental instalado. (HUMANIDADE e animalidade, 2009)

Ao observarmos o comportamento do cão, notamos intenções e propósitos, comportamento normalmente atribuído como exclusivamente humano.

Se em dado momento o dono de um cão com fome o alimenta com o intuito de que ele pare de latir para chamar a sua atenção, o estará condicionando, mesmo que involuntariamente, a repetir esse comportamento sempre que sentir fome, já que esse comportamento resultou em êxito, ou seja, recompensa para o animal.

Um animal querendo passear, corre até seu dono late e corre em direção ao portão, repetindo esta operação varias vezes até que seu dono entenda que ele quer sair para o passeio, tem esse comportamento, pois, certamente ele já conseguiu o que queria em tentativas anteriores, tornando-se condicionado a repetir a atividade que já lhe deu retornos positivos anteriormente.

Podemos considerar estas atitudes comportamentais, e por que não comunicacionais, como resultado automático de um programa instalado, pois, mesmo que involuntariamente, os condicionamos a isso, são comportamentos instalados no cão. Se compararmos ao comportamento de uma criança, poderíamos considerar que ocorrem situações muito semelhantes.

Não há necessidade de ensinarmos um recém nascido a sugar, agarrar, ele já nasce com isso, e talvez seja o primeiro ato comunicacional entre mãe e bebê, que desenvolvemos logo que nascemos<sup>10</sup>. Não ensinamos uma criança a ter ciúme de seus pais, irmãos, objetos pessoais, ele desenvolve este comportamento por si só. Não ensinamos a um bebê que deveria chorar sempre que tenha fome, ou precise trocar as fraldas, mas ele adota esse comportamento, talvez por ter percebido que esse tipo de atitude – o choro - tenha surtido em resposta positiva a um desejo anteriormente, e não podemos negar que isso pode ser considerado comunicação.

Acreditamos que essa analogia seja cabível, pois, estamos relacionando intenções e propósitos caracteristicamente humanos, à comportamentos animais tão comuns que muitas vezes não nos damos conta da relação comunicacional

---

<sup>10</sup> O comportamento do recém nascido caracteriza-se por reflexos inatos como procura com a boca, sugar, agarrar, que se tornam mais eficientes e combinam-se mutuamente na formação de esquemas primitivos, tais como buscar e sugar. PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

existente.

Para que a comunicação entre adestrador e cão aconteça foi necessário condicionamento, assim, não poderíamos negar a existência de comunicação entre ambos. Se buscarmos entender essa relação fazendo novamente uma analogia entre criança e cão, teremos que para uma criança se comunicar ela precisa aprender os códigos, precisa aprender a linguagem. Para que a comunicação aconteça, ela precisa descobrir as coisas do mundo e os seus nomes, iniciando o conhecimento e a fala. Obviamente não estamos considerando que o cão aprenderá a falar, mas a comunicação não se dá somente através da fala, como acabamos de ver, ela também ocorre através de gestos, articulações, comportamentos, já que a comunicação é um processo que baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos do saber, em símbolos organizados em códigos. Os surdos e mudos se comunicam através de sinais, os cegos substituem a visão pelo tato, um espetáculo de dança é comunicação e não há diálogo presente, logo, reafirmamos que a analogia do comportamento do cão com o homem nos mostra que o cão, seja espontaneamente, seja através de condicionamento, tem a capacidade de se comunicar com o homem.

## 4 COMPORTAMENTO SOCIAL

Discutiremos um pouco a respeito do comportamento dos animais no seu convívio social inter espécies, para que possamos projetar essa idéia para a relação comunicacional entre homens e animais.

Iniciando pelo comportamento social temos:

Todo comportamento social envolve comunicação, que é transferência de informações de um animal para outro por meio de sinais que evoluíram para essa função. Admite-se que ocorreu comunicação quando o comportamento de um animal altera a probabilidade do comportamento de outro animal. A informação trocada entre animais é tipicamente um dado a respeito do ambiente, ou sobre o estado fisiológico do emissor, ou sobre as intenções do emissor. (DEAG, 1981, p.1)

Podemos observar que um cão, na tentativa de se comunicar com o homem, transfere informações sobre seu ambiente, como por exemplo, quando ele late impulsivamente para chamar seu dono na intenção de comunicá-lo que algo de estranho acontece no quintal como a queda de uma bola que acidentalmente o vizinho deixou cair, ou um gato passeando pelo muro; observamos intenções quando ele comemora a chegada do dono com uma verdadeira festa de abanadas de rabo, pulos e sons emitidos; podemos observar a tentativa do cão de informar seu estado fisiológico, quando, por exemplo, ele late ou busca chamar a atenção de alguma forma quando precisa fazer suas necessidades fisiológicas no fundo do quintal, local onde ele condicionalmente foi ensinado que seria seu único local para tal fim, e alguma coisa obstrui sua passagem como uma porta fechada, um portão. Temos que admitir que os sinais utilizados para estes fins evoluíram com o tempo e com o convívio doméstico, como forma de tornar esses sinais passíveis de entendimento pelo homem.

Muitos poderiam considerar esses típicos comportamentos como instintivos, de ser algo nato no animal, que não tem nada de evoluído, nem de adaptado.

Descrever um evento simplesmente rotulando-o como instinto não tem nenhum valor como explicação. Essa atitude apenas esconde as várias e interessantes perguntas que precisamos formular para entender por que os

animais comportam-se de determinada maneira. Essas perguntas abordam aspectos fisiológicos, ecológicos e de desenvolvimento. Comportamento instintivo é um rótulo útil para comportamentos que parecem inatos, que surgem praticamente na sua forma final desde a primeira vez em que são executados, mesmo quando se impede imitação. (DEAG, 1981, p. 2)

Não podemos desprezar a importância das capacidades inatas, porém, não podemos explicar todo comportamento animal como herança genética, pois ela varia muito de espécie para espécie. Existem espécies com ciclos de vida tão curtos que não há tempo para aprendizagem, como é o exemplo de alguns insetos, mas em outros casos, o ciclo de vida é longo e a possibilidade de aprendizagem e adaptabilidade é evidente.

Nestes termos, a comunicação pode ser observada como algo com carga instintiva, mas que sofre adaptações no processo evolutivo das espécies.

No presente contexto podemos definir comunicação como sendo a transferência de informações de um animal para outro (dessa forma influenciando o comportamento do receptor) por meio de sinais que evoluíram para esse fim. Um sinal pode ser uma estrutura, uma substância química, ou ainda um evento comportamental que tiver sido adaptado para servir a comunicação. (DEAG, 1981, p. 50)

Assim, podemos entender o comportamento do cão, na intenção de informar o homem, como sendo comunicação.

Deag (1981, p. 50) afirma que a comunicação pode envolver qualquer dos sentidos, tomar várias formas, ocorrer em diversas circunstâncias, e transferir informações de muitos tipos.

Pode ser utilizado, por exemplo, o sentido da audição. O dono emite alguns comandos vocais, a um animal condicionado, que o responde com comportamentos esperados, como é o caso dos animais que respondem a um assovio, correm em direção do dono quando são chamados pelo nome, dentre muitos outros.

O olfato e o paladar podem ser outros sentidos utilizados. Você pode recompensar seu cão com um petisco quando ele encontra algum objeto, através do olfato, que você escondeu na intenção que ele procurasse.

Grande parte da comunicação envolve uma combinação complexa de sinais e outros estímulos. Isso pode ser percebido durante o encontro de dois cães; a "avaliação" que cada animal faz do outro baseia-se tanto em sinais visuais como vocais e olfativos. É completamente artificial estudar um dos sinais ou uma das respostas sem associá-las a outros eventos. (p. 51)

O processo de comunicação é complexo, não diferente é o processo comunicacional dos animais. Como forma de facilitar o entendimento Deag, dividiu da seguinte forma: o estado do emissor; a execução do sinal; a recepção do sinal e a influência do sinal no comportamento do receptor.

Quando nos referimos a estado do emissor, não podemos ver o início de um ato de comunicação, que é influenciado pelo estado interno do emissor, ou seja, pela sua motivação. Se um animal está com medo, com fome ou pronto para acasalar-se, então esse estado irá afetar os sinais que ele produz. Outros sinais, porém, podem ser mais influenciados por estímulos externos. Os estímulos externos relevantes são freqüentemente sinais provenientes de outros indivíduos. (DEAG, 1981, p. 51-52)

Quando um cão chora e desenvolve algum comportamento que chame a atenção de seu dono no sentido de permiti-lo acessar o local onde está condicionado a fazer suas necessidades fisiológicas ou desenvolve outro tipo de comportamento com vistas a chamar a atenção do dono para o fato de ele querer buscar contato com uma cadela que se encontra no cio, certamente essa informação que o cão tenta transmitir será fortemente influenciada pelo estado interno do cão.

Por outro lado, se um cão responde a um gesto de seu dono, atende a um chamado sonoro, late para algum barulho, estará emitindo sinais com influências externas.

A execução do sinal, nem sempre é emitido a um animal específico (p. 52). Quando um cão late, uiva, ele poderá estar emitindo este sinal apenas para alertar os demais cães das proximidades, sobre seus limites territoriais, ou até mesmo, estar buscando informar uma possível parceira sobre sua presença, mesmo sem saber onde ela está, ele emite a mensagem que propagará em busca de uma receptora. O cão poderá latir e pular exaustivamente em frente à porta da casa sem estar se dirigindo a uma pessoa específica, apenas está informando, a quem estiver lá dentro, sua vontade de entrar na casa.

Para que o receptor possa perceber um sinal (recepção do sinal), seus órgãos dos sentidos precisam ser apropriados para receber aquele tipo de sinal (p. 52). Além dos órgãos dos sentidos serem apropriados, para que o receptor receba a informação ele terá necessidade de conhecer o código, caso contrário, ele não entenderá a informação ou até mesmo terá uma recepção distorcida do real

significado da informação.

A influência do sinal no comportamento do receptor, da mesma forma que a geração do sinal, depende de fatores motivacionais que não podemos ver, como fome, sede, dor, excitação, vitalidade, virilidade, meio ambiente, clima, necessidade. Consideremos o seguinte exemplo: quando uma gaivota aproxima-se de seu ninho para alimentar os filhotes, ela abaixa e estica seu pescoço, e emite um chamado longo, o “miado”. Os filhotes reagem ficando alerta e aproximando-se rapidamente do adulto. Este então regurgita alimento semi digerido, de que segura pequenos pedaços na ponta do bico. Os filhotes dali retiram seu alimento. No entanto, nem sempre o “miado” é seguido da aproximação dos filhotes pois os que não estiverem com fome não apresentarão nenhuma resposta ao chamado. Em casos como este, admitimos que o receptor recebeu a mensagem, mas que seu estado interno, fez com que não ocorresse uma resposta completa. (DEAG,1981, p. 53)

Se o animal estiver desmotivado a atender a um chamado do dono, dificilmente o atenderá. Esse fato justifica o uso de recompensas no processo de adestramento dos cães, como forma de condicioná-los a responder a uma informação emitida. Toda vez que o dono emitir um som ou gesto que signifique o comando de sentar, e ele responder a esse comando sentando-se, receberá uma recompensa, que pode ser um petisco ou um carinho, o que o motivará a responder tal informação, nomeada de comando pelos adestradores.

Freqüentemente a resposta a um sinal depende também do contexto – a situação imediata em que se encontra o animal. Dessa forma podemos dizer que o sentido da mensagem codificada no sinal depende do contexto em que o sinal é recebido, e não do sinal em si. (DEAG, 1981, p. 53)

Para exemplificar essa situação, podemos abordar o comportamento de uma cadela no cio comparado ao comportamento desta mesma cadela que tem seu território ameaçado. A cadela, seja para defender seu território ou para expulsar um pretendente a parceiro de acasalamento, pode se tornar mais agressiva que o normal. Essa agressividade pode ser apresentada na defesa de seu território, por exemplo, quando alguém se aproxima demasiadamente da entrada de sua casa como para expulsar um pretendente rejeitado. As reações comportamentais são as mesmas, de agressividade, mas no contexto da aproximação do estranho a reação comportamental tem sentido de defesa territorial e no caso de ela estar no cio, será



seleção natural de parceiros. Em ambos os casos, ela rosna, late e mostra os dentes, mas em cada situação, a mesma reação tem um contexto diferente.

Passemos agora para abordagem das funções da comunicação.

A comunicação, segundo Deag (p. 59), pode ter a função de informação sobre o ambiente.

As “danças” das abelhas são bem conhecidas e constituem um exemplo muito intrigante. Quando uma abelha coletora descobre uma fonte de alimento, ela sinaliza esse fato para as outras operárias, quando volta a colméia. Se a fonte de alimento está perto da colméia a operária executa sobre o favo a dança circular. Outras operárias são atraídas e “recrutadas” para efetuar coletas<sup>11</sup>.

Outro exemplo cabível é o citado anteriormente em que a cadela reage agressivamente a aproximação de estranhos na entrada de sua casa. Essa reação comportamental tem o objetivo de informar ao possível “invasor” que aquela área já tem dono. Projetando esse comportamento para a comunicação homem animal, um cão de guarda comunica ao seu dono a presença de um estranho que se aproxima demasiadamente de sua casa, latindo e rosnando compulsivamente, correndo de um lado para o outro do portão.

Outra função da comunicação é a de informação do estado interno. Alguns sinais trazem informações sobre o estado interno do animal, e, conseqüentemente, sobre o que ele pode fazer em seguida (DEAG, 1981, p. 60). Esses sinais podem comunicar agressividade, medo, submissão, reduzindo ou aumentando no receptor a tendência de atacar o emissor.

Um cão, ao se sentir protegido ao lado de seu dono, o comunicará através de comportamentos, ou mesmo sons, essa sua satisfação. Podemos observar como forma de exemplificar essa comunicação, um cão lambendo seu dono, pedindo colo, latindo de forma peculiar (normalmente um latido mais baixo e suave, movimentos mais lentos). Por outro lado, se deseja informar sobre sua insatisfação com algo, certamente informará ao seu dono ou a quem estiver próximo, com comportamentos agressivos, com latidos imponentes, rosnados, movimentos rápidos, tenderá a mostrar os dentes e a arrepiar os pelos (comportamento muito característico dos mamíferos no ato do ataque).

---

<sup>11</sup> Maiores informações poderão ser encontradas em: FREE, J.B. The social organization of honeybees. Studies in biology, n.87. Temas da biologia volume 13. São Paulo: EDUSP, 1980.

A comunicação entre animais envolve outros aspectos além de informação sobre ambiente e estado interno. Por exemplo, os animais podem transmitir informações sobre localização, identidade, sexo e identidade do grupo. (DEAG, 1981, P. 62)

Ao projetar esse comportamento ao cão doméstico, notamos que eles também o desenvolvem. Os cães de caça são treinados para latir e “apontar” quando encontram o animal objetivo da atividade, comunicando assim, sobre a localização da caça; os cães, mesmo isolados uns dos outros nos ambientes urbanos, podem perceber uma cadela no cio a muitos metros de distância, adotando comportamentos de inquietação, emitindo latidos e uivos compulsivamente, comunicando sobre sua presença na busca do sexo.

## 5 INTELIGÊNCIA ANIMAL

A comunicação entre os animais é algo muito estudado e difundido no campo da biologia, veterinária, zootecnia, com inúmeros exemplos de estudos em macacos<sup>12</sup>, abelhas<sup>13</sup>, aves<sup>14</sup>, formigas<sup>15</sup>. Esses estudos demonstram a complexidade e eficiência comunicativa na vida em sociedade de cada espécie.

Ao investigar esses processos comunicativos, busca-se respostas para a combinação de metodologias, associações comportamentais, evolução, adaptação, que os animais desenvolvem no processo evolutivo natural.

Um tema que interessa mais de perto é a objeção comumente levantada contra as tentativas de instaurar um rubicão separando os humanos das demais espécies do reino animal, e que se baseia na afirmação de que as diferenças entre os seres são mais de grau do que de espécie. Os defensores dessa opinião, chamados de gradualistas, alegam que, embora a linguagem humana possa ser extremamente versátil, ela não difere fundamentalmente dos sistemas de comunicação usados por outros animais, sendo assim, é perfeitamente legítimo fazer referência a “linguagem dos animais”. (HUMANIDADE e animalidade, 2009)

Não podemos negar a superioridade da inteligência dos humanos, porém, não podemos subestimar a inteligência animal.

Por muito tempo o homem admitiu ser o único animal a dispor de inteligência, por ser capaz de memorizar, desenvolver raciocínio lógico, aprimorar processos comunicacionais, dentre inúmeras outras habilidades.

Após muitas pesquisas em laboratório e em habitats naturais de várias espécies, esse conceito mudou e o homem passou a admitir que outros animais são portadores de inteligência, inferiores a dos humanos, porém, presente.

Os estudos utilizados no texto (WARDEN; WARNER, 1918) The Sensory

---

<sup>12</sup> CHENEY, D. L.; SEYFARTH, R. M. How monkeys see the world. Chicago: University of Chicago Press, 1990; apud Krebs e Davies, 1996.

<sup>13</sup> Sobre macacos, abelhas e linguagem. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewPDFInterstitial/4432/3351>>. Acessado em 15 jan. 2009.

<sup>14</sup> A diversidade de sinais e sistemas de comunicação sonora na fauna brasileira. Disponível em: <[http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/10\\_vielliard.pdf](http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/10_vielliard.pdf)>. Acessado em: 12 maio 2009.

<sup>15</sup> Estratégias adaptativas em sociedade de formigas. Disponível em: <[http://www.fee.unicamp.br/revista\\_sba/vol10/V10A232.pdf](http://www.fee.unicamp.br/revista_sba/vol10/V10A232.pdf)>. Acessado em: 12 maio 2009.

Capacities and Intelligence of dogs, with a report on the ability of the noted dog "Fellow" to respond to verbal stimuli, referem-se a projetos experimentais. Serão abordados de forma muito breve por não serem o principal foco desta pesquisa, servindo apenas como instrumentos facilitadores para o entendimento do contexto geral.

A primeira capacidade a ser destacada, é a visual. A literatura experimental indica que os cães enxergam muito menos do que os adoradores de animais supõem, principalmente se levarmos em consideração a distância.

A evidência do comportamento para esta conclusão é suportada pelo estudo anatômico do olho. Slonaker relata que o cão não possui nenhuma fóvea e que mesmo as assim chamadas "áreas sensíveis" são vagamente definidas. As fibras nervosas opacas na retina são numerosas, e estes devem ser considerados como pontos cegos. A abertura pupilar é sempre relativamente grande e a resposta pupilar, quando rápida não é forte<sup>16</sup>.

Buscando provas para tal fato, os testes basearam-se nos resultados da caixa de discriminação, uma caixa não muito grande, com formato parecido com uma letra "Y" de dimensões suficientes para acomodar uma aléia (pequeno corredor) que desembocaria em outras duas aléias onde o cão deveria entrar e optar por um lado ou outro. Nos testes o cão poderia escolher entre duas possibilidades contendo comida no final da caixa. Em uma das escolhas, ele seria recompensado com o alimento em outra com um choque. Para testar a visão, sem interferência de nenhum outro sentido, como audição ou olfato, o teste deveria ocorrer de forma muito precisa.

Na entrada da caixa foram instaladas luzes. Na aléia que continha somente comida, existia iluminação e na outra, que poderia lhe dar choque, não existia nenhum sinal luminoso. Somente quando se iluminava uma aléia e a outra permanecia escura o cão era capaz de distinguir uma da outra. Foi detectado que ele não tem capacidade para distinguir intensidades diferentes de luz. O mesmo teste foi feito com homens e o resultado é que o cão é muito inferior ao homem, em termos de distinção de tons de cores e intensidades luminosas, sendo incapaz de

---

<sup>16</sup> No original: Slonaker reports that the dog possesses no fovea and that even the so-called "sensitive areas" are only vaguely defined. Numerous opaque nerve fibres are said to penetrate the retina, and these must be considered as blind spots. The pupillary opening is always relatively large and the pupillary response, while rather quick, is not strong. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 2)

distinguir entre pequenas variações de intensidade de iluminação.

Muitos outros testes foram desenvolvidos na busca do conhecimento da capacidade visual como teste de listras, testes salivares, reflexos condicionados.

Deve-se concluir, conseqüentemente, com base nas análises laboratoriais que a visão dos cães é decididamente inferior. As observações ocasionais feitas em casa e em pesquisa de campo não são conflitantes com esta conclusão. [...] As experiências da discriminação já relatadas são exemplos, e há outro que indicam mais claramente a tendência do animal negligenciar indícios visuais em favor daqueles de outras modalidades<sup>17</sup>. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 6)

Em resumo, a capacidade sensorial da visão do cão não é o fator que o destaca das demais espécies, na verdade, ele fica em níveis muito inferiores a outros mamíferos do reino animal.

Partindo para a capacidade sensorial do olfato, temos que o cão é notadamente superior a muitas outras espécies de animais, já que seu sentido olfativo é extremamente aguçado. Principalmente comparada a capacidade olfativa humana, a capacidade do cão em distinguir objetos, e em perceber odores a longas distâncias, temos que o cão é significativamente superior ao homem nesse sentido.

Não somos inclinados a desmerecer a perspicácia do sentido olfativo dos cães e sentimos que a maior parte da prova indique que ela seja muito superior a nossa<sup>18</sup>.

Evidências experimentais, sobre audição dos cães parecem indicar que eles são pelo menos tão sensíveis como o homem, a este respeito.

No que diz respeito à capacidade do cão para responder à voz humana, há uma riqueza de relatos, mas escassez de experimentação. Há pouquíssimas evidências quanto ao número de palavras faladas que podem ser discriminadas por um cão treinado. Ficou provado no caso de alguns cães que foram supostamente diferenciados para dar resposta a um grande número de palavras que eles simplesmente seguiam uma rotina, que, se os comandos fossem dados em ordem alterada, o cão responderia como se a

---

<sup>17</sup> No original: It must be concluded, therefore, on the basis of laboratory tests that the dog's vision is decidedly inferior. The casual observations made at home and in the field do not conflict with this conclusion. [...] The discrimination experiments already reported are examples, and there are others which even more clearly indicate the tendency of the animal to overlook visual clues in favor of those of other modalities. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 6)

<sup>18</sup> No original: We are not at all inclined to belittle the dog's olfactory acuity and feel that the bulk of the evidence shows it to be far superior to our own. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 12)

ordem original tivesse sido repetida. Falar não ao cão é o clássico exemplo de resposta rotineira<sup>19</sup>.

O entendimento e respostas do cão à algumas palavras são, provavelmente, relacionadas a intensidade e diferenças de tonalidades dos sons emitidos. Por sua notável sensibilidade auditiva, o cão consegue distinguir entre um som e outro, não estendendo especificamente seu significado, apenas responde a um comando dado, haja visto que esse comando o condicionou a repetir tal ação toda vez que ele for emitido.

Das outras modalidades sensoriais, pelo menos naquela época, (levando em consideração que o texto foi escrito em 1928) pouco poderia ser dito, uma vez que não existiam quaisquer dados sobre os quais pudessem basear uma estimativa do limiar da sensibilidade e seus valores.

Em resumo, parece provável que a maioria dos cães é muito mais sensível aos odores do que é o homem, que ele não é surpreendente diferentemente do homem com respeito à sensibilidade aos sons, ainda que a sua visão para objetos é decididamente inferior à do homem, enquanto seu acuidade no que diz respeito aos objetos em movimento é grande, embora não haja dados suficientes para justificar uma comparação com o homem, a este respeito<sup>20</sup>.

A capacidade de aprendizagem dos cães foi testada por meio de métodos usuais em laboratório, como o da caixa de discriminação citado a pouco. Cães têm sido usados por muitos pesquisadores, sob diversos tipos e níveis de pesquisas sobre desempenho, aprendizagem e comportamento.

O cão é indiscutivelmente mais sensível aos caprichos do homem que ganhou sua confiança do que qualquer outro carnívoro, ou talvez de qualquer outro animal domesticado [...] O cão demonstrou continuamente

---

<sup>19</sup> No original: Regarding the ability of the dog to respond to the human voice there is a wealth of anecdote but a paucity of experimentation. It has been proven in the case of certain dogs who have been supposed to give differential response to a large number of words that they were merely following a routine, that if the commands were given in an altered order the dog would respond as though the original order had been repeated. No, the talking dog, is the classic example of response to routine. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 14)

<sup>20</sup> No original: To summarize: it seems probable that the average dog is far more sensitive to odors than is man; that he is not strikingly unlike man with respect to sensitivity to sounds; that his vision for still objects is decidedly inferior to that of man, while his acuity with respect to moving objects is great, although there is not sufficient data to warrant a comparison with man in this respect. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 14)

sua habilidade de adaptar-se prontamente à grande variedade de circunstâncias que o homem impôs a ele<sup>21</sup>.

Isso talvez justifique a histórica e crescente presença do cão nas sociedades humanas, desde os tempos mais remotos até hoje em dia. A adaptação comportamental e morfológica dos cães é notável.

Com o Fellow, um cão pastor alemão, originário de cruzamentos de um reconhecido (pelo menos na época) criador Mr. Jacob Hebert de Detroit em Michigan. Esse criador, por anos, ensinou animais a compreender a linguagem humana. Com Fellow, a linguagem foi sendo ensinada, árdua e repetidamente desde o seu nascimento, da mesma forma que se ensina uma criança a falar. Ele atribui a esse comportamento a capacidade do Fellow de entender as palavras, 400 em média, tal qual uma criança no mesmo estágio de aprendizagem.

O que surpreendeu muito foi o fato de Fellow ser realmente um cão especial. Mesmo quando comandos eram dados em tons de conversa, como se Fellow estivesse dialogando com o Sr. Herbert, em níveis de conversas naturais sem muita expressividade, Fellow respondia aos comandos. O treinador foi separado do cão, ficando em salas distintas e mesmo assim Fellow continuou respondendo aos estímulos. Enfim o cão é realmente superior aos demais, responde a comandos sem a necessidade de gestos, ou ordem de comando lineares.

Com base nas pesquisas somos tentados a afirmar que a capacidade do cão em se comunicar com o humano é possível. Seja em testes laboratoriais, seja em seu ambiente doméstico natural, o cão condicionado, tem a capacidade de se comunicar com o homem. Pode assumir tanto o papel de receptor como de emissor de mensagem.

---

<sup>21</sup> No original: The dog is unquestionably more sensitive to the whims of a man who has won his confidence than is any other carnivore, or perhaps any other infra-human animal, for that matter.[...] The dog has continually demonstrated his ability to adapt himself readily to the wide variety of conditions which man has imposed upon him. (WARDEN; WARNER, 1928, p. 16)

## 5.1 Inteligência Canina

Nessa parte do estudo, nos apoiaremos nas idéias de Stanley Coren, psicólogo e especialista em comportamento e adestramento de cães, que defende a idéia que compartilhamos, de que os cães são animais muito inteligentes. Coren, explica que por muito tempo foi indagado sobre a possibilidade de os cães pensarem. Ele iniciou seus estudos a respeito da inteligência canina levando em consideração acontecimentos do cotidiano de sua infância, se referindo principalmente à cachorra Penny.

Ele reconhecia que teria dificuldades em levar seus estudos adiante. “Eu sei que a maioria dos meus professores não seriam facilmente persuadidos com o comportamento de Penny, demonstrando consciência, raciocínio e inteligência. Eles argumentam que cães simplesmente não têm essa capacidade de raciocínio”<sup>22</sup>. Os estudiosos da área de psicologia afirmavam que considerando a capacidade de raciocínio do cão, o estaríamos colocando no mesmo patamar de um humano, uma criança talvez, estaríamos antropomorfizando o cão, e isso não era aceitável.

Devido a nossa criação ocidental, somos levados a entender o cão como um animal de guarda, de pastoreio, até mesmo um amigo que nos induz a atender as suas necessidades de alimentação, passeio, cuidado com saúde, para que sua vida seja preservada e aumentada. Com esse convívio, acabamos por ensinar nossos cães a pular, sentar, deitar, morder, buscar objetos, dentre muitos outros comandos. Não afirmamos aqui que esses ensinamentos são possíveis exclusivamente por atender suas necessidades, mas sim que esse convívio intensifica e favorece o ensinamento por parte do homem e o aprendizado por parte do cão.

No entanto, mesmo com tudo isso, ninguém fala nada sobre como cães pensam ou se comunicam, se não constatar que um abanar de cauda reflete uma emoção positiva e um rosnado é um reflexo negativo. Mesmo assim, todos nós sentimos que entendemos os cães e sabemos o que eles

---

<sup>22</sup> No original: I knew that most of my professors would not be easily persuaded that Penny's behavior demonstrated conscious reasoning and intelligence. They would argue that dogs simply do not have such reasoning ability. (COREN,2006, p. 5)



estão pensando. Grande parte deste sentimento vem simplesmente de ver os cães e observar o seu comportamento, tal como apresentado na literatura e entretenimento<sup>23</sup>.

Muitos escritores famosos descrevem histórias onde os cães se aventuram, ajudam o seu dono, em outros casos pessoas se passam por cães, em peças de teatro, por exemplo, onde o personagem representa um cão que possui diálogos e interação com outros animais e humanos, tudo isso sem a intenção de subestimar a inteligência e o conhecimento humano<sup>24</sup>.

Essas representações podem fornecer aos leitores alguns fatores complementares contribuintes a idéia de que cães têm consciência e podem analisar problemas, planejar e comunicar.

Podemos ensinar vários “truques” aos cães, e eles são capazes de aprender. A capacidade de aprendizagem dos cães varia de acordo com cada raça e de acordo com a paciência de quem ensina o animal.

A treinabilidade de cães depende da paciência e da coerência do manipulador, em vez de quaisquer diferenças inerentes entre as raças. Qualquer cão deve ser capaz de atingir os mais altos níveis de obediência. O cão é como um computador à espera de ser programado pelo treinador inteligente. Suponho que se você comprou um desses livros de adestramento de cães, é porque você tem um Jack Russell Terrier que mastigou o seu mobiliário antigo de carvalho, matou o gato, e nem sequer olha para você quando você grita o seu nome através de um megafone, este é o tipo de instrução que você precisa ler<sup>25</sup>.

As informações contidas em literaturas desse tipo são incompletas e, possivelmente imprecisas. Normalmente não é levada em consideração a grande amplitude da diferença de recepção entre as várias raças de cães ou de diferenças de temperamento e vontade de trabalhar, fatores que são importantes para

<sup>23</sup> No original: Yet, through all of this, no one mentions anything about how dogs think or communicate, other than to note that a wagging tail reflects a positive emotion and a snarl reflects a negative one. Even so, we all feel that we understand dogs and know what they are thinking. Much of this feeling comes simply from watching dogs and noting their behavior as presented in literature and entertainment. (COREN, 2006. p. 09)

<sup>24</sup> Temos como exemplos de livros: Tudo bem não alcançar a cama no primeiro salto, Conversando com cães, Cães são de Marte donos são de Vênus, Sobre amigos e cães. Como exemplos de filmes: Beethoven, Um cão do outro mundo. Como exemplos de peça teatral: O gato de botas.

<sup>25</sup> No original: The trainability of dogs depends on the patience and consistency of the handler rather than on any inherent differences among breeds. Any dog should be able to reach the highest levels of obedience competition, or "The dog is like a computer waiting to be programmed by the clever trainer." I suppose that if you have bought one of these books because you have a Jack Russell terrier that has chewed through your antique oak furniture, killed the cat, and doesn't even look at you when you shout its name through a megaphone, this is the kind of statement you want to read. (COREN, 2006, p. 11)

determinar o quão bem um cão vai responder com obediência.

Estudiosos sobre comportamento e ensinamento dos cães afirmam que eles têm capacidade limitada de pensar e simplesmente aprendem os padrões de respostas que realizam em momentos adequados. Outros poucos estudiosos afirmam que os cães são capazes de utilização racional e lógica para resolver problemas. Alguns especialistas acreditam que a obediência dos cães são plenamente conscientes e seus pensamentos e processos são muito semelhantes às de uma criança, diferindo apenas em termos de eficiência.

Devemos tomar muito cuidado com as informações encontradas em livros sobre cães, principalmente pelo fato de as informações contidas serem superficiais e escritas, em sua grande maioria, por criadores e adestradores de cães, apaixonados e defensores dos caninos e por veterinários que não são especialistas em comportamento.

Para aclararmos a idéia de que o cão é provido de inteligência, indicaremos uma discussão sobre a origem dos cães, abordando fatores evolutivos relevantes na constituição do cão dos dias atuais.

Existem muitas teorias sobre a origem biológica do cão doméstico moderno, e nos últimos anos, os argumentos têm se tornado mais quentes devido a novas provas de DNA que tem sido recolhidas por paleontólogos. A primeira evidência de que a família do cão, Canidae, remonta sobre 38 milhões de anos. A família dos canídeos, que faz parte do maior agrupamento carnívoro (os comedores de carne), inclui uma grande variedade de cachorros. A maioria dos familiares são os lobos, raposas, chacais, coiotes, cachorros, e cães selvagens<sup>26</sup>.

Ao abordarmos as características de alguns canídeos selvagens certamente não teremos uma resposta definitiva sobre a origem dos cães, mas oferecerá algumas informações interessantes.

Uma das idéias é que o cão evoluiu do lobo. Fisicamente essa afirmação é sustentável, já que é consideravelmente difícil distinguir algumas raças de lobos de cães da raça Pastor Alemão e Akita, por exemplo.

As pessoas que defendem que os cães foram domesticados a partir de lobos

---

<sup>26</sup> No original: There are a lot of theories about the biological source of the modern domestic dog, and in recent years the arguments have become more heated as new paleontological and DNA evidence has been collected. The first evidence for the dog family, Canidae, goes back about thirty eight million years. The family of canids, which is part of the larger grouping Carnivore (the meat eaters), includes a large variety of different dog-like creatures. Most familiar are the wolves, foxes, jackals, coyotes, dingoes, and wild dogs. (COREN, 2006, p. 20)

sugerem que a grande variedade de tamanhos e formas encontradas em cães é devido ao fato de que em vários momentos, diferentes raças de lobos foram domesticadas.

Levando em consideração este viés, há provas de DNA que sugerem que o primeiro cão foi provavelmente um lobo.

Os cães, seguindo outra suposição de origem evolutiva, poderiam ter vindo dos chacais. Os chacais são animais que tem por habito comer restos de caças e carniças. São comumente tidos como bichos preguiçosos, já que preferem comer restos a caçar.

Tendo em conta estas opiniões negativas do chacal, não é surpreendente que poucas pessoas se mobilizaram para a defesa da tese de que o chacal era o antepassado imediato do cão. Quem quer acreditar que o seu animal de estimação, o melhor amigo dele, o animal que partilha a sua casa e, talvez, sua cama, é geneticamente um comedor de lixo, ladrão de túmulo, fedido e covarde? É muito mais fácil (psicologicamente) associar o nosso cão com o nobre lobo<sup>27</sup>.

Essa idéia não é totalmente coberta de razão. Os chacais, como os lobos, também caçam, mas caçam animais menores como roedores e outros pequenos animais. Geneticamente são muito parecidos, mas os chacais são menores.

Outra vertente é a que os cães se originam das raposas. Porém, de todos os canídeos, elas são menos propensas a ser seriamente encarados como possíveis ancestrais do cão. Possuem o focinho afinado, pernas curtas, finas, e caudas longas. São geralmente muito menores do que a maioria dos cães.

As raposas são onívoras, comem insetos, minhocas, pequenas aves, outros mamíferos, ovos, e vegetais. “Talvez o fato mais importante seja que a maioria das espécies de raposa que são distribuídos por toda a Europa, América do Norte e África do Norte tem um número diferente de cromossomos do cão”<sup>28</sup>.

O último conjunto de canídeos a considerar como possíveis ancestrais dos cães domésticos são os chamados cães selvagens.

---

<sup>27</sup> No original: Given these negative views of the jackal, it is not surprising that few people have rallied to the defense of the theory that the jackal was the immediate ancestor of the dog. Who wants to believe that his pet, his best friend, the animal that shares his home and perhaps his bed, is genetically a garbage-eating, grave robbing, smelly coward? It is much easier (psychologically) to associate our dog with the noble wolf. (COREN,2006, p. 29)

<sup>28</sup> No original: Perhaps the most important fact is that most of the species of fox that are distributed throughout Europe, North America, and North Africa have a different number of chromosomes than the dog. (COREN, 2006, p. 31)

De uma forma geral, independente de termos bem definida a origem dos cães domésticos atuais, podemos entender que o processo de domesticação ocorreu quando o homem parou de vagar e se firmou em determinada área e desenvolveu a agricultura, juntamente foram se formando as primeiras sociedades. Podemos imaginar que iniciaria aí a acumulação de lixo em torno desses agrupamentos. Como nesse lixo estavam presentes restos de comida, muitos animais foram se aproximando para desfrutar dessas sobras, que para eles era refeição fácil, sem ter que passar horas a fio na espreita de uma caça.

Em todo animal selvagem, a primeira reação ao ser surpreendido pela presença do homem é a de susto e em seguida fuga. Com o passar do tempo a presença do homem foi se tornando menos ameaçadora para alguns indivíduos do bando, que já não corriam assustados.

Se o animal tinha alimentos com maior facilidade, não precisava mais caçar ficando muitas vezes vários dias sem se alimentar, se tornava mais viril, devido a maior oferta de alimentos e lhe sobrava mais tempo para o acasalamento. Como seu comportamento de proximidade com o homem era transmitido aos que nasciam, e a reprodução ocorria de forma mais freqüente, a quantidade de animais mais acostumados com a presença humana, portanto mais dóceis, foi aumentando de forma muito mais eficiente se comparado aos animais selvagens, que tinham de caçar e se preocupar com território sobrando-lhes menos tempo para busca de uma fêmea apta para acasalamento.

Aos poucos, os animais foram se aproximando do homem mais e mais, e já não precisavam mais esperar os restos de alimentos irem para o lixo, já recebiam o alimento na boca. Aos poucos foram desenvolvendo latidos para se comunicarem melhor com os humanos e foram sendo trazidos para dentro dos lares humanos<sup>29</sup>.

Uma vez que o objetivo é o de promover a compreensão do comportamento e inteligência dos cães domésticos, faz sentido considerar algumas das características da espécie dos canídeos de todas as partes.

Fisicamente, todos canídeos tem peitos grandes e cintura estreita, o que os torna muito rápidos corredores. Todos têm um forte cheiro característico, habilidades e boa audição. No que diz respeito à sua memória, zoólogo

---

<sup>29</sup> SERPELL, J.A.. **The domestic dog: Its Evolution, Behavior and Interactions with People.** Cambridge University Press, 1995.

Fredrick Zeuner concluiu que a inteligência dos canídeos é muito superior ao de outros carnívoros, incluindo os grandes gatos<sup>30</sup>.

Em termos comportamentais, todas as espécies de cães utilizam métodos semelhantes de comunicação.

Usam os mesmos sinais faciais e corporais para sinalizar raiva, medo, prazer, dominação e submissão. Todos os fazem, e, apesar de ladrar ser um evento raro na natureza, todos os caninos selvagens são capazes de latidos e poderão fazê-lo se eles são criados com cães domésticos. Enterram todos os ossos excedentes da alimentação, retornando a esses locais em épocas de necessidade<sup>31</sup>.

Com exceção das raposas, todos os outros canídeos são sociáveis. Vivem em bandos, caçam em conjunto, possuem um líder, utilizam a urina para demarcar território e cuidam bem de seus filhotes.

Com tantos potenciais antepassados e progenitores para o cão doméstico, fisiologia, DNA e comportamento comum entre as diferentes espécies de canídeos, podemos tirar quaisquer conclusões firmes sobre a verdadeira origem dos cães? Alguns biólogos duvidam de que poderemos nunca saber ao certo, mas a probabilidade é que a teoria do cão doméstico contém, em graus diversos, os genes de todos os canídeos selvagens. As provas de DNA sugerem que a domesticação do cão não foi um evento único, mas pode ter ocorrido muitas vezes em locais diferentes e em diferentes épocas históricas<sup>32</sup>.

Cães adoram lambe o rosto do dono, pois seus ancestrais assim o faziam com as suas mães quando ela se aproximava dos filhotes e regurgitava algum alimento. Ao lambe o rosto do dono ele o estará considerando como pai ou mãe, e certamente não recusará um agrado ou um petisco.

Filhotes adoram morder uns aos outros quando estão brincando,

---

<sup>30</sup> No original: Physically, all canids have large chests and narrow waists, which makes them very fast runners. All have very strong scent discrimination abilities and good hearing. Regarding their minds, zoologist Fredrick Zeuner concluded that canids intelligence is far superior to that of other carnivores, including the large cats. (COREN, 2006, p. 34)

<sup>31</sup> No original: Use the same body and facial signals to signal anger, fear, pleasure, dominance, and submission. All howl, and, though barking is a rare event in the wild, all wild canines are capable of barking and most will learn to do so if they are reared with domestic dogs. And all bury bones and surplus food, returning to such caches during times of need. (COREN, 2006, p. 35)

<sup>32</sup> No original: With so many potential ancestors and progenitors for the domestic dog and so many commonalities in physiology, DNA, and behavior among the various canid species, can we draw any firm conclusions about the actual origin of dogs? Some biologists doubt that we can ever know for sure, but the likeliest theory is that the domestic dog contains, to various degrees, the genes of all the wild canids. The DNA evidence suggests that the domestication of the dog was not a single event, but may have occurred many times in different locations and during different historical eras. (COREN, 2006, p. 38)

comportamento semelhante aos seus ancestrais no ensinamento e aperfeiçoamento da caça.

Outro comportamento é o de docilidade com o homem. Seus ancestrais respeitavam o líder do bando seguindo suas regras e vontades, da mesma forma que o cão doméstico faz com seu dono. Obviamente observamos casos de animais teimosos e de comportamento difícil, muitas vezes hostil, mas vale lembrar que seus ancestrais, ou até mesmo os animais selvagens desenvolvem esses comportamentos na busca da liderança do bando ou na busca de formação de novos grupos.

A opinião comum, principalmente para psicólogos e estudiosos do comportamento, é que o animal não tem a capacidade de pensar. São seres que agem por reflexos condicionados sem esboçar qualquer tipo de raciocínio.

Charles Darwin, por exemplo, escreveu em *The Descent of Man* que a única diferença entre a inteligência dos seres humanos e que a maioria de seus primos inferiores, mamíferos "é de grau e não de espécie." Ele dizia que "os sentidos e intuições, as várias emoções e faculdades, como amor, memória, atenção, curiosidade, imitação, razão, etc, do qual o homem se orgulha, podem ser encontrados em um incipiente ou até mesmo por vezes em uma condição bem desenvolvida, nos animais inferiores"<sup>33</sup>.

Certamente, não podemos comparar a inteligência do cão com a inteligência do homem em todos os sentidos. Indiscutivelmente existem limitações na inteligência dos cães. Não é coerente imaginarmos que um cão, hoje, seja capaz de compor uma música, refletir filosoficamente, escrever um livro, criar uma arquitetura peculiar, preparar um requintado jantar, criar um robô, desenvolver um computador, criar uma peça de alta costura, apresentar um programa vespertino de fofocas. Se isso será possível daqui alguns milhões de anos, ninguém pode afirmar.

Ao afirmando que cães são providos de inteligência, é cabível questionar em que grau de inteligência, comparada a inteligência humana, eles se encontram.

Coren (2006, p. 47) cita que o influente psicólogo americano William James precocemente advertiu que "muitas pessoas pensam que estão pensando quando

---

<sup>33</sup> No original: Charles Darwin, for example, wrote in *The Descent of Man* that the only difference between the intelligence of humans and that of most of their lower mammalian cousins "is one of degree and not of kind." He went on to say that "the senses and intuitions, the various emotions and faculties, such as love, memory, attention, curiosity, imitation, reason, etc., of which man boasts, may be found in an incipient or even sometimes in a well-developed condition, in the lower animals." (COREN, 2006, p. 45)

estão meramente reorganizando seus preconceitos."<sup>34</sup>. O cão, cada dia mais, tem feito parte de nossas vidas, de nossa sociedade, de nossa família. Ao fazer parte de nossa sociedade, cada vez mais contundentemente, vamos desenvolvendo atitudes que podem ser observadas na política (desenvolvendo e criando leis que passam a dar valor a vida dos animais, como proibição de exposições de animais em atrações circenses), religião (podemos observar líderes religiosos abençoando animais e incitando o amor as outras espécies), educação (desenvolvendo já na fase inicial do aprendizado escolar a consciência da preservação das espécies), ou mesmo simplesmente crescendo no convívio do cotidiano.

Seguindo a mesma linha de raciocínio traçada por Coren, abordaremos a partir daqui, a consciência do cão.

Mesmo com todas essas práticas, ainda assim, a idéia de que o cão tem consciência causa verdadeiro desconcerto em especialistas de determinadas áreas.

Durante toda a nossa formação como pessoas, fomos ensinados ou induzidos a pensar o cão como um ser altamente capacitado a responder comandos, um bicho com capacidade destacável em demonstrar reflexos com respostas automáticas, sem autoconsciência, sentimentos, emoções.

Cães que aprendem a responder a comandos, como sentar, deitar, sair, pular, correr, transpor obstáculos, atravessar uma armação circular com mais de um metro e meio de altura, pular sustentando-se em apenas duas patas, subir em plataformas, descer rampas, fingir de morto, dentre outros, são considerados por alguns estudiosos como um ato de reprogramação de reflexo e não em qualquer tipo de consciência, sem atribuir aos cães qualquer tipo de cognição pertinente, para eles, somente a raça humana.

Esta opinião é devido, principalmente, a René Descartes, no século XVII, filósofo francês conhecido por suas contribuições à matemática, fisiologia e psicologia. Descartes propôs que todos os animais não tinham consciência, inteligência ou pensamentos análogos aqueles encontrados em uma mente humana. Segundo esta teoria, um cão é apenas uma máquina viva.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> No original: The influential early American psychologist William James warned that "a great many people think they are thinking when they are merely rearranging their prejudices." (COREN, 2006, p. 47)

<sup>35</sup> No original: This viewpoint is due, primarily, to René Descartes, the seventeenth-century French philosopher known for his contributions to mathematics, physiology, and psychology. Descartes proposed that all animals were without consciousness, intelligence, or thoughts analogous to those found in a human mind. According to this theory, a dog is merely an animate machine. (COREN, 2006, p. 48)

Como o próprio autor relata, muitos psicólogos e fisiologistas compartilham desse ponto de vista, defendendo cientificamente essa posição em inúmeros trabalhos acadêmicos na área.

Antes de Descartes, cientistas partilharam conclusões do filósofo grego Aristóteles, cujo interesse real era na própria vida, não apenas na inteligência. Ele considerou que existiam várias qualidades de vida e que as diferentes criaturas demonstram mais ou menos cada uma dessas qualidades. Os componentes básicos da vida animal são a capacidade de absorção dos alimentos, a produção de descendentes, e de deslocamento no ambiente. Os demais aspectos da vida, porém, todos tinham a ver com a capacidade mental, ou o que vagamente chamou de mente. Estas capacidades incluída a capacidade de perceber o mundo através de órgãos sensoriais, a capacidade de ter emoções e motivações, e, finalmente, as capacidades intelectuais que incluem a capacidade de aprender, a raciocinar, e para analisar.<sup>36</sup>

Em contrapartida, muitos veterinários, treinadores e proprietários de cães, aprovam a idéia de o cão ser capacitado a responder não somente a comandos, mas possuir a capacidade de reflexão consciente, apresentando alguns comportamentos próprios, vontades, opiniões, manifestadas através de um latido, um rosnado, um abanar de cauda, um raspar de pata, um pulo no colo.

Grande parte do pensamento de que o cão é um ser praticamente automático, sem poder de cognição, possa ser atribuído ao fato de os estudos da área sempre serem voltados aos experimentos humanos e quando atribuídos a animais, na grande maioria dos casos, os animais eram utilizados como “lotes testemunhas” de pesquisa e o foco sempre sendo o humano, e quase nunca o animal.

Sem grandes preocupações de incorrer numa afirmação leviana, podemos considerar que tanto homens quanto cães são possuidores de emoções, ressaltando que as emoções humanas são mais complexas.

Tanto nós humanos quanto os cães, aprendemos e vamos aprimorando esse aprendizado com, por exemplo, a prática de repetição, dentre outros.

Ao desenvolver, ou melhor, repetir determinado ato, temos que relembra-lo

---

<sup>36</sup> No original: Prior to Descartes, scientists shared the conclusions of the Greek philosopher Aristotle, whose real interest was in life itself, not just intelligence. He felt that there were several different qualities of life and that different creatures displayed more or less of each of these qualities. The basic components of animal life involved the abilities to absorb food, to produce offspring, and to move around the environment. The remaining aspects of life, however, all had to do with mental ability, or what we loosely call the mind. These capacities included the ability to perceive the world through sense organs, the capacity to have emotions and motivations, and, finally, the intellectual capacities that include the ability to learn, to reason, and to analyze. (COREN, 2006, p. 48-49)



solucionando os problemas para aprimorá-los.

Um jogador de xadrez, por exemplo, desenvolverá técnicas e aprimorará seus conhecimentos jogando repetidas vezes e analisando a cada jogada qual o melhor movimento a ser feito e quais conseqüências um movimento mal realizado trará.

Com o animal não é muito diferente. Obviamente que ele não conseguirá jogar xadrez, mas aprendendo e repetindo os movimentos que lhe são possíveis, como por exemplo, pular, deitar, rolar, buscar objetos, ele aprimorará os movimentos, encontrando por si só formas menos desgastantes e mais prazerosas de desenvolver esses movimentos, pois, certamente no final dessa “brincadeira” ele será recompensado, seja com um petisco, seja com um carinho. Podemos facilmente encontrar outro exemplos, realizando buscas em sites de vídeos da internet, como relatos de animais que aprendem a escalar o canil para fugir pelo telhado, cães que aprendem a destrancar portas, dentre outros.

O raciocínio de Aristóteles era influente e vários grandes pensadores aceitavam seus pontos de vista, entre eles São Tomas de Aquino, um dos mais influentes filósofos da Igreja Católica Romana. No século XIII, Aquino estabeleceu como doutrina formal da Igreja a idéia de que os seres humanos e animais diferem apenas quantitativamente (no grau em que as suas habilidades mentais se expressam), e não qualitativamente (na especificidade desses processos mentais). Isto levou a algumas complicações, porque filósofos da época tendiam a ver inteligência e consciência simplesmente como aspectos da entidade espiritual que chamamos a alma. Assim, para alguns estudiosos, especialmente aqueles das igrejas cristãs, aceitam que cães (ou outros animais) tinham inteligência foi o equivalente a conceder que ele também tem alma.<sup>37</sup>

Essa abordagem Aristotélica teve grande repercussão. Muitos intelectuais e teólogos da época repudiaram essa afirmação explicitando seus posicionamentos contrários a esse ponto de vista.

A abordagem da inteligência animal, envolvendo a religião foi extremamente contraditória e infeliz.

Quando alguma religião aborda o cão, atribui a ele algum símbolo de bondade

---

<sup>37</sup> No original: Aristotle's reasoning was influential, and many great thinkers accepted his views, among them Saint Thomas Aquinas, one of the most influential Roman Catholic philosophers. In the thirteenth century, Aquinas established as formal church doctrine the idea that humans and animals differ only quantitatively (in the degree to which their mental abilities express themselves), rather than qualitatively (in the specific nature of those mental processes). This led to some complications, because philosophers from this era tended to view intelligence and consciousness simply as aspects of the spiritual entity we call the soul. Thus for some scholars, particularly those in the Christian church, accepting that dogs (or other animals) had intelligence was tantamount to conceding that they also have souls. (COREN, 2006, p. 49)

ou maldade, companheirismo, guarda, ajuda ou agressividade, normalmente sem qualquer tipo de referência sobre sua inteligência, mesmo que em algumas dessas religiões sejam levadas em consideração histórias onde o cão tem um papel expressivo e suas atitudes sejam possíveis de serem desenvolvidas se o animal possuísse algum tipo de inteligência e poder de percepção.

Coren aborda varias religiões e a representativa presença do cão em cada uma delas conforme veremos abaixo.

Os antigos hebreus consideravam que todos os cães eram absolutamente imundos, porque os cães que mais freqüentemente encontravam eram carniceiros – vira-latas. Viver fora dos muros da cidade, obrigava os cães a subsistir de lixo e até de cadáveres humanos.<sup>38</sup>

No cristianismo Coren cita que:

O cristianismo herdou do judaísmo algumas atitudes negativas para com o cão, mas têm sido muito positivamente diluído por muitos contos populares do cão em versões de erudição religiosa. Por exemplo, uma vez em que o cristão conta que o nascimento de Jesus é associado com pastores, e pastores exigem cães, os cães são freqüentemente mostrados em cenas de natalidade, onde não transmitem nenhum sinal de imundícia. Comumente o cão é visto pelo cristianismo como um fiel companheiro<sup>39</sup>.

Ao abordar a tradição islâmica, Coren afirma que:

A tradição islâmica também começa com uma visão negativa do cão, mas aqui a situação é complexa, com mistura de muitos elementos positivos. Tal como no judaísmo e o cristianismo, os cães são geralmente considerados impuros. Para os fundamentalistas islâmicos, ao ser tocado por um cão, deve ser desinfetado e requer um ato de purificação. Uma tigela que um cachorro tenha comido ou bebido deve ser lavada sete vezes e limpa na terra antes que ela seja novamente apta para uso humano.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> No original: The ancient Hebrews considered all dogs to be utterly unclean, because the most commonly encountered dogs-namely, the pariah dogs-were scavengers. Living outside the walls of the cities, pariah dogs subsisted on refuse, garbage, and even human corpses.( COREN, 2006, p. 49-50)

<sup>39</sup> No original: Christianity inherited some of Judaism's negative attitudes toward the dog, but they have been much diluted by many positive tales of the dog in popular versions of religious lore. For instance, since the Christian account of the birth of Jesus is associated with shepherds, and shepherds require dogs, dogs are often shown in nativity scenes, where they impart no hint of uncleanness. (COREN, 2006, p. 51)

<sup>40</sup> No original: Islamic tradition also begins with a negative view of the dog, but here the situation is complex, mixed with many positive elements. As in Judaism and Christianity, dogs are generally considered to be unclean, with the stigma arising from the scavenging pariah dogs. For Islamic fundamentalists, to be touched by a dog is to be defiled and requires an act of purification. A bowl from which a dog has eaten or drunk must be washed seven times and scrubbed in earth before it is again fit for human use. (COREN, 2006, p. 56)

Algumas crenças comuns sobre cães são tão generalizadas que desafiam a classificação em uma religião específica. Judaísmo, cristianismo, islamismo, e hinduísmo, por exemplo, esperam que todos os cães sejam sensíveis para o aparecimento da morte. O uivo de um cão é muitas vezes tomado como um presságio morte.<sup>41</sup>

Os pontos de vista sobre os cães na religião variam significativamente, permeando entre as interpretações mais positivas de bondade dos cães até as atribuições mais catastróficas considerando o cão um ser do mal, repugnante, sujo e demoníaco. Para cada povo ou crença o cão tem um significado de maior ou menor importância.

Adiantando um pouco no tempo e retomando o ponto de vista de Descartes, notaremos que ele continuará afirmando que os animais são apenas máquinas biológicas, que todos os comportamentos ou reações que os animais desenvolvam sejam reproduções mecânicas independentemente da complexidade da atividade, não incorrendo qualquer consciência ou pensamento, afirmando ainda que não exista consciência na função cardíaca, digestiva ou respiratória, são respostas mecânicas sem nenhum tipo de interferência consciente. Mesmo nas reações mais complexas, como a fuga no momento em que o predador se aproxima, que supostamente exija raciocínio, lógica e inteligência, são reações mecânicas que dispensam qualquer tipo de inteligência, consciência ou alma.

Descartes, por ser pesquisador, ofereceu muitas provas sobre a simplicidade mecânica dos cães. Coren (p.64) aborda uma delas:

[...] se eles (animais) pensassem como nós, teriam uma alma imortal como nós. Isto é improvável porque não existem razões para crer que alguns animais, sem acreditar em tudo, e muitos deles, tais como ostras e esponjas, são demasiado imperfeitos para que acreditemos.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> No original: Some common beliefs about dogs are so widespread that they defy classification in a specific religion. Judaism, Christianity, Islam, and Hinduism, for example, all hold that dogs are sensitive to the onset of death. The howling of a dog is often taken as a death omen. (COREN, 2006, p. 57-58)

<sup>42</sup> No original: if they [animals] thought as we do, they would have an immortal soul like us. This is unlikely because there is no reason to believe it of some animals without believing it of all, and many of them, such as oysters and sponges, are too imperfect for this to be credible.

Continuando com a linha de raciocínio de Coren, observamos que existem muitos exemplos de situações em que cães mostram ação criativa. Se tomarmos o exemplo de um cão, que vive em uma área rural qualquer, e que em dado momento sentisse sede e buscasse um córrego próximo para saciar sua sede. Ao chegar às margens do córrego, tão afoito com a incômoda e gigantesca sede, se põe a beber água límpida e fresca, sem dar conta que não estava sozinho. Sorrateiramente um jacaré, deu-lhe um bote, e para sua sorte não foi certo, quase custando-lhe a vida. Daí por diante, sempre recordando deste fato, quando se via sedento e a procura de água, se aproximava das margens, batia com a pata na água e aguardava por um tempo para saber se existia alguém a espreita. Se nada acontecesse, se colocava a degustar da merecida água<sup>43</sup>.

Esse tipo de comportamento não é exclusivo do cão, mas comum a animais que vivem no meio selvagem e se adaptam, como forma de se manterem vivos.

É claro que essa atitude não faz parte do padrão de comportamento do cotidiano dos nossos cães de companhia urbanos, mas o fato serve para nos mostrar que o cão é capaz de memorizar, se antecipar a possíveis ameaças, em resposta adaptativa a dada situação.

Infelizmente, quando Descartes eliminou a idéia de que os animais possuíam intelecto, razão e consciência, isso teve mais do que conseqüências científicas e intelectuais. Ao negar a estes animais maiores habilidades mentais, Descartes também negou-lhes sentimento e emoção. Segundo ele, o choro de um animal quando fosse atingido não indicaria dor, mas sim o equivalente ao barulho das molas ou o chiado que você pode ouvir depois de soltar a corda de um relógio mecânico ou alguns brinquedos. [...] Nicolas de Malebranche, um filósofo francês conhecedor do trabalho Descartes, amplia esta idéia quando ele alegou que os animais "comem sem prazer, choram sem dor, não sabem agir, não tem desejos, não temem nada, não sabem nada."<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Exemplos da história relatada podem ser vistos em documentários da Discovery Channel, vídeos no You Tube. Alguns exemplos disponíveis em: [http://www.youtube.com/watch?v=ck1FY4X\\_iNo](http://www.youtube.com/watch?v=ck1FY4X_iNo); <http://www.youtube.com/watch?v=LU8DDYz68kM&feature=fvsr>.

<sup>44</sup> No original: Unfortunately, when Descartes threw out intellect, reason, and consciousness for animals, it had more than scientific and intellectual consequences. In denying animals these higher mental abilities, Descartes also denied them feeling and emotion. According to him, the cry an animal releases when struck does not indicate pain but is rather the equivalent of the clanging of springs or chimes you might hear after you drop a mechanical clock or some wind-up toy. Nicolas de Malebranche, a French philosopher who extended Descartes's work, picked up on this idea when he claimed that animals "eat without pleasure, cry without pain, act without knowing it; they desire nothing, fear nothing, know nothing." (COREN, 2006, p. 66)

Ignorar a inteligência, a esperteza e a docilidade de um cão, pode até ser um posicionamento que mereça ser respeitado, já negar que os cães sentem dor, fome, frio, sede, ira, parece-nos menos plausível, principalmente com a vasta gama de estudos desenvolvidos a esse respeito na área veterinária<sup>45</sup>.

Mesmo naquela época, existem relatos que Descartes tinha um cão mimado como animal de estimação e que conversava com ele da mesma forma que as pessoas tratam os animais hoje. Preocupado com a saúde de seu cão, ele chegava a falar para as pessoas sobre as preferências do animal, do que ele tinha gostado ou não, e em algumas ocasiões se punha a imaginar sobre o que o cãozinho estaria a pensar.

Aos 47 anos, após a morte de sua irmã e de Francine, sua filha com uma criada do período em que viveu em Amsterdã para escrever o “discurso do método” (1634), o filósofo francês ficou inconsolável e refletindo cada vez mais sobre a vida, a morte e sua própria mortalidade. “Adotou um cão, o que deu o nome de Monsieur Grat. Nas pequenas vilas e aldeias em que morou na Holanda, as pessoas freqüentemente viam um homem solitário caminhando com seu cão, perdido em pensamentos”<sup>46</sup>.

Seguindo nossa posição de que os cães são animais providos de inteligência, cabe aqui uma analogia ao ser humano percebida por Coren.

Nós podemos começar dizendo que, uma vez que atribuem consciência e inteligência para outros seres humanos, não temos o direito, na ausência de outros dados, de negar o mesmo para outros animais, certamente mais elevados como um cão. Estes animais são equipados com sistemas nervosos que usam os mesmos módulos gerais e operam de acordo com os mesmos princípios do que os fisiológicos no homem. Para o fisiologista, as semelhanças na estrutura do sistema nervoso de todos os mamíferos, a partir da organização do cérebro para baixo dos níveis de substâncias químicas do transmissor elétricos, respostas que carregam informação para o cérebro, que são notáveis. Isso explica, obviamente, razão pela qual os animais são utilizados em estudos comportamentais e por psicólogos

---

<sup>45</sup> Alguns trabalhos desenvolvidos na área veterinária a esse respeito podem ser encontrados em : Avaliação do perfil analgésico do tramadol através da verificação temporal de sua concentração plasmática em cadelas submetidas a ovário-salpingo-histerectomia. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10133/tde-05012007-181030/>>; Evaluation of tramadol, na “atypical” opioid analgesic in the control of immediate postoperative pain in dogs submitted to orthopedic surgical procedures. Disponível em: <<http://www.fumvet.com.br/novo/revista/42/n4/250-258.pdf>>; A Homeopatia Tratando Distúrbios de Comportamento em Cães Agressivos e/ou Destrutivos. Disponível em: <<http://www.feg.unesp.br/~ojs/index.php/ijhdr/article/viewFile/187/196>>.

<sup>46</sup> ACZEL, A. D. **O caderno secreto de Descartes**. RJ: Jorge Zahar, 2007, p.120.

podendo utilizar observações feitas de uma humilde ratazana para prever o comportamento das crianças em sala de aula.<sup>47</sup>

Compartilhando da posição de Coren, se o raciocínio consciente é observado no relacionamento do homem com o cão, por ambas as partes, onde são afetadas pelos mesmos fatores, e podem responder a esses, cada um a sua maneira, seria cabível a hipótese de o cão ser provido de consciência, inteligência e raciocínio.

Obviamente é muito difícil provar tais fatos, principalmente se levarmos em consideração que os cães não dominam nossa linguagem, e nem nós a deles. As comprovações desses fatos se resumiriam em observações que poderiam ser conclusivas, apenas, sob o ponto de vista de respostas a estímulos que exijam raciocínio lógico.

É evidente que, nas situações em que as provas objetivas não podem resolver a questão, as conclusões devem ser baseadas em alguma forma de raciocínio lógico e filosófico da avaliação da situação. Deve, então, ser deixada para os desvios filosóficos de cada indivíduo e cada cientista até que alguém mais esperto do que os da minha geração localize ou produza os dados que vão resolver o problema sem ambigüidades.<sup>48</sup>

Faz-se necessário, principalmente a partir daqui, identificarmos de qual inteligência canina estamos especificamente nos referindo. Referimo-nos a um único tipo de inteligência? Existe apenas um tipo de inteligência, tanto para homens quanto para o cão?

Quando nos referimos à inteligência humana, compartilhando da idéia de Coren (2006, p. 79-81), estamos nos referindo à esperteza, brilhantismo, sabedoria, conhecimento.

É relevante aclararmos a idéia de inteligência num sentido mais específico,

---

<sup>47</sup> No original: We could start by saying that since we attribute consciousness and intelligence to other human beings, we have no right, in the absence of other data, to deny the same to animals, certainly higher ones such as dogs. These animals are provided with nervous systems that use the same general building blocks and operate according to the same physiological principles as those in humans. To the physiologist, the similarities in the structure of the nervous systems of all the mammals, from the gross organization of the brain down to the levels of the chemistry of the transmitter substances and electrical responses that carry information to and from the brain, are remarkable. This explains, of course, why animals are used in behavioral studies and why psychologists can use observations made of a lowly rat to predict the behaviors of children in the classroom. (COREN, 2006, p. 75-76)

<sup>48</sup> No original: Clearly, in situations where objective evidence can't settle the issue, conclusions must be based on some form of logical and philosophical evaluation of the situation. It must, then, be left to the philosophical biases of each scientist and each individual until such time that someone cleverer than those in my generation locates or produces the data that will unambiguously resolve the issue. (COREN, 2006, p. 76)

pois, determinado indivíduo pode ser muito bom em uma área, ser considerado inteligente e capaz, mas, pode apresentar completa falta de inteligência, ou incapacidade em outras.

Quando olhamos para aquilo que é conhecido e o que é especulado sobre a natureza da inteligência humana, encontramos uma série de idéias que nos ajudam a compreender a natureza da inteligência do cão também. Um conceito importante tem a ver com a amplitude ou extensão de inteligência. A maioria das pessoas acredita que quando as pessoas são inteligentes, eles mostram esta inteligência em tudo o que fazem.<sup>49</sup>

O mesmo se aplica aos cães. Alguns animais apresentam alta capacidade de aprendizagem, ao passo que outros não são capazes de responder a estímulos simples, apresentando baixa capacidade de respostas.

Isso pode significar que os cães apresentam maior capacidade no desenvolvimento de habilidades específicas que outras. A própria morfologia do cão o direciona para determinadas habilidades. Os cães de determinadas raças podem ser mais hábeis no pastoreio do gado ou carneiros, outros são mais ágeis em atividades de corrida ou capacidade de recuperar objetos, e assim por diante.

Tanto os homens quanto os cães possuem inteligências múltiplas. Um determinado indivíduo pode ser muito bom em relacionamentos interpessoais e ter mais dificuldades em áreas que exijam raciocínio lógico, como a área de exatas, em outros casos, alguém pode ser muito inteligente e capaz de desenvolver pesquisas e estudos em áreas em que poucos se arriscariam investigar, em contrapartida, pode apresentar grande resistência e dificuldades em relacionamentos interpessoais, preferindo ambientes privados que o permitam desenvolver seus estudos. Isso não significa que a inteligência é atributo específico e que cada um seja brilhante em uma única área, mas como o próprio autor cita, “deveríamos entender a inteligência como um conjunto de habilidades mentais primárias, onde cada uma delas representa uma habilidade distinta ou uma dimensão da inteligência, ficando claro assim, que somos detentores de múltiplas inteligências influenciadas pelo ambiente, cultura, espaço geográfico dentre outros”. (COREN, 2006, p. 85)

---

<sup>49</sup> No original: When we look at what is known and what is speculated about the nature of human intelligence, we find a number of ideas that will help us to understand the nature of dog intelligence as well. One important concept has to do with the breadth or scope of intelligence. Most people believe that when people are intelligent, they show this intelligence in everything they do. (COREN, 2006, p. 82)

Para Howard Gardner, psicólogo de Harvard, existem sete inteligências importantes: inteligência lingüística, inteligência lógico-matemática, inteligência espacial, inteligência musical, inteligência sinestésica, inteligência interpessoal e inteligência intrapessoal. Apesar da teoria Gardner ter sido concebida para descrever a inteligência humana, podemos incluir algumas habilidades que cães também parecem possuir, bem como outros que são mais discutíveis.<sup>50</sup>

A seguir, abordaremos cada uma dessas inteligências, expandindo o conceito para os cães.

A inteligência espacial se refere à capacidade de memorizar lugares, caminhos, mapas, distância relativa entre dois pontos e assim por diante.

Da mesma forma que somos capazes de voltar a lugares que já visitamos, ter certa noção de distância entre um lugar e outro, nos guiar por pontos antes vistos, o cão também tem essa capacidade. Para exemplificar, pensemos no trajeto que deveremos realizar para ir até uma padaria que fica a dez quadras de nossa casa. Devemos andar quatro quadras e virar a esquerda, depois é só seguir por mais seis quadras que avistaremos a padaria. O cão também tem essa capacidade de memorizar lugares, onde ele guardou determinado objeto, onde é a porta de entrada da casa, onde fica sua casinha, sua comida e assim por diante.

Um indivíduo com deficiência visual desenvolve de forma mais contundente sua habilidade espacial, o mesmo pode ser verificado nos cães. Se mudarmos qualquer móvel de lugar na casa de um cego, se, por exemplo, colocarmos uma cadeira no corredor de passagem para a cozinha, certamente ele esbarrará na cadeira, pois, tem o percurso gravado na mente como um espaço livre e a obstrução estará modificando seu mapa mental trazendo como conseqüência a colisão. Da mesma forma que se mudarmos algo de lugar ele não conseguirá encontrar. Ampliando esse exemplo para um cão cego, as mesmas reações poderão ser observadas. O cão esbarrará em algo que esteja no caminho que costumeiramente está livre se o obstruirmos ou colocarmos um obstáculo, se mudarmos sua comida de lugar ele terá muita dificuldade em encontrar, se mudarmos sua casinha de lugar ele provavelmente deitará no chão.

Mas isso não é aplicável somente a cegos, todos temos caminhos e espaços

---

<sup>50</sup> No original: For Gardner, there are seven important intelligences: linguistic intelligence, logical-mathematical intelligence, spatial intelligence, musical intelligence, bodily-kinesthetic intelligence, interpersonal intelligence, and intrapersonal intelligence. Though Gardner's theory was designed to describe human intelligence, it includes some abilities that dogs also seem to possess, as well as others that are more debatable. (COREN, 2006, p. 85)



pré-registrados na mente e qualquer mudança poderá acarretar num desvio de rota ou até nos levar a desorientação a ponto de não sabermos onde estamos.

Se no mesmo caminho para a padaria do exemplo anterior condicionássemos a virar na quarta quadra, pois, é onde encontraremos uma parede vermelha, ao passarmos distraídos por esse local ou a parede for pintada de outra cor, poderemos errar o caminho.

As mesmas reações podem ser observadas nos cães. Como citado anteriormente, são capazes de lembrar lugares, localizações e qualquer mudança, poderá criar confusão e possível erro de rota. Se ele tem o costume de guardar seus brinquedos em um determinado canto do quintal, e pedimos a eles que busquem um desses brinquedos, ele correrá diretamente para o canto de costume, ao passo que se mudarmos os brinquedos de lugar, ele irá diretamente buscar no lugar de costume, não encontrando, levará um tempo para achá-los já que em sua mente o local que os brinquedos deveriam estar era onde são costumeiramente guardados.

Outro fato curioso e relevante nessa analogia é o fato de animais cegos também conseguirem desenvolver sua inteligência espacial a ponto de guardarem espaço e distâncias, conseguindo se locomover sem problemas no seu espaço rotineiro, desde que nada seja mudado de lugar, caso contrário, ocorrerá o mesmo que relatado no caso do humano deficiente visual no exemplo anterior, ao ponto de que se sua vasilha de comida ou água for mudada de lugar, o cão poderá ter muita dificuldade em encontrá-los podendo até, em casos críticos, não conseguir se alimentar ou beber água.

Se em uma simples brincadeira, as crianças deveriam pegar bolinhas no quintal de casa e trazê-las para sala, e porventura mudássemos as bolinhas de lugar colocando-as no quarto, as crianças tendenciosamente iriam buscá-las no quintal, levando algum tempo para encontrá-las. Com um cão, é muito semelhante. Se ele está habituado a buscar bolinhas do quintal e trazer para a sala quando solicitamos, e repetimos a operação de mudarmos as bolinhas de lugar levando-as para o quarto, tendenciosamente ele irá procurá-las primeiramente no quintal, tendo maiores dificuldades em encontrá-las em outra área.

A inteligência sinestésica, segundo Coren (2006, p. 87), é a capacidade de se mover, de coordenar as habilidades do corpo, como é exigido para a datilografia,

dança, esportes<sup>51</sup>. Essa inteligência é utilizada pelos cães quando eles desenvolvem atividades como saltar, correr entre obstáculos, andar em uma coluna estreita, subir e descer escadas, passar de ponta a ponta por uma gangorra, atividades facilmente observadas nas práticas de agility<sup>52</sup>.

Inteligência intrapessoal é o autoconhecimento, como um saber das próprias capacidades e limitações. Inteligência intrapessoal é muito importante, uma vez que o cão provavelmente deve usar algum tipo de transformação consciente, ou talvez mesmo imaginário, para exibi-lo<sup>53</sup>.

Imaginemos que um cão está sob uma plataforma de dois metros de altura e deverá pular em outro com a mesma altura, mas, que se encontra distante da primeira cerca de um metro. Ele não pulará desatinadamente para outra plataforma, certamente olhara para segunda plataforma, “calculará” a distância entre os pontos, tomará o impulso necessário para posteriormente pular, demonstrando hesitação no primeiro momento e realizando o salto num segundo. Nesse exemplo percebermos que o cão tem consciência de suas capacidades e limitações, não se atirando de um ponto para o outro sem antes verificar se é possível, e em alguns casos, onde perceba sua incapacidade para a realização da transposição, hesitará podendo até desistir do pulo.

Quando nos referimos à inteligência interpessoal, nos referimos a capacidade que os cães demonstram em viver em sociedade, respeitando lideranças e regras do grupo aplicáveis no convívio entre os cães de uma matilha ou entre os cães e as pessoas da casa onde vive, facilmente observável quando um cão tenta comunicar a seu dono que ele quer alguma coisa.

Se um não reconhecer que existem outras pessoas e que o seu comportamento pode afetar diretamente o outro, então não há necessidade de se

---

<sup>51</sup> No original: This includes the ability to move and coordinate the body skillfully, as is required for touch typing, dancing, and sports.

<sup>52</sup> Agility é um esporte praticado por duplas compostas de um cão e seu condutor. As regras iniciais foram baseadas no hipismo. O objetivo é terminar a prova sem cometer infrações e no menor tempo possível, tornando assim o agility uma prova de Habilidade, onde a Velocidade é critério decisivo de desempate. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Agility>>. Acesso em: 01 jun. 2009.

<sup>53</sup> No original: This is self-knowledge, such as knowing one's own capacities and limitations. A dog who hesitates or refuses to jump over a barrier or gap that it knows is too high or wide for it is displaying this kind of intelligence. Intrapersonal intelligence is theoretically very important, since the dog probably must use some kind of conscious processing, or perhaps even imagery, to display it. (COREN, 2006, p. 87)

engajar em qualquer comunicação<sup>54</sup>.

Você pode estar se perguntando, por que a competência social e responsabilidade social são colocadas na mistura de habilidades que nós chamamos inteligência? A resposta a esta realidade leva-nos de volta para a questão da consciência. O link é que alguns psicólogos, tais como Nicholas Humphrey na London School of Economics, argumentaram que a consciência, e talvez grande parte da inteligência superior, evoluiu, em primeiro lugar para permitir que os animais lidassem com situações sociais. Como com outros indivíduos da própria espécie, prevendo as suas ações, adivinhando seus motivos e objetivos, encontrando um parceiro adequado, controlando os comportamentos dos filhos são de acordo com Humphrey, coisas mais complicadas que um animal nunca vai ter de lidar. Portanto, não surpreende que o cérebro desenvolva uma série de capacidades para responder a estes desafios<sup>55</sup>.

Até aqui nos referimos a dimensões da inteligência bastante evidentes nos cães. A partir daqui, abordaremos outras iniciando pela inteligência musical.

Ao abordar a música, fazendo uma ponte com o comportamento humano e animal, observamos que músicas mais calmas, com ritmos mais lentos, como músicas clássicas, românticas, tendem a acalmar ao passo que músicas mais “pesadas”, com ritmos mais pulsantes, como músicas eletrônicas, rock, tendem a causar excitação, agitação, impulsividade.

Esse fato é claro em humanos e também muito observado em cães. Não é incomum no meio veterinário, principalmente em conversas informais entre proprietários de cães na recepção de uma clínica a espera de atendimento, relatos de cães que preferem determinados tipos de músicas demonstrando comportamentos que levam seu proprietário a identificar predileção por um gênero ou outro de música.

Em seu artigo publicado na revista científica Bem-Estar Animal, Deborah Wells resumiu estas conclusões, dizendo, "Está bem estabelecido que a música pode influenciar o nosso humor. A música clássica, por exemplo,

---

<sup>54</sup> No original: Interpersonal intelligence, in other words, is the foundation for communication: If one doesn't recognize that other individuals exist and that their behavior can affect one directly, then there is no need to engage in any communication. (COREN, 2006, p. 88)

<sup>55</sup> No original: You may be wondering, "Why do social competence and social responsiveness get thrown into the mix of abilities that we call intelligence?" Answering this actually brings us back to the question of consciousness. The link is that some psychologists, such as Nicholas Humphrey at the London School of Economics, have argued that consciousness, and perhaps much of higher intelligence, evolved in the first place to allow animals to deal with social situations. Getting on with other individuals of one's own species, predicting their actions, guessing their motives or goals, finding an appropriate mate, controlling the behaviors of offspring are, according to Humphrey, about the most complicated things that an animal will ever have to deal with. It is, therefore, not surprising that brains should evolve a number of capacities to meet these challenges. (COREN, 2006, p. 88)

pode ajudar a reduzir os níveis de estresse, enquanto música grunge pode promover a hostilidade, tristeza, tensão e fadiga. Acredito agora que cães podem ser tão criteriosa como seres humanos quando se trata de preferência musical”.<sup>56</sup>

Outro aspecto da inteligência é a lógico-matemática. Temos aqui que deixar clara a idéia de que não estamos atribuindo aos cães à capacidade de fazer ciência, resolver equações logarítmicas ou qualquer outro tipo de equação. Estamos atribuindo ao cão capacidade lógico-matemática limitada, como a de “calcular” a distância entre um ponto e outro e encontrar o trajeto mais rápido, o impulso necessário para pular e pegar um objeto.

Embora ninguém alegue que cães são matemáticos ou lógicos, pode ser justo dizer que alguns cães têm habilidades matemáticas e lógicas. Especificamente, a habilidade de comparar quantidades e para a contagem que são a base da matemática, bem como a capacidade de resolver problemas onde demonstra lógica e raciocínio.<sup>57</sup>

A última modalidade da inteligência, que abordaremos, é a inteligência lingüística. É talvez a modalidade mais questionada, principalmente por psicólogos. Deixemos claro, também, que não estamos atribuindo ao cão a capacidade de discutir com um humano detalhando-lhe verbalmente sobre acontecimentos históricos. Estamos aqui atribuindo ao cão à capacidade de entender algumas palavras. Essa modalidade pode ser observada, principalmente em animais adestrados, onde o treinador condiciona o animal a desenvolver determinados comportamentos de acordo com o comando de voz que ele emitir. Ao decorrer do treinamento ele aprenderá que se o treinador disser a palavra senta, ele terá de se sentar, se disser a palavra pula ele responderá pulando, deita e o cão se deita até que outro comando gestual ou vocal seja dado.

Mas em exemplos mais simples do cotidiano, notamos que cães atendem a comandos, que nem sempre são reconhecidos pelo seu proprietário como comando e sim como uma simples conversa, como “sai” e ele se dirige do interior da casa

---

<sup>56</sup> No original: In her paper published in the scientific journal *Animal Welfare*, Wells summarized her findings by saying, "It is well established that music can influence our moods. Classical music, for example, can help to reduce levels of stress, whilst grunge music can promote hostility, sadness, tension and fatigue. It is now believed that dogs may be as discerning as humans when it comes to musical preference." (COREN, 2006, p. 90)

<sup>57</sup> No original: While no one will claim that dogs are mathematicians or logicians, it may be fair to say that dogs do have some mathematical and logical abilities. Specifically, the ability to compare quantities and to count are the basis of mathematics, and the ability to solve novel problems demonstrates logic and reasoning. (COREN, 2006, p.94-95)

para o quintal, “aí não pode” e o cão deixa de mexer em determinado local, “vem” e o corre em direção ao seu dono e assim por diante, ou seja, comandos lingüísticos que o cão consegue decifrar e responder com um comportamento.

Devemos lembrar que uma a comunicação lingüística não se resume a comunicação de voz. A linguagem de sinais para os deficientes auditivos é um exemplo de outra modalidade da lingüística.

Se entendermos essa utilização de sinais dos deficientes como recepção de mensagens, poderemos projetar para a comunicação homem-cão essa mesma idéia, onde o homem levanta o braço e o animal responde sentando, ele gira o braço e o animal gira em torno de si, e assim por diante.

Recentemente, um Border Collie chamado Rico foi testado por Julia Fischer e outros psicólogos no Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária em Leipzig, na Alemanha. Eles descobriram que ele pode compreender mais de duzentas palavras, a maioria dos quais correspondiam aos nomes de objetos. Como uma criança jovem humana, Rico rapidamente forma uma hipótese grosseira sobre o significado de uma palavra nova após uma única exposição por deduzir que a nova palavra está ligado a um objeto que ele está vendo pela primeira vez. Um exemplo disto é a aprendizagem por um princípio excludente.<sup>58</sup>

Além dos sons e sinais emitidos os cães também são capazes de reconhecer a linguagem corporal.

Para um psicólogo, linguagem corporal se refere à forma como nos deslocamos e posicionamo-nos para o outro.<sup>59</sup> Dependendo da situação atual de cada indivíduo, como ele se encontra emocionalmente em dada ocasião, tende a exteriorizar seus sentimentos em expressões corporais. O cão possui grande sensibilidade em identificar esse estado emocional do homem, ou seja, possui grande sensibilidade para captar expressões corporais, respondendo com reações semelhantes, colocando o rabo entre as pernas, ficando cabisbaixo, respondendo a esses sinais do inconsciente. Vale lembrar que existem mais sinais e signos para serem vistos do que para serem ouvidos.

---

<sup>58</sup> No original: Recently a border collie named Rico was tested by Julia Fischer and other psychologists at the Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology in Leipzig, Germany. They found that he could understand over two hundred words, most of which corresponded to the names of objects. Like a young human child, Rico would quickly form a rough hypothesis about the meaning of a new word after a single exposure by inferring that the new word is connected to an object he is seeing for the first time. One example of this is learning by an exclusionary principle. (COREN, 2006:105)

<sup>59</sup> No original: To a psychologist, body language refers to how we move and position ourselves and even to our facial expressions. (COREN, 2006, p. 106)

Psicólogos descobriram que cães usam a linguagem para comunicar sobre três temas principais. A primeira prende-se com os seus estados emocionais. O segundo diz respeito às relações sociais, que incluem aspectos de dominância ou posição social e preocupações territoriais. Por último, cães se comunicam para expressar desejos e anseios. É nesta última área que cães são mais variáveis e são mais aptos a demonstrar linguagem aprendida ou sinalização.<sup>60</sup>

Os cães podem demonstrar o uso de linguagem emitindo sinais como forma de expressão, de diversas formas como: latidos, rosnados, movimentos de cauda, movimentos de orelhas, olhos, boca, corpo e patas.

Para ainda a dúvida se estes sinais são realmente linguagem.

Quando uma criança, ainda sem o domínio da linguagem falada, deseja expressar algum sentimento, utiliza gestos, expressões corporais para expor o que sente. Por exemplo, se uma criança de colo chora quando está com fome, e este é um sinal claro de fome nos recém nascidos, está comunicando o que sente através desse choro. O choro pode significar varias coisa, não somente fome, mas nessa fase de vida esse é um dos poucos artifícios que o bebê domina para comunicar ou expressar um sentimento. Digo um dos poucos por não ser único. Mesmo que isso pareça confuso, uma criança, ainda que muito nova, tem capacidade (talvez maior capacidade seja a nossa de entender esses sinais), de expressar seus sentimentos, como um sorriso quando se sente confortável com alguma situação, inquietação e sucessivos movimentos com as pernas quando está, por exemplo, com cólica, rigidez nos membros quando está passando por um desconforto momentâneo e assim por diante.

Além de vocalizações, psicólogos reconhecem gestos como componentes da linguagem. Por exemplo, o MacArthur Communicative Development Inventory tem uma seção inteira sobre gestos comunicativos, que ele entende como linguagem. Estes incluem a apontar para objetos ou eventos interessantes, acenar tchau quando uma pessoa parte, estendendo os braços para cima para sinalizar um desejo de ser pego, e mesmo mordendo

---

<sup>60</sup> No original: Psychologists have found that dogs use productive language to communicate about three main topics. The first deals with their emotional states. The second pertains to social relations, which include aspects of dominance or social standing and territorial concerns. Lastly, dogs communicate to express wants and desires. It is in this last realm that dogs are most variable and are most apt to show learned language or signaling. (COREN, 2006, p. 106)

os lábios para mostrar algo que gostou. Certamente, os gestos comunicativos de cães são iguais em complexidade.<sup>61</sup>

Nos cães a linguagem é emitida mais precocemente que em crianças humanas. Crianças, até que atinjam certa idade, não comunicarão nenhum tipo de reação que queira demonstrar liderança, dominação ou subserviência, nem tampouco responderá a expressões corporais do emissor, ao passo que os cães, já muito novos, expressam esse tipo de comportamento.

Depois de todos esses fatores levantados a respeito da capacidade de linguagem, parece cabível atribuímos aos cães à inteligência de linguagem, isso principalmente se considerarmos que a capacidade do cão se assemelha a capacidade de uma jovem criança.

Parece razoável aceitar que cães têm capacidade suficiente de linguagem que lhes permita comunicar uns com os outros e com nós em torno do mesmo nível que os nossos próprios descendentes humanos, com idade aproximada de dois anos.<sup>62</sup>

Passemos agora, a abordar a variedade de inteligência dos cães.

Nossa socialização com cães é cada vez mais presente, devido ao fato de o cão desempenhar papéis considerados benéficos e aproveitáveis por nós. Essa variante vai desde o ponto de vista mais utilitarista como o cão servir de vigia, na localização de pessoas e corpos ou até mesmo simples objetos, caça, pastoreio de gado e ovelhas, auxiliando deficientes visuais, fiscos, dentre outros, até passando para um nível mais psicológico de servirem como companheiros.

Para Coren, existem três diferentes dimensões do manifesto da inteligência a adaptativa, instintiva e de trabalho.

A inteligência normalmente é abordada referindo-se à aprendizagem e de resolução de problemas de habilidades. Tanto nos animais quanto em nós humanos essas habilidades tornam-se inteligências adaptativas, pois permitem a modificação do seu ambiente para se adaptar as necessidades.

---

<sup>61</sup> No original: In addition to vocalizations, psychologists recognize gestures as language components. For example, the MacArthur Communicative Development Inventory has an entire section on communicative gestures, which it counts as language. These include pointing to interesting objects or events, waving bye-bye when a person leaves, extending the arms upward to signal a wish to be picked up, and even smacking the lips to show that something tastes good. Certainly, the communicative gestures of dogs are equal in complexity to these. (COREN, 2006, p. 122)

<sup>62</sup> No original: Yet it does seem reasonable to accept that dogs have enough language ability to allow them to communicate with each other and with us at about the same level as our own human offspring can, at least up to the age of two or so. (COREN, 2006, p. 124)

Existe outra forma de inteligência que raramente é levada em consideração onde todas as competências e comportamentos fazem parte da nossa programação genética. No caso dos cães, ele pode representar uma considerável parte das suas capacidades. Animais, como humanos, tem diferenças nos comportamentos e na inteligência, em muitos casos devido à herança genética. Vale lembrar as constantes modificações genéticas realizadas em cães, cruzando raças com o objetivo de aproveitar características desejadas entre as diversas raças, com o objetivo de obter um híbrido perfeito. Essa pratica é condenada por muitos, pois, concomitante aos benefícios dos cruzamentos, como docilidade, tamanho, pelagem, podem também trazer conseqüências morfológicas serias ao animal, que, cada vez mais, tem suas vidas encurtadas por essas práticas.

Quanto à inteligência para o trabalho, Coren expõe o seguinte:

O cão precisa do controle mental para suprimir outras atividades e para controlar suas respostas a curiosidades, sons e cheiros. Sem este controle, ele será facilmente distraído durante o treinamento ou sessões de trabalho. Essa capacidade de resistir a uma distração é uma das características psicológicas com traço comum em seres humanos altamente inteligentes. Trabalhar atendendo manipulações do humano, envolve interações sociais entre cães e humanos, para isso, o cão deve também possuir razoável competências de comunicação. É preciso reconhecer que o seu manipulador tenta se comunicar com ele e tem de responder aos sinais e sons para guiar seu comportamento e dizer que se a atual ação é correta.<sup>63</sup>

As diferentes inteligências provavelmente estejam presentes em todos os cães, porém, uma ou outra raça poderá apresentar predominância em determinada inteligência superando outra. Por exemplo, determinada raça pode ter a inteligência instintiva como mais representativa, como é o caso dos cães de caça, por outro lado determinada raça poderá se mostrar mais subserviente a trabalhos como é o caso das raças destinadas a trabalhos como de segurança.

Parece haver uma certa sistemática padrão na forma instintiva adaptativa e inteligência são distribuídos através das várias raças de cães. Geralmente, os animais que têm menos claramente definidas dimensões de inteligência instintiva, parecem compensar com maiores níveis de inteligência adaptativa. Inversamente, os cães com dimensões de inteligência instintiva definidas fortemente muitas vezes parecem ser menos flexíveis na sua

---

<sup>63</sup> No original: Working at the direction of a human handler involves social interactions between dog and human; the dog must also possess reasonable communication skills. It must recognize that its handler is trying to communicate with it and must respond to the signs, sounds, and signals meant to guide its behavior and tell it if the current action is correct. (COREN, 2006, p. 130-131)



gama de comportamentos possíveis, que também é típico de um animal com inteligência adaptativa menor.<sup>64</sup>

Outro fator de extrema relevância no estudo da inteligência dos cães é a personalidade. Os especialistas afirmam que tão importante quanto a inteligência é a personalidade do cão, pois este fator determinará se o animal terá alta capacidade de resposta a comandos do seu treinador.

Vários proprietários alegam, como forma de justificar o êxito ou a falta dele no desenvolvimento da aprendizagem de determinada tarefa, que seus animais têm personalidades fortes e possuem preferências difíceis de serem manipuladas. Coren, (2006, p.199) afirma que as razões são infinitas, e o que os proprietários alegam é que o cão não é ignorante, mas tem certas características de personalidade que interferem com a sua capacidade de aprender.

Muitos treinadores, e juízes de cães de obediência alegam existir forte interferência da personalidade no desenvolvimento do aprendizado, principalmente do ponto de vista de sexo. Machos de determinadas raças demonstram personalidades mais aptas a aprendizagem que outras, ao passo fêmeas de outras raças se saem melhores que os machos.

Na escrita contemporânea e em discussões, é considerado rude, tendencioso, sexista e politicamente incorreto se referir a diferenças sexuais no comportamento, personalidade, ou inteligência, especialmente em humanos. No entanto, são claramente visíveis as diferenças entre os machos e fêmeas dos cães (pelo menos para certas raças) em termos da sua resolução de problemas e desempenho em obediência. Fisicamente, os machos são geralmente maiores, mais fortes, e mais enérgicos nas suas atividades do que as fêmeas.<sup>65</sup>

Sem distinção, qualquer tipo de discriminação, na prática, observamos que as fêmeas, no quesito obediência, normalmente se saem melhor que os machos, ao passo que em provas que exijam destreza, força e resistência os machos tem-se

---

<sup>64</sup> No original: There seems to be some systematic pattern in the way adaptive and instinctive intelligence are distributed through the various breeds of dogs. Generally speaking, animals that have less clearly defined dimensions of instinctive intelligence seem to have compensated with higher levels of adaptive intelligence. Conversely, dogs with strongly defined dimensions of instinctive intelligence often seem to be less flexible in their range of possible behaviors, which is also typical of an animal with lower adaptive intelligence. (COREN, 2006, p. 136)

<sup>65</sup> No original: In contemporary writing and discussions, it is considered rude, biased, sexist, and politically incorrect to refer to sex differences in behavior, personality, or intelligence, especially in humans. Yet there are clearly visible differences between male and female dogs (at least for certain breeds) in terms of their problem-solving and obedience performance. Physically, males are often larger, stronger, and more vigorous in their activity than the females. (COREN, 2006, p. 200)

demonstrado mais eficiente. Certamente em ambos os casos tanto machos quanto fêmeas são capazes de desempenhar as atividades a eles atribuídas, porém o fator personalidade do macho e personalidade da fêmea contribuem ou interferem no melhor aproveitamento ou resposta a estímulos.

Criadores ou treinadores raramente usam o termo personalidade em conexão com cães, porque é encarado como um rótulo bastante centralista que implica muita consciência e características que são próprias dos homens. Em vez disso, eles tendem a usar o termo temperamento, que é um pouco mais objetivo ou neutro. Este termo foi usado por Clarence Pfaffenberger, uma das primeiras pessoas a sugerir que as considerações de personalidade de um cão são vitais para determinadas funções de trabalho e de obediência.<sup>66</sup>

Muitos fatores da personalidade são provenientes de herança genética. Desta forma quando um indivíduo for escolher o animal que pretende trabalhar ou o animal que pretende adquirir, deverá escolher um cão que se enquadre nos perfis de personalidade de determinada raça de acordo com a atividade que ele pretende que o animal desenvolva.

Muitos fatores associados com personalidade são geneticamente determinados, o que significa que as pessoas possam optar por uma raça com características de personalidade da mesma forma que outras raças de características comportamentais, tais como as que compõem um cão da inteligência instintiva. Muitos cães, principalmente os utilizados como cães de companhia, foram selecionados pelo seu temperamento, tanto como para o seu tamanho.<sup>67</sup>

Para exemplificar um pouco melhor, determinados animais, podem ser considerados como pouco eficientes em responder trabalhos de inteligência e obediência, mas possuem um bom perfil de personalidade e inteligência adaptativa, neste caso este animal tem muito potencial para ser um cão de companhia, se adequando muito bem a novos ambientes e alta capacidade de

---

<sup>66</sup> No original: Breeders or trainers seldom use the term personality in connection with dogs because it is viewed as a rather centralistic label that implies too much consciousness and characteristics that are too humanlike. Instead, they tend to use the term temperament, which is a bit more objective or neutral. This term was used by Clarence Pfaffenberger, one of the first people to suggest that considerations of a dog's personality are vital for certain working and obedience functions. (COREN, 2006, p. 201)

<sup>67</sup> No original: Many factors associated with personality are genetically determined, meaning that people can breed for personality characteristics in the same way that they breed for other behavioral characteristics, such as those that make up a dog's instinctive intelligence. Many dogs, primarily those used as companion dogs, have been selected as much for their temperament as for their size. (COREN, 2006, p. 202)

socialização com seu dono, ao passo que outros animais que demonstrem eficientes respostas a trabalhos de inteligência e obediência serão animais muito aptos a pratica do adestramento.

Já vimos que a inteligência do cão, como a dos homens, vem evoluindo com o passar do tempo, assim a inteligência é crescente.

Como no caso dos seres humanos, a inteligência dos cães não é fixa, mas pode ser influenciada pela cultura e história de vida. Cada uma das quatro dimensões principais que afetam o manifesto de inteligência, ou seja, inteligência instintiva, inteligências adaptáveis, inteligência a obediência e trabalho, e o fator de personalidade pode ser melhorado.<sup>68</sup>

Coren (2006, p. 221), afirma que a personalidade dos cães podem ser melhoradas, apontando três aspectos que desempenham um papel importante. O primeiro é a orientação do cão para os seres humanos, que inclui a atenção para aquilo que uma pessoa está fazendo e que procuram filiação social com as pessoas, a segunda é a confiança e perda de medo em novas situações e a terceira é à vontade em aceitar a liderança de humanos.

Essa consideração, refere-se a preparação do filhote nas suas primeiras semanas de vida, antes de ele ser transferido para o seu novo dono. Esse método de ir “moldando” os filhotes ainda muito novos propiciará ao jovem cão a possibilidade de ter uma personalidade mais simples de lidar. Enfim, quanto mais cedo e com mais freqüência o animal for socializado, maior a possibilidade de ele atingir uma personalidade de fácil manipulação. Vale lembrar que esses esforços podem ser frustrados e o animal não atingir os níveis de inteligência esperados, devido a vários fatores anteriormente discutidos.

Uma mudança de circunstâncias e experiências de vida podem ser suficientes para determinar se um homem torna-se conhecido como um gênio ou um burro desconhecido, por causa da natureza de inteligência. Cada dimensão da inteligência discutidos neste livro pode ser dividida em duas partes. Psicólogos chamam o primeiro componente de inteligência fluida. Trata-se de um indivíduo com potencial de inteligência inata e se reflete na rapidez com que os indivíduos aprendem, a sua capacidade para armazenar o conhecimento, bem como a eficiência com que eles atacam problemas específicos. [...] Fluido de inteligência, fixa os limites de cada indivíduo, sua capacidade cognitiva, que estabelece um limite para além do

---

<sup>68</sup> No original: As in the case of humans, the intelligence of dogs is not fixed but can be influenced by rearing and life history. Each of the four principal dimensions that affect manifest intelligence-i.e., instinctive intelligence, adaptive intelligence, obedience and working intelligence, and the personality factor-can be improved. (COREN, 2006, p. 221)

qual inteligência não pode subir. Einstein usou sua inteligência fluida potencial para aprender e resolver problemas. O segundo componente de cada variedade de inteligência cristalizada é inteligência, que remete para os processos mentais que exigem aprendeu componentes. A inteligência cristalizada inclui linguagem capacidade, habilidade matemática, a capacidade de aprendizado de estratégias de resolução de problemas, e assim por diante. Representa o total do que uma pessoa aprende com a educação formal e experiências de vida. Inteligência manifesta é a inteligência individual mensurável, portanto, é a soma de inteligência fluida e cristalizada.<sup>69</sup>

Determinadas tarefas dependem mais de uma inteligência que da outra. Como o próprio autor exemplifica na seqüência, matemáticos e físicos teóricos são geralmente indivíduos com alta inteligência fluida, o que lhes dá uma vantagem criativa na resolução de problemas, e muitos deles têm origem em alta as suas profissões em idade relativamente precoce. Historiadores, economistas, e psicólogos tendem a atingir as suas contribuições mais importantes quando são um pouco mais velhos, porque o domínio dessas disciplinas depende mais sobre a acumulação de conhecimentos e à aprendizagem de técnicas específicas, o que é inteligência cristalizada.

Nos cães a situação é bem semelhante. A inteligência fluida é refletida no aprendizado e na resolução de problemas e na habilidade. A inteligência cristalizada representa o que o cão sabe realmente, incluindo sua compreensão da linguagem humana bem como suas respostas a comandos.

O nível de inteligência de um cão não é necessariamente o fator decisivo na aquisição de um cão de estimação, ao menos que seu objetivo seja treiná-lo para desenvolver atividades que exijam demasiadamente dessa capacidade.

---

<sup>69</sup> No original: A shift in circumstances and life experiences can be enough to determine whether a man becomes known as a genius or unknown and an ignoramus, because of the nature of intelligence. Each dimension of intelligence discussed in this book can be divided into two parts. Psychologists call the first component fluid intelligence. This refers to an individual's native or inborn intelligence potential and is reflected in the speed with which individuals learn, their capacity to store knowledge, and the efficiency with which they attack specific problems. Fluid intelligence is determined by an individual's genetic and neurological makeup-physiological factors such as brain size, brain chemistry, the number of neurons in the cortex, the number of branches that the neurons have, and so on. Fluid intelligence sets the limits for each individual's cognitive ability, establishing a ceiling beyond which intelligence cannot rise. Einstein's fluid intelligence was his potential to learn and solve problems. The second component of each variety of intelligence is crystallized intelligence, which refers to mental processes that require learned components. Crystallized intelligence includes language ability, mathematical ability, the capacity to learn problem-solving strategies, and so forth. It represents the total of what a person learns from formal education and life experiences. Manifest intelligence is an individual's measurable intelligence, so it is the sum of fluid and crystallized intelligence. (COREN, 2006, p. 237-238)

Todos os cães possuem inteligências específicas, o que significa dizer que todos têm potencial suficiente para serem bons companheiros e capazes de responder a estímulos.

Seja um animal da raça Border Colie, referenciado por Coren (2006:192-193) como cão número um em inteligência, seja um cão sem raça definida, os famosos vira-latas, todos, sem exceções, são providos de inteligências e capazes de realizar trocas comunicacionais com o homem.

## 6 ENTREVISTAS PESSOAIS

Foram realizadas duas perguntas. A primeira: Você acredita que um cão é capaz de se comunicar com você? A segunda: Você pode relatar algum acontecimento em que seu cão (ou de alguém próximo a você) tentou se comunicar com você?

1- Sim. Há uns 20 anos, possuíamos um Fox Terrier de pelo duro em casa. Sempre que tocava o telefone ou a campainha ele vinha até a janela do quarto de minha mãe e latia de maneira peculiar, própria de um comunicado de alerta, atenção, ou até mesmo "Ei, chegou alguém, faça alguma coisa".

Dr. A. C. – médico veterinário.

2- Acho que sim que os cachorros se comunicam conosco. Muitas vezes temos que estar atentos, elas sabem pedir comida, como chegar em você e ir ao local onde está guardado a ração. Tinha uma schinauzer que uma vez estava com diarreia após ter comido a ração de um outro cachorro (um fila) e ela ia repetidas vezes até a porta de saída, latia e voltava pois na época morávamos em apartamento e as necessidades dela eram feitas fora! No dia não havia entendido até que por fim ela não se conteve e teve que fazer na porta da sala!

Dra. L. – psicóloga.

3- Com certeza um cão (que é o animal que eu tenho experiência) pode se comunicar com seu dono. Tenho uma York que toda vez que ela fica sem água ou ração ela começa a latir até alguém encher seu pote.

S.C. – distribuidora de produtos veterinários.

4- Sim. Toda vez que vêm portando agulha de injeção, ou vidro de remédio, saem de fininho...disfarçadamente. As cenas de ciúmes são costumeiras. Creio ter lido sobre a quantidade de palavras que eles conseguem discernir.

Prof. P. S. - professor

5- Sim, acredito. A cachorra de minha irmã sempre me "chama" a brincar com ela com sua bola de borracha. Quando me aproximo dela, ela pega a bola com a boca, vem até mim, coloca a bola bem perto do meu pé e se volta para o pátio onde eu sempre jogo a bola que ela prontamente vai pegar, recomeçando a brincadeira. Conheço muitas senhoras que discutem até filosofia e problemas sexuais com seus caninos de estimação, conversando normalmente em público.

G. G. – Geógrafo.

6- Sim. Minha cachorrinha Mila pede várias coisas, como por exemplo o ossinho que ela tanto gosta, ela olha bem na minha cara e dá alguns passinhos com entusiasmo até eu levantar e assim vai me levando até a cozinha e sempre dá uma olhadinha durante o percurso para certificar que eu estou acompanhando , ao chegar lá ela olha para o pote de ossinhos e olha para mim, tipo assim ... é esse que eu quero!!! ( ahhh e é claro sempre balançando o rabinho!!!)

A. C. – Advogada.

7- Sim, com toda certeza. Quando chega a hora da corrida matinal ele fica esperando na porta da sala e se me atraso fica latindo e me chamando para a porta.

Dr. E. F. – médico veterinário.

8- Sim. Tive 2 cachorrinhas na adolescência (mãe e filha) e ambas chamavam a gente quando queriam fazer xixi no quintal e estavam presas dentro de casa. Elas latiam e depois iam até a porta e ficavam arranhando com a patinha e olhando pra gente ao mesmo tempo, deixando claro que estavam pedindo para abrir a porta.

Dra. E. M. – médica veterinária.

9- Objetivamente sim. Acrescento porém que acredito que qualquer animal com que nos relacionemos de alguma forma, pode se comunicar conosco. Bom, como lido com cães o tempo todo, acontecimentos deste tipo não faltam... Meus cães vivem "pedindo" e se comunicando conosco... poderia relatar fatos como o da Riqueza, uma York que quando quer alguma coisa, tipo água gelada, ração, brinquedo, etc, senta-se na nossa frente e , literalmente, verbaliza com sons que não são nem latidos nem rosnados, e ao ser questionada sobre o que quer, nos leva até o local onde se encontra aquilo que deseja.

S. S. – Psicóloga.

10- Sim. O Puppy, avisa quando quer fazer suas necessidades fisiológicas e também quando está sem água e comida.

C. I. – Relações Públicas.

11- Não tenho dúvidas de que um cão e gato consigam se comunicar conosco. Meu querido Pitty por volta de seus oito anos, durante uma viagem acordou e começou a ficar inquieto dentro do carro , eu tentei tirar sua roupa achando que era calor, ofereci água, bolacha, ração aí que eu observei que ele nos olhava e olhava para fora do carro, mas não pensei em necessidades fisiológicas pois havíamos saído há pouco mais de meia hora em percurso e ele tinha feito antes. Meu marido falou quer fazer xixi? Imediatamente ele pulou no colo dele para lambê-lo, assim paramos o carro e era coco seu incomodo! Que foi resolvido obviamente! Em outras situações são comuns para ele parar na frente do armário onde ficavam as bolachas dele e começar a latir chamando alguém que lhe desse, mesmo tendo ração a vontade, sua vontade naquela hora era bolacha! Atualmente vejo meu cãozinho Tibico ficar em volta de minha funcionaria quando tira a mesa de refeição, em pulos e latidos pedindo um resto de alguma comidinha caseira.

A. L. – psicóloga.



12- Sim. O meu cão mostra a coleira para pedir para dar uma volta.

P. R. – fisioterapeuta.

13- Sim, acredito. Meu filho caçula, hoje com seis anos já estava prestes a nascer e a minha mulher que não é muito afeiçoada a cachorro estava preocupada se nosso cachorro, cãozinho pequeno da raça York Shire e que batizamos com o nome de Minduim, poderia mordê-lo ou mexer em suas coisas como mamadeira, chupeta, etc. Desde então comecei a dizer ao Minduim que nova criança viria e que ele não poderia brincar por enquanto com o bebê e nem entrar em meu quarto. Na chegada do bebê em casa após alguns dias de seu nascimento apresentei o bebê ao cachorro e repeti meu pedido de “não se aproxime” e o Minduim respeitou e o máximo que fazia era levantar as orelhas quando ouvia o choro do novo morador da casa. Com mais ou menos três meses de idade, pus o bebê na minha cama para um soninho e não no berço como de costume e neste dia Minduim desrespeitou minhas ordens entrando no quarto e voltou até a sala para comunicar algo errado naquele sono e quando conseguiu a atenção minha e de minha mulher que estava prestes a tirar o chinelo para castigar o cachorro entrão, percebi seu aviso e corri ao quarto onde pude amparar meu bebê já na beradilha da cama prestes a cair. Posso dizer que a surpresa do prodígio bebê em ter se virado na cama de casal em que o coloquei bem na região central não foi maior do que o agradecimento ao Minduim que desrespeitou minhas ordens para evitar o acidente.

M. C. – Representante.

14- Sim, acredito que um cão é capaz de se comunicar com humanos. Já ouvi vários relatos de clientes dizendo que o cão os chamou para fazer as mais diversas ações, como brincar, pedir comida, abrir a porta para que ele pudesse sair para defecar, etc. Uma vez vi uma pesquisa médica onde concluiu que os cães, por ter olfato apuradíssimo, poderiam detectar tumores antes mesmo que esses viesse a manifestar sintomas clínicos. Assisti no Discovery Channel um especial sobre essa capacidade dos cães, sendo que nesse especial, o animal abordado era da raça Schnauzer Miniatura. Ele descobriu um tumor na perna de sua proprietária antes mesmo que ele aparecesse como uma ferida e, a partir daí, o médico começou uma

pesquisa onde descobriu ser verdade essa capacidade especial dos cães.

Dr. F. S. – médico veterinário.

15- Não só acredito como tenho certeza, os cães se comunicam, muitas vezes e de várias maneiras. Conheço vários casos de comunicação entre os cães e seus donos, são animais que pedem comida, pedem carinho, avisam quando precisam fazer suas necessidades, se precisar te relato vários, mas agora vou exemplificar um caso de uma amiga. O Cão dela uma fêmea pinscher de mais ou menos 2 anos, quando quer os pet palitos ela bate a pata numa cerquinha de madeira que separa o animal da casa. Como sabemos que é pet palitos? O animal só come ração e a ração fica a vontade, mas numa determinada hora, 2 vezes ao dia a cachorrinha bate a patinha na cerquinha.

Dr. L. G. – médico veterinário.

16- Sim acredito, e com certeza se comunicam. A minha cachorra, pede pra lavar o bumbum, pede pra ir comprar pão, pra jogar a bolinha, ela é demais.

L. P. – Representante.

17- Sim. Tive um boxer chamado Hulk, ele nunca foi adestrado profissionalmente mas se comunicava conosco através de alguns comportamentos típicos como dar a pata para chamar a atenção e para que brincássemos com ele. Meu pai também sempre saía de carro com ele pelo bairro mas ele ia na coleira correndo ao lado do carro..era um cão atleta e inteligente.

R. F. – representante.

18- Sim, eu a Zeena conversamos todos os dias. Ela é a maior fofqueira, fica deitada na janela todo dia olhando o movimento da vizinhança e depois ainda vem me contar se chega alguém!

H. D. – Administradora.

19- Sim, acho interessante o fato de que, quando chamo meu cachorro para passear ou alimentá-lo, ele responde rapidamente e abana o rabo. No entanto, mesmo sem nada na mão, quando o chamo para tomar remédios, ele percebe e não vem.

Prof. Dr. P. B. J.

20- Sim, é normal meu cachorro nos procurar quando alguém conhecido chega em casa e ele quer que a gente abra logo a porta. Ele fica chorando e pulando atrás da gente até irmos receber quem chegou. Acho que o tempo todo os nossos animais estão tentando se comunicar com a gente através de seus gestos. Quando ficam "nos atormentando" para fazermos carinho... quando estão pra fora de casa e riscam a porta até alguém abrir para poderem entrar... ou quando querem sair...etc.

M. I. – Assistente Social

21- Sim, eu acredito que um cão é capaz de se comunicar. Outro dia, a moça que trabalha lá em casa lavou o quintal e não colocou água na tigela das cachorras. A minha vira-lingueta, a Tekila, ficou colada em mim, até na hora que fui ao banheiro. No instante que abri a torneira para lavar as mãos ela pulou em cima de mim várias vezes. Aí já entendi, fui ao quintal e coloquei água para elas.

J. S. – Administradora de Empresas

22- Sim, A cara, o olhar, dele de que sabia quando eu ia sair e suas investidas e ganidos pedindo para eu não ir. Nítido.

F. M. - Publicitário

23- Acredito sim. Teve uma vez que eu tinha dois cachorros, um cocker e uma rottweiler. Então minha mãe começou a escutar o cocker latindo muito. Ele corria até a varanda, onde ela estava, latia, pulava e descia as escadas. Daí minha mãe decidiu ir atrás dele, pra ver o que ele queria. Ele foi até a piscina e minha mãe atrás. Chegando viu a rottweiler na piscina. Ela tinha caído e estava na beirada tentando sair e não conseguia. Minha mãe a tirou de lá e foi para o veterinário.

Infelizmente ela morreu depois de um tempo internada, pois já havia bebido muita água, mas provavelmente se tivéssemos dado atenção aos latidos antes suas chances de viver seriam maiores. E com certeza se o cocker não tivesse latido e tentado se comunicar com agente ela provavelmente teria morrido na piscina mesmo.

N. C. – Estudante de física.

24- Eu acho sim que os cães se comunicam conosco. Eu nunca passei por isso, mas sempre ouvimos casos de cães que "avisam" sobre acidentes ou mesmo "chamam" seus donos para ver alguma coisa.

J. N. – Veterinária.

25- Sim acredito. Em minha chácara temos um filhote de boxe com seis meses, o caseiro ganhou um leitãozinho com poucos dias de vida. Durante o dia os dois brincaram juntos, a noite o caseiro prendeu o leitãozinho que durante a madrugada escapou e caiu na piscina. O boxer correu na porta da casa do caseiro e ficou latindo e arranhando a porta (coisa que nunca tinha feito antes), porém o caseiro desprezou o chamado do cão e na manhã seguinte encontrou o leitãozinho morto na piscina; só nesse momento foi perceber que o cão tentou se comunicar à sua maneira.

A. F. – Engenheiro Civil

26- Claro que sim. Todo dia quando eu chegava na casa da minha avó, o Paquito ia na coleira e vinha até a mim, enquanto eu não passeasse com ele, eu não tinha sossego. Ele claramente queria me comunicar que queria ir passear.

F. R. - Representante

27- Sim. Quando a cachorra de um tio meu tentou puxá-lo pela camiseta pra dizer que o portão estava aberto, por exemplo.

A. S. – Administradora

28- Sim, tenho um pastor alemão (fêmea) que quando meu filho esta fazendo alguma coisa errada no quintal, ela vem avisar.

C. B. - Corretor

29- Sim, plenamente. A minha cachorrinha pede, sempre no mesmo horário do dia, comida a minha mãe, caso minha mãe não possa naquele instante, ela fica subindo e descendo no colo dela, chorando, lambendo, toda eufórica até ela ir.

P. G. – Assistente de Coordenação

30- Sim, por ser veterinário me lembro de vários casos onde o cão se comunicou com uma pessoa, mas, vou relatar um fato que ocorreu dentro de minha casa, com minha cachorra vira-lata, adotada da rua de nome tuca. Minha mãe estava tomando um remédio para alergia, que tem como efeito colateral muito sono, ela dona de casa foi fazer o almoço, colocou óleo em uma panela para fritar frango, como demora um pouco para fritar, foi até a sala dar um tempo, se deitou e dormiu. Ela acordou com insistentes latidos, lambidas e arranhões no rosto da tuquinha, uma cachorra pequena e muito dócil que jamais faria aquilo em uma situação normal. A cozinha estava pegando fogo, minha mãe foi até a vizinha ligar para os bombeiros que apagaram o fogo antes de incendiar a casa toda. Graças a insistente comunicação feita pela tuquinha.

J. D. – Veterinário.

31- Sim, pois a comunicação dele não se dando de forma oral, pode ser feita por tipos de latidos. Por exemplo, percebo isso quando ele está com fome, quando está feliz ao voltarmos para casa, quando vê pessoas diferentes, entre outras observações, ele emite latidos e atitudes diferentes. Estávamos eu e minha esposa ao portão da casa de minha sogra e o poodle deles veio latindo. Minha esposa falou assim: Skipper, chama o papai, chama. O cão foi correndo para a porta da casa, que fica longe do portão da rua, e ficou latindo olhando para o vidro da porta, como que chamando o meu sogro. Lembro que ele não é adestrado.

G. D. F. – Professor

32- Sim. Na morte do nosso antigo cachorro, o mesmo havia escapado e estava preso no quintal do vizinho. Ouvimos o seu choro (muito insistente, além do normal) e fomos pega-lo. Na verdade o que não sabíamos, era que ele estava a poucos instantes de sua morte - o que acreditamos não ter ocorrido antes em função do mesmo desejar estar ao nosso lado em seus últimos momentos de vida.

T. C. – Gerente bancário.

33- Sim, eu acredito que um cão possa se comunicar. Quando estou com minha cadela pinscher trancada no quarto e ela pula da minha cama, vai até a porta, arranha, volta, olha para minha cara. E quando nem ligo, e não abro a porta para ela sair fazer xixi, ela faz no chão do quarto mesmo.

N. V. – Veterinária.

34- Sim. Toda vez que percebe algo estranho, ela vem late e pede para segui-la. Isso é natural do cachorro seja de qualquer raça ou porte.

V. P. – Professora.

35- Sem sombra de dúvidas não só os cachorros como qualquer outra espécie animal tem a capacidade de se comunicar conosco. Existem vários relatos de animais que tentam se comunicar com uma pessoa. Eu me lembro uma noite na república da faculdade minha pitbull ficava batendo na porta e não era comum, levantei para ver e o portão estava aberto, ela não saiu simplesmente me avisou que o portão estava aberto para que eu pudesse fechar.

D. B. – Veterinário.

36- Sim. Digo que atualmente nós somos mais animais (humanos), do que seres racionais, e os cachorros se tornam inteligentes, ai a quem resta um pouco da humanidade, consegue conversar com os animais, assim sendo, converso todos os dias com os meus, e já tive vários relatos de que eles tentam se comunicar comigo,

e apenas temos de saber compreender os gestos.

O. V. – Zootecnista.

37- Obviamente sim. Minha cachorra se expressa de varias maneiras para me comunicar suas vontades.

K. N. – professora.

38- Sim. Tenho vários relatos a respeito.

O. M. – Professor

39- Não sou muito chegado a cachorros. Não tenho como acreditar nisso.

P. M. – Professor

40- Acredito que comunicação não é algo tão simples assim. Prefiro fazer isso com gente, pois sei da capacidade de resposta.

M – Professora

## **6.1 Pesquisa feita em blogs na internet**

Eu converso com o meu e com cachorro dos outros também. Cães são muito espertos e sentem nossas alterações de humor, de voz, enfim, por mais que não entendam a palavra exatamente, eles sentem mais ou menos o que querem dizer, dependendo do modo como é falado. Por exemplo, se eu falar com a minha cadela com a voz meiga "sua mostrinha, não puxa o tapete" ela vai achar que é um incentivo, mas se eu disser num tom firme ela percebe que eu não estou gostando do que ela esta fazendo.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090222074534AA2GA5U>.

Converso sim, e eles me entendem, outro dia minha cachorra estava bebendo água da chuva no quintal então com muito carinho lhe disse: Lobinha, você bebendo água do chão e sua panela com água limpa? Ela me olhou como queria me dizer: você esta certo, então foi em sentido a panela e foi beber água limpa. Eles entendem tudo depende com o amor e carinho que foram criados. Prefiro conversar com eles a com meu semelhante principalmente parentes. Eles não são falsos.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090222074534AA2GA5U>.

Eu converso adoidado com meus cachorros. Se for coisa de louca, terão que me internar imediatamente. Por que não conversar com eles? São nossos melhores amigos e companheiros leais e fiéis. Principalmente quando estamos tristes e com problemas, parecem que eles sabem e nos entendem. Já prestou atenção no olhar deles quando conversamos com eles? Sim, comunico-me com eles e tenho certeza de que entendem perfeitamente aquilo que pretendo expressar - aprovação, reprimendas, carinhos, medo, tristezas, etc. Embora não possam expressar no mesmo signo que nós eles têm capacidade cerebral para compreender palavras concretas e raciocinam de forma binária.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090222074534AA2GA5U>.

Eu converso com meus cachorros e eles entendem perfeitamente o que a gente fala. Se comunicar com os bichos é bom tanto para manter um contato próximo dos seus bichinhos como também para fazer com que eles fiquem mais espertos.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090222074534AA2GA5U>.

Fredinho é um cachorrinho super fofo! Ele é nosso companheiro para todas as horas! Sempre que estamos chegando em casa logo da esquina já sabemos que ele está latindo, pois escuta e reconhece o barulho do carro de longe! Quando estamos almoçando ele pega a sua panela e fica na casinha dele arrastando-a no chão até alguém chegar lá e colocar a comida dele! Ele é muito inteligente! Amo meu cachorro.

<http://www.pernambuco.com/pecao/meupet.asp?pagina=14>

Converso com minha cadela, e tenho certeza que boa parte do que falo, ela



entende, há tanto sincronismo entre nós, que sei quando ela precisa sair pro quintal para suas necessidades fisiológicas, comer, beber água. Quando saio, peço que ela fique onde esta, que já volto. Nada nem ninguém conseguem tirá-la do lugar onde a deixei. É muita troca.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061025184912AAzLZwD>.

A Minha cadela me entende. Se você pergunta a ela "cadê o João", ela sai correndo alvoroçada, chorando, e só pára quando encontrar meu irmão. Se alguém diz papai chegou! ela vai toda feliz fazer festa na porta. Se meu pai não entra logo, ela corre pra janela e se não o vê logo ela fica olhando pra nossa cara como quem diz não chegou. Ela também tem suas manias e fricotes. Dizer tchau perto dela é um perigo. Ela, de tanto medo de ficar sozinha, avança em quem ousa dizer tchau. Não importa quem seja: ela avança, e avança pra morder, mesmo! Outra: não a deixe escutar a palavra passeio, sob risco de ser obrigado a levá-la para passear. Ela traz a coleira na boca pra você. Nem que seja uma volta no quarteirão. Se alguém dizer passeio e não cumprir a promessa, vai ter de aguentá-la chorando até alguém se compadecer. Massaguaçu, o nome da praia que frequentamos, também é dito a meia-voz. Se a cachorra escuta, fica louca: quer sair e entrar no carro, pronta pra viajar. E se for alarme falso, toca a agüentar birra canina! E o pior ela sabe buzinar. Deixe-a sozinha no carro por 30 segundos pra você ver o que acontece. Ela vai direto pro banco do motorista, apóia as patas na buzina e "manda ver" até algum membro da família vir fazer companhia.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061010203542AAAnJqg1>.

O meu cão de nome Elvis um labrador super negro de olhos amarelados entende quando falamos pra ele a palavra passear, ele fica eufórico olhando para o portão e pulando como louco.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061010203542AAAnJqg1>.

Acho que não entendem tudo por falta de capacidade, mas entendem muita coisa, pense bem: são milhões de anos de convívio, o que dá tempo de entender a raça humana e talvez alguns nos entendam melhor que outros. Tenho uma cadelinha pinsher, quando fui comprá-la, ela sorriu (pois é!) pra mim, dei-lhe o nome de Monalisa, a primeira travessura foi ela me chamar para brincar, ela marca a hora de

ir dormir, pede pra colocá-la na janela, chama quando quer alguma coisa (ela interage), às vezes eu me sinto o bicho de estimação dela, e na vizinhança os donos acham graça que seus cães são meus amigos, acho que eles também escolhem as pessoas.

<http://colunistas.ig.com.br/bichoamigo/2007/01/12/algum-animal-entende-a-linguagem-humana>.

Quem é que fala com cachorro? E eu ouvi uma mulher perguntar à outra. Até onde eu sei um bocado de gente fala. Eu falo. Mas eu não podia dizer isso a ela, porque escutar a conversa alheia já não é conveniente e intrometer-se, com certeza, não seria mais acertado. Mas, me diz, quem mais me escuta desse jeito? Quem mais para tudo que está fazendo e vem ao meu encontro como se não existisse lugar melhor ou outra pessoa mais especial para estar junto? Quem mais permanece ao meu lado e abana o rabo devagar para dizer que tudo vai ficar bem? Quem mais parece sempre concordar comigo, principalmente quando estou triste? Qualquer pessoa que tenha tido um cão sabe a resposta. Qualquer pessoa que tenha sido acordada com lambidas e latidos compreende que, sim, os cães não podem nos responder, afinal, eles não sabem falar, mas eles têm um jeito próprio de interagir e demonstrar o que sentem. A minha cadela percebe, pelo meu tom de voz, se estou pronta para jogar o osso ou se só quero mesmo papear. E quando escolho a segunda opção, sempre me pergunto o que ela diria. Será que ela diria que sou a humana mais legal que ela conhece? Será que ela diria que prefere humanos a cães, como eu acho que ela prefere, confirmando o que penso? Como ela nunca irá falar, eu me permito dublar a voz dela. Parece coisa de louco, né? Pode até ser, mas eu não tenho vergonha em admitir. Além do mais, até os mais sensatos dos humanos falam com os cães. Ou ninguém nunca se surpreendeu dizendo “se puxar a roupa do varal de novo você vai ver, hein.

<http://adestramento.wordpress.com/2008/06/23/quem-e-que-fala-com-cachorro>.

A minha cadela adora conversar, mas, se você falar com ela é provável que ela se faça de desentendida e vire a cara. A dica é perguntar quem é a coisa mais fofa desse mundo? Nessa hora ela irá abanar o rabo freneticamente para responder, sem nenhuma modéstia: sou eu.

<http://adestramento.wordpress.com/2008/06/23/quem-e-que-fala-com-cachorro>.

Tenho duas uma poodle e uma SRD (vira-lata mesmo) são muito inteligentes as duas, pedem para passear, sabem abrir o portão pra sair e pedem água levando o pote vazio até mim, são lindas.

<http://minha.bolsademulher.com/grupos/ver/4687>.

Os cães se comunicam com os donos através dos sinais corporais. Os cães são incapazes de falar, mas comunicam suas sensações por meio de um sistema próprio de sinais corporais. Emoções como indecisão, medo, agressividade, prazer, ou a disposição para brincar são expressadas com movimentos de todo o corpo e face, além de latidos, rosnados e ganidos. É preciso que o dono seja capaz de entender os sinais corporais, prestando atenção principalmente nos movimentos do corpo, orelhas, olhos, boca, língua, rabo, pêlos, na postura do cão e nos sons que ele emite. Quase todos os cães são capazes de emitir sons para expressar suas emoções. Esses sons podem ser ganidos, rosnados e latidos.

<http://animalivre.uol.com.br/home/?tipo=noticia&id=2031>.

## 6.2 EM TEMPO... FLASHES ATUAIS

Uma das edições de Julho de 2009 da Revista VEJA informava em matéria sobre a relação do homem com os animais domésticos que :

Iniciada entre 25 000 e 50 000 anos atrás, a relação entre homens e bichos domesticados teve, a princípio, fins essencialmente utilitários. Cães vigiavam aldeias, ajudavam a caçar e pastorear. Gatos eram bem-vindos por exterminar ratos e outras pragas. Provavelmente a afeição, desde cedo, teve um papel nesse relacionamento. O primeiro indício concreto de um elo de emoção entre um humano e um animal data de 12 000 anos: são restos fossilizados de uma mulher abraçada a um filhote de cão, encontrados no Oriente Médio. O certo é que o afeto remodelou, ao longo dos séculos, os laços que nos ligam a cães e gatos. E continua a remodelá-los. É o que revelam pesquisas de comportamento ao mostrar que, mais até do que amigos, os bichos de estimação são hoje vistos como filhos ou irmãos em boa parte dos lares que os acolhem<sup>70</sup>.

Em outra fonte temos:

O cão é o melhor amigo do homem há 12.000 anos. Nenhuma amizade duraria tanto não fosse construída sobre a sólida base de compreensão mútua e companheirismo. O animal vive em nossa casa, ajuda no trabalho do campo, serve de vigia, brinca com as crianças e nos recebe com festas no fim do dia. Enfim, é praticamente um membro da família. Não é difícil entender por que muita gente, encantada com as habilidades do animal, se deixa convencer de que seu bicho de estimação compartilha sentimentos tipicamente humanos, como ciúme, inveja, vaidade e até algum tipo de pensamento canino. [...] Ao longo desses milhares de anos de convivência, o cachorro se especializou em observar e reagir ao comportamento humano. Em pesquisas que testam a habilidade de seguir as instruções humanas para encontrar alimentos e a capacidade de perceber o foco da atenção das pessoas, o cachorro se sai melhor até que os grandes primatas, nossos parentes mais próximos na árvore da evolução<sup>71</sup>.

A revista Galileu em 2006 corroborava com essa visão:

Mais do que um objeto de adoração, os cães viraram parte da família humana. Tanto que cada vez mais casais adiam a chegada dos filhos – as vezes indefinidamente – para curtir seus animais de estimação. Reflexo disso é o dado no mínimo curioso que dá conta que 42% dos cães dormem na cama com seus donos [...] Muitos cientistas negam que os cães tenham sentimentos. Sigmund Freud não era um deles: “Os cães amam seus amigos e mordem seus inimigos. Bem diferente das pessoas, que são incapazes de sentir o amor puro e tem sempre que misturar o amor e o ódio em suas relações”. Emocionalmente, cães são tradicionalmente ligados aos

<sup>70</sup> NOSSA família animal. Veja, São Paulo: jul. 2009. Revista eletrônica. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/220709/nossa-familia-animal-p-084.shtml>>. Acesso em: 22 jul. 2009.

<sup>71</sup> SABE o que seu cão está pensando? Veja. São Paulo: agosto 2006. Revista eletrônica. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/160806/p\\_102.html](http://veja.abril.com.br/160806/p_102.html)>. Acesso em: 01 jan. 2009.

sentimentos nobres [...] Ainda que todas as outras espécies animais deste planeta mereçam respeito que os homens não costumam dar, os cães são dignos de uma atenção especial<sup>72</sup>.

Mais direcionado ao público especializado – distribuidores e veterinários – a revista *Cães e Gatos* considerava:

Com a modernização, o animal que servia apenas de suporte começou a ser visto numa outra versão: o animal de estimação, onde principalmente cães e gatos passam a ser tratados como membros da família, capazes de substituir filhos, amigos ou parceiro conjugal, uma vez que o amor incondicional, a lealdade, a compreensão sem crítica, dos quais são dotados, estão muitas vezes ausentes na relação entre pessoas<sup>73</sup>.

A mesma revista trazia ainda outras considerações:

“Não podemos dizer com certeza se o amor que sentimos pelos cachorros é o mesmo que temos pelos humanos, mas as pesquisas indicam que sim, que isso é possível”, afirma Takefumi Kikusui, da universidade de Azabu. Não só cuidamos de nossos cachorros como se fossem nossos filhos, mas também os amamos de forma muito parecida. Amor do tipo de exibir foto do cão na mesa de trabalho, de sentir saudade, de passar noites em claro de o bichinho não estiver bem. [...] “Os cachorros estão se tornando mais e mais nossa fonte de apoio”, diz James Serpell, biólogo da universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. “A tendência é que eles ocupem o vazio deixado por casamentos defeituosos e pela demora em ter filhos, muito comum hoje em dia”. Isso é sentido na prática: pessoas separadas e viúvas consideram o cachorro mais importante do que a própria família – para elas, os animais fazem o papel de amigos próximos ou de filhos<sup>74</sup>.

As últimas cinco citações, inseridas a tempo, demonstram a presença marcante do assunto sobre o relacionamento homem-cão em revistas atuais de vários segmentos. Também como forma de ilustrar o fato que o cão se tornou parte da família de muitos humanos ocidentais nos últimos anos.

---

<sup>72</sup> ALGO de novo no reino dos humanos. GALILEU, São Paulo: Globo, dez. 2007. Mensal. Continuação de Globo Ciência. ISSN 1415-9856 (p. 40-53)

<sup>73</sup> RELACIONAMENTO homem e animal. CÃES E GATOS, São Paulo: mar. 2009, ano 24, n. 122, p. 28-32, mar 2009.

<sup>74</sup> HUMANO. SUPER INTERESSANTE. São Paulo, mar. 2009, n. 263, p. 54-63, mar. 2009

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação e estreitamento na relação entre o homem e o cão proporcionaram a ambos a possibilidade de se desenvolverem e criarem novas formas de trocas dentro da relação. No homem desencadeou o interesse por entender e buscar resposta as variantes existentes nesse relacionamento, em criar condições cada vez mais favoráveis para que o cão tenha longevidade, utilizar a ciência como ferramenta na busca da cura para as enfermidades, em desenvolver produtos cada vez mais específicos e que atendam as necessidades e desejos dos cães e dos seus donos.

Por outro lado, nos cães, essa relação favoreceu o aprimoramento e desenvolvimento da inteligência, onde, cada vez mais, cães demonstram vontades próprias e comportamentos de reciprocidade as tentativas de comunicação do homem, que provavelmente seria impossível de se aceitar a algumas dezenas de anos.

Diante deste cenário de desenvolvimento, fica evidente que a comunicação não está estática e tem tomado novas dimensões, está em profundas mudanças a algumas centenas de anos.

Considerar que o cão tem a capacidade de se comunicar com o homem tem entrado na pauta de discussões de pesquisadores das áreas de comunicação, biologia, veterinária, psicologia, e os resultados, embora ainda muito restritos, sinalizam positivamente a essa possibilidade.

A pesquisa de campo realizada com 40 indivíduos das mais diversas áreas nos mostrou que 38 deles, ou seja, 95% acreditam que o animal tem a capacidade de se comunicar conosco, de se fazer entender através de comportamentos que desenvolvem, seja atendendo a um comando, seja demonstrando uma vontade própria. A outra parcela dos entrevistados, duas pessoas, o que representa 5%, não compartilham desse pensamento, mas deixaram claro que não mantém proximidade com cães.

Em pesquisas realizadas na internet, a quantidade de adeptos a idéia de trocas comunicacionais com cães é imensa, selecionamos apenas alguns que nos chamaram mais a atenção ao advogarem especificamente a favor do nosso

posicionamento.

A inteligência dos cães é condição para que eles sejam capazes de realizar trocas comunicacionais com os humanos. Os cães são animais muito desenvolvidos e detentores de inteligência que pode ser aprimorada com o passar do tempo dependendo de sua história de vida, ou o que lhe foi ensinado, ou a cultura do ambiente onde está inserido.

Ao considerar que o cão tem inteligência suficiente para responder a estímulos é cabível atribuir-lhe a capacidade de se comunicar com o homem.

Enfim, atribuímos ao cão a capacidade de se comunicar com o humano, de forma cada vez mais sofisticada se comparada a algumas centenas de anos, período em que nossa afirmação seria provavelmente classificada como sandice, bobagem, invenção ou loucura.

O homem tem, a cada dia, estreitado seus laços afetivos e relacionais com seus cães, atribuindo-lhes posições invejadas por muitos outros humanos. Ao assumir esse comportamento, o homem proporciona a espécie canina condições para que sua capacidade e inteligência se desenvolvam e seu potencial comunicativo se torne cada vez mais sofisticado e capaz.

Onde essas capacidades e inteligência dos cães podem chegar dificilmente poderemos afirmar ou sequer prever.

Se no processo evolutivo do homem ele conseguiu andar ereto, como decorrência do contato com objeto desconhecido deu-se introdução a modificação, desenvolvimento de ferramentas, nomeação das coisas, desenvolvimento da linguagem, socialização organizada, passou a buscar a razão da vida, desenvolvendo a ciência, a religião, criou novos conceitos arquitetônicos e novos meios de construção, criou a televisão, o carro, o computador, a bomba atômica.

Mas será possível, que daqui a alguns outros milhões de anos, nossos descendentes poderão presenciar a evolução da raça canina de forma semelhante a que evoluiu a raça humana, como mostrou a Warner Bros no filme como cães e gatos?<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://catsanddogsmovie.warnerbros.com/cmp/main.html>>.

## REFERÊNCIAS

A DIVERSIDADE de sinais e sistemas de comunicação sonora na fauna brasileira. Disponível em: < [http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/10\\_vielliard.pdf](http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/10_vielliard.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2009.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 21 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ACZEL, A. D. **O caderno secreto de Descartes**. RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar, 2007.

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGILITY. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Agility>>. Acesso 01 jun. 2009.

ALGO de novo no reino dos humanos. GALILEU, São Paulo, n. 197, dez. 2007.

ANIMAIS de estimação: da competição a simbiose. Disponível em: <<http://homopetsapiens.com/project/PetsHPSP.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2009.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CÃES, gatos, aves, peixes e roedores - animais de estimação em geral podem ser treinados com o método Clicker. Disponível em: <<http://www.petbrazil.com.br/bicho/caes/gen13.htm>>. Acesso em 31 dez. 2008.

CHAPARRO ESCUDERO, Manuel. **Comunicação e desenvolvimento**. Mesa Redonda Brasil Espanha, In: COLOQUIO Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação, 5, 2008, Brasília. Mesa redonda Brasil Espanha, 2. Brasília, 2008.

CHENEY, D.L.; SEYFARTH, R.M. **How monkeys see the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1990; apud Krebs e Davies, 1996.



COELHO, T. **Moderno pós-Moderno**. São Paulo: L&PM editores S.A., 1986.

COMO cães e gatos. Disponível em:

<<http://catsanddogsmovie.warnerbros.com/cmp/main.html>>. Acesso em: 05 mar. 2009.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

COREN, S. **The intelligence of dogs**. New York: Free Press, 2006.

DANTAS, Leda. Pós-modernidade e filosofia da história. 2008. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/25.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2009.

DEAG, J. M. **O comportamento social dos animais**. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

DEWEY, J. **Experiência e natureza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ESTRATÉGIAS adaptativas em sociedade de formigas. Disponível em:

<[http://www.fee.unicamp.br/revista\\_sba/vol10/V10A232.pdf](http://www.fee.unicamp.br/revista_sba/vol10/V10A232.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2009.

FREE, J.B. **The social organization of honeybees**. Studies in biology, n. 87. Temas da biologia volume 13. São Paulo: EDUSP, 1980.

GOMES, W. B. A **entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente**. Psicol. USP vol. 8 n. 2 São Paulo 1997. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641997000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 02/01/2009. doi: 10.1590/S0103-65641997000200015.

GOW, P. **O parentesco como consciência humana: o caso dos piro**. Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1997. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 MAR. 2008. doi: 10.1590/S0104-93131997000200002.

HALLOWELL, I. **Ojibwa Ontology, Behavior and World View**, in S. DIAMOND, (ed.), *Culture in history: essays in honor of Paul Radin*. Nova York: Columbia University Press, 1960.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HUMANIDADE e animalidade. Disponível em:  
<[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_28/rbcs28\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm)> Acesso em 03 jan. 2009.

HUMANO. SUPER INTERESSANTE. São Paulo, mar. 2009, n. 263, p. 54-63, mar. 2009.

INGOLD, T (ed). **Humanity and Animality**, *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, 1994, pp. 14-32. Tradução de Vera Pereira. Disponível em:  
<[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_28/rbcs28\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm)>. Acesso em 01 jan. 2009.

LAING, R.D. **O eu e os outros**. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

LATOUR, B; FLECK L., (Org.) **The Genesis and Development of a Scientific Fact**. Chicago: University of Chicago. MAIA, C. A. Realismo científico e construtivismo sócio-lingüístico. In em Bruno Latour e Ludwik Fleck. 2008. Disponível em:  
<<http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35929.doc>>. Acesso em 01 jan. 2009.

MAIA, C. A. **Realismo científico e construtivismo sócio-lingüístico**, em Bruno Latour e Ludwik Fleck. 2008, p. 16. Disponível em:  
<<http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35929.doc>>. Acesso em 01/01/2009.

MARTINO, L.C. **De qual comunicação estamos falando?** In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MATOS, O. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1995.

NOSSA família animal. Veja, São Paulo: jul. 2009. Revista eletrônica. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/220709/nossa-familia-animal-p-084.shtml>>. Acesso em: 22 jul. 2009.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PÓS-MODERNIDADE e filosofia da história. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/25.pdf>>. Acessado em: 05 mar. 2009.

RELACIONAMENTO homem e animal. CÃES E GATOS, São Paulo: mar. 2009, ano 24, n. 122, p. 28-32, mar 2009.

RODRIGUES, A. **Psicologia social**. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

SABE o que seu cão está pensando? Veja. São Paulo: agosto 2006. Revista eletrônica. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/160806/p\\_102.html](http://veja.abril.com.br/160806/p_102.html)>. Acesso em: 01 jan. 2009.

SCHETTINI FILHO, L. **A coragem de conviver**: uma forma de organizar as relações interpessoais. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SERPELL, J.A.. **The domestic dog**: its evolution, behavior and interactions with people. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SHERICK, I. **The significance of pets for children**: illustrated by a latency – age girl's use of pets in her analysis. *Psychoanalytic Study of the Child*, 1981.

SOBRE macacos, abelhas e linguagem. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewPDFInterstitial/4432/3351>>. Acesso em 15 jan. 2009.

SOCIEDADE Protetora dos animais. In: **Google**. Disponível em:<[www.google.com](http://www.google.com)>. Acesso em 04 jan. 2009.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

UMA loja onde os animais de estimação podem ser comprados. Disponível em <  
<http://www.thefreedictionary.com/pet+shop>>. Acesso em 31 dez. 2008.

WARDEN, C.J; WARNER, L.H. **The sensory capacities and Intelligence of dogs,** with a report on the ability of the noted dog "Fellow" to respond to verbal stimuli. The quarterly Review of Biology, Chicago: v. 3, n. 1, 1928.

**ANEXOS**

## **Reportagens exibidas na TV a respeito de comunicação homem-animal**

### **Cãozinho ajuda jovem a vencer câncer linfático.**

Nos dias mais difíceis do tratamento, Nick, da raça pug, era a ligação da estudante com o mundo sem sofrimento. A estudante Caroline Rachel de Oliveira faz o convite que todo cachorro adora: “Vamos passear?”. E lá vai Nick, um cãozinho da raça pug com cara de bravo. Só cara. O bicho é curioso e muito engraçado. Ele senta, deita, faz cara de triste, rola, se finge de morto, demonstra estar com fome. Tudo isso por um petisco. E tem mais: Nick ainda dá tchauzinho. Carol ensinou tudo sozinha para ele.

A história de Carol e Nick é muito bonita, mas começa de um jeito triste. Ela é filha única de um casal de médicos. A doutora Mery Gonzaga De Oliveira se lembra bem daquele Dia das Mães do ano de 2005. Foi quando chegou a notícia de que a filha estava com uma doença grave. “Ela perguntava se eu tinha algum diagnóstico e não queria falar. Eu dizia que havia algumas suspeitas, mas que íamos esperar os resultados para ter uma certeza. Não era a minha área, estávamos dependendo de outros médicos para chegar a uma conclusão. Então, ela pediu para eu responder apenas uma coisa: 'O tratamento para o que você imagina que eu tenha vai me fazer perder cabelo?'. Eu disse que ia. Ela assumiu bem isso. Foi muito valente”, lembra a mãe de Carol.

A família feliz, com uma vida tranquila, viu o mundo desabar do dia para a noite. Logo começaram as sessões de quimioterapia e radioterapia, que levaram um ano e meio. Mas um remédio fez toda a diferença durante o tratamento: o amor dos pais e de um amigo especial, cheio de energia e de carinho para dar. Esse amigão é Nick, que ajudou Carol a enfrentar um câncer linfático.

Naqueles dias difíceis, dolorosos, o pug era a ligação da menina com o mundo sem sofrimento. “Isso me ajudou a superar a fase difícil da doença porque eu me entretinha, não ficava pensando em coisas ruins, como o tratamento em si. Eu pensava em como adestrar o Nick. Fiquei meio obsessiva. Pode não ser muito saudável, mas na época me ajudou muito. Na época, foi saudável porque eu estava precisando”, conta Carol.

Então, foi uma troca: nesse um ano e meio, Carol ganhou atenção exclusiva do amigo que chegou filhotinho; e ele aprendeu um montão de truques com ela. “Foi um amigo que me ajudou muito na época. Eu não podia ir para a escola porque estava com a imunidade muito baixa em virtude da quimioterapia. Então, ele me fez muita companhia. Companhia que os amigos acabaram não fazendo porque eu não podia ir para a escola, não podia ter muito contato com as pessoas, sob o risco de pegar alguma doença que atrapalharia o tratamento. Ele me fez muita companhia. Ficava comigo o tempo todo. Foi um amigo fiel, sempre abanando o rabo, disposto a aprender uma coisa que eu inventava”, diz Carol.

Nick foi mesmo um santo remédio. Quem receitou foi o doutor Vicente Odone Filho, oncologista respeitado internacionalmente e médico da menina. “No caso específico da Carol, sentimos que ela esperava receber um cachorrinho e o surgimento da doença pôs em cheque aquela expectativa. Ela ficou doente e talvez não pudesse ter o animal. Saber que ela podia tê-lo foi uma grande alegria para ela e representou um sentido de participação, de normalidade, de atividade, da vida que ela gosta de ter. Foi absolutamente fantástico. Eu acho que isso é reproduzido em todas as crianças que vivenciam esse tipo de experiência. É algo que eu estou plenamente convencido de que só faz bem no tratamento dessas doenças tão graves”, afirma o médico.

O que o doutor não imaginava é que esses dois iam se dar tão bem! Nos momentos mais complicados do tratamento parecia até que Nick entendia o que estava acontecendo. “Se ele a visse chorar, ficava meio apavorado. Ele é tranqüilão, está sempre deitadinho. Mas quando ela chorava, ele ficava agitado e andava de um lado para o outro, preocupado, querendo fazer alguma coisa. Ele dava essa sensação. Ele olhava muito para mim e, em seguida, para ela. Dava a impressão de que ele queria que fizéssemos alguma coisa porque ela estava chorando. Ele percebia que ela não estava se sentindo bem. Era incrível como ele demonstrava isso”, conta a mãe de Carol. “De alguma forma, eu acho que ele entendia que eu precisava dele ao meu lado, me fazendo companhia. Então, ele estava lá. Não significa que ele entendesse assim”, diz Carol.

Doutora Mary é ginecologista e admite que Nick é responsável – em grande parte – pelo bem-estar e pela cura da filha. “Ela ficava feliz, estava sempre brincando, sorrindo, criando coisas com ele. O tempo passava, e conseguíamos adiantar o tratamento, porque ela estava com uma cabecinha boa, feliz, sem

depressão, sem chorar. Lógico que ela tinha que estar mal em alguns períodos quando sentia dor. Ela decaía um pouquinho, mas ele estava sempre ali”, lembra. E assim essa história teve um final feliz. Carol, que ficou doente aos 14 anos, venceu o câncer. E Nick, com jeito "simpaticão" e fiel, conquistou para sempre um lugar na vida da família. “Nem sei como encontrar uma palavra para descrever o Nick. Ele é perfeito para mim, sempre foi”, define Carol. “Tenho uma dívida de gratidão imensa com ele, porque eu via que ele conseguia alegrar a minha filha. Nas piores horas, ele estava ali. É engraçado como a família toda participou disso: minha mãe, minha irmã, minhas sobrinhas. Todo mundo tem um carinho muito especial por ele. Todo mundo tem esse sentimento de gratidão por ele”, conta a mãe de Carol.

**Cãozinho ajuda jovem a vencer câncer linfático.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL979967-16619,00-CAOZINHO+AJUDA+JOVEM+A+VENCER+CANCER+LINFATICO.html>>. Acessado em 30 de janeiro de 2009.

## **Cães aprendem a salvar vidas em São Paulo.**

Animais trabalham com bombeiros no resgate de vítimas soterradas em acidentes.

Os pêlos brancos do focinho de uma moradora de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, não enganam: trata-se de uma senhora. Do alto dos seus dez anos, Anny tem muita história para ser lembrada. Ingrid Angeli Panagassi, da mesma idade, cresceu junto com a cadela da raça labrador. Ela fica emocionada quando fala de uma missão importante de que Anny participou. “A ocorrência do metrô foi a que mais marcou. Eu acompanhei pela TV”, conta a menina.

Em janeiro de 2007, uma gigantesca cratera se abriu na obra da futura Estação Pinheiros do metrô de São Paulo. Sete pessoas morreram soterradas. Lá embaixo, Anny ajudou os bombeiros na procura dos corpos. O cabo Maximiliano Panagassi trabalhou no resgate atento às indicações da companheira. “Ela e a irmã, Dara, localizaram todas as vítimas que estavam lá. E como a área era muito grande, as cadelas iam localizando e, depois, as guarnições iam cavando para chegar até às vítimas, devido à profundidade. As vítimas sempre estavam onde elas haviam sinalizado”, conta. Esse talento todo rendeu a Anny uma vaga de profissional no



quartel dos bombeiros do bairro do Ipiranga. Foram oito anos de carreira, sempre resgatando pessoas, cuidando de vidas. Ela chegou às mãos do cabo Panagassi com apenas 45 dias de vida. Uma doação, porque o dono do canil achava que Anny não era uma cadela perfeita. “Ela nunca teve medo de nada. Por isso, entra em qualquer lugar para farejar. Vai até o ponto em que sente o odor – o venteio – e segue até o final. É um cão bem corajoso”, avalia. Salvar vidas: essa missão tão nobre transforma o Corpo de Bombeiros em uma fábrica de heróis humanos e também caninos. O treinamento dos cães farejadores começa cedo, assim que os filhotes chegam ao quartel. Os exercícios não param nunca, devem seguir por toda a vida. Não é preciso ficar com pena dos cachorros, achando que eles têm uma vida difícil, sacrificada. O que para os homens parece trabalho, para eles é uma grande brincadeira.

Conan começa o dia com alongamento. Já Safira precisa ter mais equilíbrio. A cadela treina para passar por locais estreitos, como se estivesse entre os destroços de um desabamento. Mas o maior talento desses animais é natural: o poderoso faro, 40 vezes mais sensível que o olfato humano. Basta soltar Conan e ele encontra rapidamente um bombeiro escondido na mata. Anny já enfrentou essa situação muitas vezes. E depois de quase uma década de trabalho ela foi reformada. Isso mesmo: aposentada. Como todo militar, em uma cerimônia oficial. Ganhou medalha e recebeu atenção até do governador José Serra. Essa "garota" deixou saudade. “Para mim, o cão é mais um bombeiro, um amigo. Tanto que a minha cadela se aposentou e agora ela faz parte da família”, diz o cabo Panagassi. E essa ligação é mesmo muito forte, com toda a família. Sem falar na meninada da vizinhança, que se derrete pela grandalhona. “Um cachorro é para você ter para a vida inteira. Aqui ou em outro lugar, você sente a presença dele. É um companheirismo que não dá para explicar. O amor que você sente é tão grande que supera barreiras”, afirma Isabela Tossi Roggero, de 11 anos. Isabela está certa. E é por causa desse amor que Ingrid fica emocionada quando fala de Anny. “Ela é muito linda. Cresceu junto comigo. Ainda bem que está aposentada”, diz. O pai de Ingrid – e treinador de Anny – fica orgulhoso. E quem não ficaria? Afinal, ele criou uma heroína. “Sentimos a obrigação de cuidar desse cão. Depois de viver oito anos com ele, não tem como doá-lo para outra pessoa. Ela já ajudou bastante. É uma cadela que merece o céu”, conclui o cabo Panagassi.

**Cães aprendem a salvar vidas em são Paulo.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL979968-16619,00-CAES+APRENDEM+A+SALVAR+VIDAS+EM+SAO+PAULO.html>>. Acessado em 30 de janeiro de 2009.

## **Labrador guia passos de atriz cega.**

Desde que passou a ter os olhos de Higgans como um pedaço de si mesma, Danieli Haloten deixou de lado a bengala.

Longe de Santa Catarina, a palavra proteção move a amizade entre a atriz Danieli Haloten e o labrador Higgans. Em Nova York, ele levou a moça para conhecer o edifício mais alto da cidade: o Empire State.

No Rio de Janeiro, uma situação incrível: a porta do elevador se abre, Higgans sai e Danieli, que é cega, fica perdida entre os andares. Quando ela finalmente consegue voltar, o labrador, de 40 quilos, está lá. “Ele ficou me esperando na porta até que eu descesse do elevador. Ele sabia melhor do que eu qual andar onde teria que descer. Este é o marido fiel”, diz Danieli.

Fidelidade canina. Também, pudera. O labrador, de cinco anos, foi treinado nos Estados Unidos e doado por uma ONG americana. Ele só entende inglês e é visto como uma parte da dona. “Ele é meus olhos. Não me deixem sem ele, porque eu me sinto completamente cega”, diz Danieli. Para tê-lo como guia, Danieli recebeu aulas intensivas. Foi preciso aprender os comandos para lidar com o cão. “O treinamento era das 6h30m até as 22h, de domingo a domingo, em um internato onde eu fiquei nos Estados Unidos. Eles deixaram o cachorro no meu quarto, e eu estava muito cansada. Não tive dúvidas: deitei na cama. Ele deitou no chão. Quando os treinadores abriram a porta, era só risada. Essa dupla deu certo. De cara, ficamos amigos. Ele é meu companheiro de cama, literalmente. Ele ronca enquanto eu durmo”, conta Danieli. Desde que passou a ter os olhos de Higgans como um pedaço de si mesma, Danieli deixou de lado a bengala, usada durante anos. “A diferença entre usar bengala e ter um cão guia é a mesma de você pegar um carro velho e um carro de última geração. Esse seria um bom comparativo. A bengala ajuda, mas o cachorro dá mais independência. Ele é treinado para desviar e avisar todos os obstáculos. Às vezes, dependendo do passo que você dá com a bengala, seu pé cai em um buraco”, diz Danieli. Cidade grande, trânsito, gente para

todo lado. E, mesmo assim, Higgans chama atenção por onde passa. Ele é tão dócil e simpático que qualquer pessoa pode se apaixonar. Mas Danieli ensina o seguinte: ele é muito mais do que um bicho de estimação. “Ele é a minha segurança”, diz. Por isso, todo mundo deve colaborar para não tirar a concentração dele. “Quando vir um cão guia andando, nem peça para brincar com ele, porque você vai atrapalhar não só o cão, mas a pessoa que ele estiver guiando e quem estiver atrás, andando no fluxo. Se o cachorro se distrair e não prestar atenção em mim e não me avisar quando existe um obstáculo, eu posso levar um tombo feio ou bater a cara em um poste”, conta Danieli, que vive em Curitiba e está no Rio para a maior oportunidade de sua vida: vai atuar em uma novela da TV Globo. Um novo caminho – aberto pelo talento da atriz e guiado pelos olhos do amigo Higgans. “Costumo dizer que o Higgans salva a minha vida todos os dias, porque ele me avisa sobre todos os obstáculos. Já imaginou quantas escadas eu poderia ter rolado abaixo, quantos buracos se eu não tivesse ele? Ele está aí para isso. É o meu filhote. Tenho um amor muito grande por ele”, declara Danieli.

**Labrador guia passos de atriz cega.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL980037-16619,00.html>>. Acessado em 30 de janeiro de 2009.

## **Pesquisador diz que convivência entre homens e animais precisa de limites.**

A vida da empresária Renilce Cavalcanti e de Vítor dos Santos Borges, um menino pobre do interior da Bahia, é bem diferente, mas muito parecida em um ponto: ele também faz a sua parte. Vítor adotou Pepe, um vira-latas que passeia todo feliz pelas ruas de São Felipe, no Recôncavo Baiano. Quem vê o cãozinho não imagina como ele foi resgatado em uma rua de Salvador. Pepe foi salvo por Jussara Miranda Freire, voluntária da ONG Terra Verde Viva que cuida de animais abandonados. “Quando passei e olhei, ele fixou o olhar no meu. Eu disse que ele estava precisando de ajuda. Nós paramos o carro, e ele prontamente pediu ajuda. Quando abrimos a porta do carro, ele entrou”, lembra Jussara. Ao entrar na casa de Vítor, logo se percebe que quase tudo gira em torno do novo morador. E não é para

menos. Todo mundo confirma que a chegada de Pepe deixou a família muito mais feliz. O encontro de Vítor e Pepe foi em uma feira de adoção que a ONG fez em São Felipe. E sabe quem escolheu quem? “Ele chegou na minha perna, e eu nem precisei escolher”, conta Vítor, de 11 anos. A estudante Caroline Rachel de Oliveira, o analista de sistemas Egon Budag, a empresária Renilce Cavalcanti, o menino Vítor dos Santos Borges: gente tão diferente e tão apaixonada. O brasileiro é mesmo louco por bichos. Não há números precisos, mas os fabricantes de alimentos para animais de estimação calculam que há 31 milhões de cães e 15 milhões de gatos no Brasil, sem contar os que estão nas ruas. Um negócio que rende quase R\$ 3 bilhões por ano, só em ração. Números que perdem apenas para o mercado americano. Uma paixão que faz bem, que favorece a troca de afeto. É a opinião do pesquisador da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Murilo Battisti. Mas é preciso ter limites. “Acima de tudo, é importante entender que relação entre homem e animal deixa de ser saudável quando o homem deixa de respeitar o animal e suas necessidades e passa a tratá-lo como outro ser humano. Isso não significa que a pessoa não possa ter o animal como parte da sua família, que não possa ter por esse animal um amor incondicional. No entanto, ela não pode confundir com uma relação de uma pessoa com outra pessoa. Aí, ela deixou de ser saudável”, esclarece o pesquisador.

**Pesquisador diz que convivência entre homens e animais precisa de limites.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL980046-16619,00.html>>. Acessado em 3- de janeiro de 2009

### **Homem arrisca a vida para salvar animais.**

A tragédia em Santa Catarina deixou mais de 130 mortos. Ainda há dor e destruição até onde a vista alcança. O Morro do Baú, no município de Ilhota, foi uma das regiões mais atingidas. Joelma e o analista de sistemas Egon Budag viveram todo o drama da enchente. Na chegada ao sítio onde o casal morava dá para notar a alegria dos cavalos. “Na nossa ausência, eles ficam preocupados. Quando alguém vem, é aquela festa”, conta Egon.

Uma foto tirada antes da catástrofe revela que o lugar era um paraíso. Agora está totalmente transformado. Imagens gravadas pelo próprio Egon mostram como a força brutal da natureza agiu naquele sábado de novembro. “Parecia algo poderoso, não havia o que fazer. Você tinha que respeitar. Não tinha mais o que pensar sobre o assunto, só deixar acontecer. Não dava para fazer nada. A natureza já tinha decidido”, diz Egon. O casal perdeu cinco vizinhos soterrados na avalanche de lama e acompanhou o desespero dos animais, que não sabiam para onde correr. “Eu senti o sofrimento dos animais, o desespero deles. Estavam totalmente desamparados. Eu sabia que eles iam morrer porque não havia comida nem quem os alimentasse. A princípio, eles estavam apavorados. Muitas vacas mugiam. Era um choro só na região. Os cachorros uivavam. O problema dos porcos é que eles estavam presos dentro dos chiqueiros e não houve tempo para as pessoas libertá-los. Eu tive que pegar pedaços de pau e pedras para demolir, porque não existiam portas”, lembra Egon. Sempre ouvimos dizer que o cachorro tem um amor incondicional pelo dono. Mas em Ilhota o dono provou que sente esse mesmo amor sem limites – não só pelos cães, mas por todos os bichos. No dia da tragédia, a água do rio subiu rapidamente. A correnteza arrastou pedras enormes, trouxe troncos de árvores e levou muita lama para dentro das casas. Mesmo assim, Egon não desistiu da ideia de só deixar o sítio quando todos os animais estivessem em segurança. Por isso ele arriscou a própria vida e chegou até a recusar ajuda de um helicóptero de salvamento que pousou no meio do quintal. O comandante da operação tentou convencê-lo. “Eu disse para ele: ‘Sei que o senhor está preocupado comigo, com a minha vida, mas fui preparado, estou esperando isso aqui e essa é a minha vivência, minha vida. A vida de todos os animais da redondeza vale muito mais do que a minha’”, conta Egon. A ordem da Defesa Civil era para que todos deixassem a área imediatamente. Joelma foi resgatada, mas Egon – mesmo isolado – não arredou pé. Cachorros apareciam de toda parte. Entre eles, Pretinha, que é cega. Só uma semana depois, e já com cinco cães no sítio, outro militar conseguiu fazê-lo mudar de ideia. “Veio um soldado muito simpático e prestativo, dizendo que eu tinha que embarcar. Eu disse embarcaria, mas tinha que levar meus amigos. Ele disse que eu não podia. Então, eu disse que também não voltaria. Ele foi perguntar para o comandante se era possível. Ele saiu correndo em direção ao helicóptero e de lá deu sinal positivo. Naquele momento eu me emocionei. Foi um alívio para mim poder levar esses pequenos animais”, conta Egon. O piloto era o major Artur, da

Polícia Militar do Paraná. Ele acomodou os cinco cães no bagageiro do helicóptero e diz que ficou emocionado com a determinação de Egon. “Assim como muitas pessoas, eu também gosto de animais. Se estivesse no lugar dele, jamais abandonaria meus animais de estimação em um local de risco como aquele, sem comida nem água. Com certeza, eu também ficaria. Entendi a situação dele. Por isso, nós fizemos o possível para atendê-lo. Assim, todo mundo ficou feliz, inclusive os cãesinhos”, diz o piloto. Hoje Egon e Joelma vivem em Blumenau com a certeza do dever cumprido. “Fiquei muito feliz quando carregamos aquela gaiola até o helicóptero. O soldado também estava feliz. Foi um momento muito legal”, lembra Egon. “Esses animais são formidáveis. Eles também são nossos irmãos. Nós formamos um elo de amizade que nos une e também nos protege mutuamente”.

**Homem arrisca a vida para salvar animais.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL979970-16619,00.html>>. Acessado em 30 de janeiro de 2009.